

OS
ARCANOS

OS
ARCANOS

Romance

Mauricio Duarte

OS ARCANOS

Copyright 2015 . Mauricio Antonio Veloso Duarte
(Swami Divyam Anuragi)

Todos os direitos reservados.
Você não pode copiar, exibir, distribuir,
executar, criar obras derivadas nem fazer uso
comercial desta obra sem a devida permissão do autor.

Design de capa, página e diagramação:
Mauricio Duarte

Ilustração de capa:
Detalhe da obra Concretude de Mauricio Duarte

Agradecimentos:

Ao professor e amigo Marco Antunes do Desafios dos Escritores (Núcleo de Literatura da Câmara dos Deputados de Brasília) pela orientação, paciência e entusiasmo que permitiu a realização desse romance.

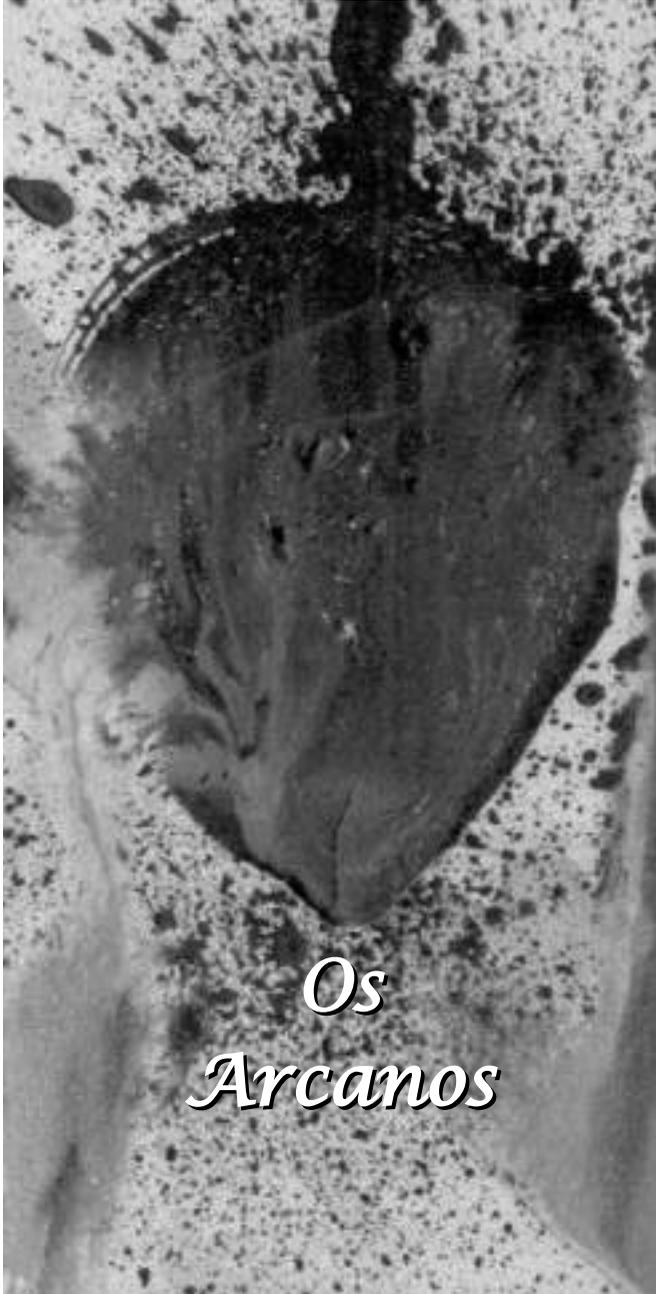
Dedicatória:

Dedico este livro ao Divino Espírito Santo, Pessoa da Trindade tão esquecida.

Sumário

Capítulo I . O mago	9
Capítulo II . A papisa	21
Capítulo III . A imperatriz	29
Capítulo IV . O imperador	36
Capítulo V . O pontífice	41
Capítulo VI . O enamorado	46
Capítulo VII . A carruagem	51
Capítulo VIII . A justiça	56
Capítulo IX . O eremita	62
Capítulo X . A roda do destino	69
Capítulo XI . A força	74
Capítulo XII . O suspenso	80
Capítulo XIII . O ceifador	87
Capítulo XIV . A temperança	93
Capítulo XV . O diabo	99
Capítulo XVI . A torre	106
Capítulo XVII . A estrela	114

Capítulo XVIII . A lua	121
Capítulo XIX . O sol	128
Capítulo XX . O julgamento	135
Capítulo XXI . O mundo	142
Capítulo XXII . O louco	150



*Os
Arcanos*



Capítulo I
O mago

Onde você acha que Deus estaria entronizado se estivesse na nossa Terra? Para Nonato Cardoso dos Santos, Deus estaria em algum lugar do Ceará, mais precisamente em Juazeiro do Norte. Pois foi lá que ele, Nonato virou santo. O santo de Juazeiro.

Muito do que eu vou contar agora aconteceu porque Nonato é um homem teimoso ou seria melhor dizer ele era um homem de fibra? Seja como for, o nosso herói não deixa barato quando tem que vender caro... E foi a ferro e fogo que ele abriu caminho para a sua santidade.

Não digo que Nonato tenha se iludido com as promessas pseudo-caridosas da igreja e acabou virando um desses moralistas que são uns tremendos santos do pau oco. Não. Ele conseguiu mesmo graça aos olhos do Senhor.

Foi num 2 de fevereiro de 2002 que Nonato chegou em Juazeiro vindo do Crato e do sertão de Pernambuco, caminhante que era. Estava para acontecer a Romaria de janeiro e do mês seguinte, o último dia prá dizer a verdade e Nonato vinha em busca das graças que Nossa Senhora das Candeias pudesse conceder aos romeiros, ele inclusive. A cidade estava cheia de pessoas novas vindas dos mais diversos estados do Brasil e até do exterior. A praça com a estátua de Padre Cícero ficava apinhada de gente nesses dias. A notícia do milagre do Padre

Cícero, aquele da hóstia consagrada na boca da beata Maria de Araújo que virou sangue, há muito tempo chegara aos ouvidos de todo o mundo.

Embora o Vaticano não tivesse reconhecido a santidade do Padim Cisso, os religiosos do povo não se fizeram de rogados e Ju-

azeiro virou um grande centro de fé e oração. Fora isso, Juazeiro era uma grande cidade que formava a conurbação Crajubar com as cidades do Crato e de Barbalha.

Dito isso, acho por bem avisar que Nonato não é um dos romeiros que vem de ônibus leito ou de automóvel próprio para as festividades. Não. Ele vem a pé, como eu tinha contado anteriormente, ele é um caminhante. E como tal tinha passado por poucas e boas em suas andanças. Procurava algum repouso em Juazeiro. Mal sabe ele. Mas o que o espera é tudo, menos repouso...

Por amor e honra e pela glória a Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo, Nonato vinha para a reza do terço, para as missas e todas as festividades de Nossa Senhora das Candeias. Carregava consigo uma lanterna, um bastão-bengala, um cantil e uma arma de fogo para proteção. Também tinha um matulão com um 8 bordado, presente de sua mainha, Dona Regina, que ele usava desde a adolescência. Ele contava agora com 36 anos de idade. Tinha a aparência de um retirante com aquelas coisas no matulão que carregava. A barba por fazer de muitos dias não mentia, o homem tinha poucas posses e sua situação não era apenas circunstancial a julgar pelos sapatos gastos e pelas roupas já quase maltrapilhas...

O dono do hotel em que ele foi se hospedar ao chegar à cidade não tinha motivos para gostar dele:

--- Mendigo aqui não!

Também não era para menos, a aparência de Nonato era de dar dó. E ele reconhecia isso. Teria que arrumar algum lugar prá, pelo menos, tomar um banho. Nunca tinha sido fácil a vida de caminhante, ele já tinha passado por adversidades monstruosas como aquela vez em que pediu carona para um traficante sem sa -

ber que o distinto circulava pelo mundo do crime, o que só veio a perceber quando se separaram, ou aquela em que estava sem documentos numa blitz da polícia. Certamente o contratempo no hotel não seria das piores coisas que já tinha vivido nesses anos de estrada. Decidiu que estava em terreno amigável quando viu a grande quantidade de romeiros, todos reunidos na praça, muitos sem ter onde ficar como ele próprio.

Esvaziou o cantil, lavando bem as mãos e o rosto da poeira que tinha se acumulado e pôs-se a meditar sobre o que tinha ocorrido até então.

Ele não era azarado, disso tinha certeza, a sorte lhe sorria muitas vezes desde que tinha saído de casa, deixando o filho pequeno e sua esposa, Clarisse em Pernambuco. A vida tinha lhe ensinado que a determinação de um homem era a marca maior que ele podia deixar na Terra. Foi o que ele fez, abandonou a família para viver a vida de caminhante, de romeiro em busca de sua fé. Tinha jurado fazer a romaria das Candeias e lá estava ele em Juazeiro, no último dia das festividades, quando as velas dos romeiros são acendidas à noite num verdadeiro espetáculo. A festança tinha lugar logo depois do meio-dia e se estendia até a noite, com o ponto alto das velas como eu disse.

Nonato era religioso, um homem temente a Deus, isso nossos leitores já notaram desde o começo deste relato, o que não sabem é que ele tem uma perspectiva própria a respeito de fé, religião e espiritualidade. Não digo que questione os ensinamentos da Igreja, ele não discute dogma nem orientações do catecismo; mas ele é um católico bem diferente dos que se vêem por aí, seja praticante ou não-praticante. Sua concepção de mundo e de Deus dependiam de uma aferição in loco por ele mesmo sem atravessadores e sem subterfúgios de terceira ordem.

Como Tomé, era ver para crer. Mas não ache o leitor, com isso, que lhe faltava fé.

Não. O que ocorria era que uma leve impressão de que algo não se encaixava, acabava levando-o a muitos extremos para provar ou deixar de provar o que pensava. Sendo mais claro, Nonato tinha que comprovar com os próprios olhos aquilo que lhe passava nos pensamentos. Nessa viagem de devoto a seu modo, ele tinha a impressão e longe de ser leve, era quase uma auto-condenação, que estava indo longe demais e que o abandono da família era falta grave.

A despeito disso, não deixava que esse sentimento de culpa o imobilizasse, de modo nenhum. Prosseguia em frente, mesmo vendo que tinha “coisa errada” dentro de si mesmo.

Os sentimentos misturavam-se dentro dele e o nosso herói não saberia dizer o que lhe pesava mais: se a culpa por ter deixado a mulher e o filho ou os pensamentos especuladores. O homem tinha que ver esses pensamentos concretizados diante dos próprios olhos. A ponto de se não conseguisse, piraria ou teria um piripaque.

Tudo aquilo ficou em segundo plano quando ouviu falar do hotel gratuito pela boca de um romeiro próximo. O instinto de auto-preservação lhe aguçou o espírito e ele perguntou:

-- O senhor num sabe como a gente chega nesse tal hotel?

-- Segue direto aí e quebra à direita -- disse apontando para a avenida em frente.

-- Mas não tenha esperança de conseguir vaga. Parece que já tá cheio.

Chegando lá a decepção foi confirmada. O hotel já estava cheio. Não tinha jeito mesmo. Ele teria que continuar sem lugar prá ficar.

No ocaso da sua vida, ele esteve dormindo na rua durante algumas ocasiões, quando bebia demais, até conhecer Clarisse e se emendar.

Eles alugaram uma casa com o dinheiro que ele ganhava de camelô e ela como cuidadora de jardim de infância. Casaram-se meses depois. O esforço para pagar o aluguel, ele lembrava bem, era mês a mês e aquela lembrança só dava mais medo de não conseguir agora uma moradia temporária, receio que ele poucas vezes tinha sentido nas suas andanças. Afinal, dormir na rua já tinha acontecido para Nonato um sem número de vezes. Mas a perspectiva de dormir mais uma vez na rua, dessa vez, não o animava nem um pouco, afinal havia chegado na cidade, não estava na estrada.

O medo de dormir ao relento, deixava à vista sua fragilidade.

Fragilidade essa que tinha causas na parte do tempo que passou caminhando e que só uma grande comemoração poderia retirar da sua mente. Na verdade, ansiava por uma festa, queria ver movimento, pessoas felizes, crianças brincando, os cachorros e os gatos aproveitando os restos deixados pelos participantes, brincadeiras, dança, enfim, aqueles novos ares que uma festa traz.

A festa o manteria longe dos pensamentos especuladores. O ceticismo de Nonato o levava a crer em Jesus Cristo de um modo especial, próprio, só dele. Embora não questionasse a igreja, também não ia ao encontro dela quando se tratava de fé e fazia valer a sua concepção de mundo, pensando que Nosso Senhor não queria que um homem passasse toda a sua vida sem experimentar a sua fé em plenitude, só porque tinha que cuidar da família ou porque tinha compromissos sociais. Resolveu, então, pagar prá ver... Passou a rezar o terço todo dia, fazer oração cen -

trante, freqüentar todas as missas, fazer tudo que um devoto podia fazer para viver em oração. Depois de muitos meses assim, sua mulher já nem reconhecia mais o marido e se perguntava quando ia passar aquela fase de Nonato, o que não aconteceu. O homem estava mesmo mudado, só queria saber de oração, sua vida era isso. Apesar ou talvez por causa disso mesmo, ele não se confessava e não buscava um diálogo com um padre ou com um religioso. A conversa com religiosos da igreja era uma via de mão única e ele não estava disposto a se submeter aos desmandos de clérigos que mal sabiam o que era vida fora da batina. Tinha ele a clara noção de que quem dava ouvidos à igreja acabava com um parafuso a menos. E quem dirá que quem não dá ouvidos à igreja, também acaba com problemas mentais? Pois é o que diziam alguns quando viram Nonato abandonando Clarisse, sua mulher e Felipe, seu filho e partindo para uma fé de romeiro caminhante.

Isso não era nada, justificava-se Nonato para si mesmo, a crença em Jesus Cristo transcende todos os percalços da vida e ele estava disposto, isso sim, a ver com os próprios olhos até onde a fé podia levá-lo. Ele gostava realmente da mulher e a relação dos dois ia de razoável a boa quando ele decidira que ia embora. Não podia postergar mais sua ida; a situação, na sua ótica de devoto, era insustentável.

Nonato lembra como se fosse hoje, ele arrumando as coisas e Clarisse desanimada assistindo TV. A esposa já não tinha mais pretensões de demovê-lo da decisão e punha-se a lamentar com a mãe e com as vizinhas. E elas diziam com todas as letras que ele tinha ficado louco.

Nonato não ligava para o que diziam. Afinal, nenhum deles iria dar conta da sua vida. Só ele mesmo poderia dar jeito. Nesse ínterim, ele deixava prá trás suas coisas, a bíblia, os livros de

santos, o catecismo, deixou tudo, só levou o terço e um crucifixo que portava no pescoço. A mulher veio falar com ele quando já ia embora:

-- Não vai se despedir do seu filho, Nonato? – perguntou ela.

-- Ê rapagão... Fica firme aí, hein? Cuida da tua mãe. -- disse o viajante dando um abraço no menino.

-- Ele é muito pequeno prá isso. – objetou Clarisse resmungando.

-- Escuta, Clarisse, eu tenho que ir de qualquer jeito.

-- Eu sei.

-- Num fica assim não. Eu volto logo.

Clarisse sabia que a promessa de voltar logo não se concretizaria, como não se concretizou. Tinha certeza, na época, de que Nonato iria sair e ganhar o mundo para ir muito longe, viver a fé dele, fosse lá qual fosse... Conhecendo o homem como conhecia, tinha na cabeça que o marido não desistia fácil das ideias e ele sabia que a mulher pensava assim. Hoje Clarisse ainda espera por Nonato com seu filho que já cresceu dois anos a mais está com 6 anos, dois anos de ausência que ela viveu criando Felipe, sozinha. Na sua casa em Exu, Pernambuco, ela lembra de Nonato e desconhece o destino do marido que chegou em Juazeiro do Norte.

Ele, em Juazeiro, fica remoendo também as lembranças da despedida e os dois se encontram no mundo dos pensamentos como se tivessem se despedido ontem um do outro. Nonato sabia da vontade da mulher de mudança para uma cidade maior, um lugar onde ele poderia ter emprego formal e não o trabalho como camelô. Ele também tinha vontade de fazer valer esses sonhos mas, por ora, tudo ficaria em espera.

Clarisse Dulcinéia Lobo dos Santos era uma mulher cheia de sonhos, embora não visse esses sonhos tomarem forma, ansiava por uma vida melhor numa cidade grande e dizia prá si mesma que esse dia iria chegar, fosse com Nonato ou não. Ela amava o marido e faria de um tudo prá ficar com ele, mas o abandono tinha sido a gota d'água de uma longa lista de ausências de Nonato, que só ligava mesmo, a bem da verdade, para as orações. Se a relação dos dois andava bem, e isso não era mentira, não tinha a ver com ele, mas com ela, que sempre trazia o homem para casa, depois das reuniões em casas de família e nas igrejas com rezas e terços, senão ele ficaria pela rua, rezando, fazendo penitência e mortificando a carne, como ele mesmo dizia.

Mas agora, ele estava longe e tudo aquilo era só uma lembrança. Se seria o fim do casamento, só o futuro diria.

A verdade é que ela já estava sentindo os calores da ausência do amor com Nonato e não tivera notícias dele desde aquele dia que se despediram, com exceção de uma carta, quase um bilhete, na verdade, que ele mandara, avisando onde estava e o que faria a seguir. Ela segurava a carta nas mãos e ao mesmo tempo não segurava, aquele pedaço de papel tinha adquirido certo ar de sacralidade que ela não sabia explicar, mas que percebia sempre que o lia, o que fazia com frequência.

A carta começava assim:

Minha Querida Clarisse,

Espero que esta carta encontre vocês tudo na paz de Deus. Eu vou imdo como Nosso Senhor quer, graças a Deus nada de mal aconteceu comigo neste tempo que eu estive ausente.

Nesse ponto, Clarisse parava e rezava duas Ave-Marias.

Estô numa cidade chamada Nova Olinda fica no Ceará.

Estô próximo do Crato e chegando no Carto, Crato, vou ficar a um passo do Juazeiro. Lá vai ter a Romaria das Candeia e eu vou lá acompanhar. Nossa Senhora das Candeia olha por nós. Como está Felipe? Ele está crescendo não é... daqui a pouquinho é um homi... Escuta Clarisse esta carta você vai arrespondê para um endereço que eu vô lhe dá lá em Juazeiro, que é a casa da minha mainha lá. O endereço é esse: Rua dos Galos, número 101. Bairro Adolfo Cunha, Cep: 149577-01- Juazi-ro Juazeiro do Norte.

Mande a carta com o nome dela: Regina Dalva das Dores. Ela vai sabe que fui eu que estô chegando e vai guarda a carta sua.

Eu caminei por Santana do Cariri e muitos outros outros lugares... So peguei carona umas três vez. No resto fui am-dando memo. Cuida bem do Felipe e diz pra elezinho que eu vô voltá logo. Eu vo voltá logo, assim que tiver por acabado a festa eu venho imborá. Não posso mi demora escrevendo esta carta porque inda tem muito chão pra mim.

Olha, não liga da minha saída não. Eu já vô ta aí assim que eu pudé... Passei por muito lugar doido que só vendo... Não tenho tempo para escrever mais. Como ta sua mãe? Eu penso em vocês sempre.

Manda a carta para Juazeiro.

Um beijo. Nonato.

Quando escreveu a carta, Nonato não sabia que sua mainha, Regina tinha mudado de endereço. A resposta de Clarisse nunca chegaria a seu destinatário e voltaria para as mãos dela. Na cidade do Crato, Nonato encontrara um velho conhecido de sua mainha que lhe dera a notícia da mudança, mas já era tarde, ele já tinha postado a carta.

Por infelicidade, esse conhecido não tinha o novo endere-

ço dela, que era em Juazeiro mesmo; e Nonato ficara sem o contato.

Nonato tinha perdido a resposta da carta, mas não tinha perdido a esperança; planejava escrever outra correspondência pra Clarisse assim que pudesse, hoje ainda. O dia estava apenas começando, certamente daria tempo pra isso.

Afinal as coisas não estavam tão ruins e havia o prenúncio de boas novidades. Se ele não pudesse encontrar um lugar para ficar, sempre podia procurar pela nova casa da sua mainha, de algum modo que ele ignorava, porque não sabia onde era, nem conhecia ninguém, mas daria um jeito. Tudo se ajeitaria de um modo ou de outro.

Os romeiros não paravam de chegar na cidade e vendo eles chegarem em grupos, Nonato se deu conta que não estava, espiritualmente falando, em situação tão negativa. Sabia seu lugar no mundo, tinha plena consciência de que não tinha desenvolvido seu discernimento vocacional totalmente, como dizia a igreja, mas também não estava achatado nessa matéria; havia certo crescimento, nele, nesse sentido, isso ele mesmo percebia. Ver aquelas pessoas que chegavam sem saber direito o que buscavam e para quê, lhe deu um ar de superioridade momentâneo. Ar esse que ele tratou de não cultivar, indo, ao contrário, para o sentimento de comiseração pelos romeiros, seus irmãos de fé que não sabiam porquê vinham ao encontro de Jesus.

Ele havia cultivado, dentro dele, isso sim, a certeza num Deus que pudesse olhar por todos indiscriminadamente, sem ver nem pecados nem virtudes, só com amor... Isso ele tinha certeza. Do alto dos seus 1.76 m, cabelos castanhos claros, olhos castanhos escuros, pele bronzada e um jeitão de caipira nordestino, ele sabia que Deus não seguia direitinho, tim por tim, a parábola do

joio e do trigo conforme era usada por muitas pessoas na igreja. Não podia ser daquele modo.

Nosso Senhor não fazia discriminações entre pessoas como as carolas faziam quando se referiam àquela parábola. Deus não era vingativo, como no Velho Testamento, aquilo era um resquício dos desmandos dos padrecos todos empoleirados nos púlpitos em suas batinas, como dizia o pessoal que ele conhecia de vista que simpatizava com uma tal de Teologia da Libertação. Se Ele, o Altíssimo, fosse escolher alguém, escolheria por sua bondade intrínseca e não por atos, era o que ele determinava como verdade e era o que ele queria provar. Não tinha claro na mente todos esses detalhes, mas a impressão geral estava no seu coração.



Capítulo II
A papisa

O que você faria se achasse a chave para o sagrado concedida por nada menos que Nossa Senhora: Maria, Mãe de Deus? É quase isso que acontecerá com Nonato depois que sair da igreja de Nossa Senhora das Dores. Tendo tomado café e comido pão na cantina, pagos por um bom samaritano da cidade que se apiedou dele, o nosso herói dirige-se agora para a visitaçãõ do Santíssimo dentro do templo. Como os três pastorezinhos de Nossa Senhora de Fátima, o homem está próximo de presenciar a própria Mãe de Jesus em pessoa na sua frente.

Por ora, o viajante se sente como mais um devoto, nada de especial. A não ser pelo fato de que cumpre os desígnios de Deus à risca, segundo sua ótica de romeiro caminhante e, por ela, Nosso Senhor dedica atenção à sua caminhada. Mas essa atenção não o leva a crer em benefícios ou benfeitorias a seu favor mais do que às outras pessoas. Para Nonato, a vida tem sido dura e embora tenha tido sorte, não pensa que isso lhe venha por meios divinos, é apenas uma condição que o acompanhou durante toda a vida. Não tem doenças graves, nunca tivera que usar óculos e as entradas no cabelo , que vieram cedo, indicavam que não seria completamente calvo, o que era uma espécie de sorte também. Sempre fora um cidadão cumpridor das leis, nunca tivera problemas com a polícia e conseguira se casar com uma bela e honrada mulher que o esperava em Exu, Pernambuco.

Por tudo isso, não achava que lhe iria ser revelada uma experiência divina, pelo menos não em vida. O máximo que o caminhante poderia esperar era a confirmação de uma graça, alcançada à custa de muita oração e que tinha a ver com seu trabalho e subsistência. Ansiava há muito tempo deixar a vida de camelô para um cargo de auxiliar de escritório. Profissão com a qual ele teve contato num tempo em que foi contínuo de reparti -

ção. Sobretudo, vinha-lhe a grande vontade de terminar um curso técnico deixado pela metade.

Nonato estava na fila para a visitação do Santíssimo, esperando, então, a sua vez de pedir graças diretamente a Deus na sagrada liturgia enquanto pensava que deveria estar com a família e não fora de casa numa distância tão grande e pior, sem notícias nenhuma deles. Depois teria que ver o telefone da casa de Eleonora, mãe de Clarisse e ligar, pela primeira vez, em dois anos. Concluía o homem que o davam por desaparecido ou coisa pior na sua casa. Se não fosse assim, seria uma carta, escreveria uma segunda carta. Afinal, não sabia se a sua primeira carta teria chegado às mãos de Clarisse. Enfim, veria isso, assim que pudesse.

Agora, tinha que se concentrar na reza. Segurava nas mãos uma exortação feita por ele mesmo e que a esposa havia corrigido os erros de português. E Nonato queria fazê-la diante do Santíssimo. A pequena súplica era assim:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo,

Nossa Senhora das Candeias,

Mãezinha, Nossa mãe

Que a tua luz possa trazer a certeza num futuro melhor

Que a tua luz possa distribuir esperança para todos

Amém.

Quando chegou a vez dele, o homem se ajoelhou e fez a oração, rezou também o Pai-Nosso e muitas Ave-Marias. Não esqueceu do Glória ao Pai que, junto com as duas outras, faziam a trinca de ouro das preces católicas. Arrematou com um Credo e já ia embora quando ouviu a voz. Por um momento não acreditou estar ouvindo aquilo. Depois passou a crer que estava muito cansado e começando a experimentar o degradingolar da sua boa consciência. Só quando rezou mais uma Ave-Maria passou a acre-

ditar que podia ser coisa real. A voz de mulher dizia: “Vá até o barracão abandonado, quero falar contigo.” E repetia aquela mesma frase várias vezes seguida de um dito exortatório conhecido: “Deus te abençoe.”

Nonato achou aquilo muito estranho, mas não discutiu com a tal voz... O viajante vira um barraco abandonado no meio da estrada, já ao chegar a Juazeiro. Se Nossa Senhora queria falar com ele que fosse onde a Mãe de Deus quisesse. A voz era de mulher e por isso Nonato pensara em Maria, mas não poderia ser uma vagabunda que estivesse por trás do Santíssimo fazendo bagunça? Não. Nenhuma mulher em sã consciência faria aquilo, confirmava o homem para si mesmo.

Começou a achar que não estava batendo bem da bola. Rememorou mentalmente o que tinha se passado hoje. Com quem tinha falado nas últimas horas? Com um homem que lhe pagara um café com um pão na cantina da igreja para matar a fome que lhe fustigava.

-- Posso te pagar um pão e uns dois dedos de café.

-- Tá bom, meu sinhô. Fico muito agradecido. Deus lhe pague.

Fora isso não tinha falado com mais ninguém, porque não conhecia qualquer pessoa naquela cidade. Isso não provava nada com relação a Nonato estar ou não ficando louco. Só provava a sua necessidade financeira...

Só depois de verificar essas questões, pensou, então, que estava em sintonia com Nossa Senhora das Candeias. Só podia ser isso. Tinha que voltar, agora, na estrada até o barraco abandonado e ouvir o que a voz, na sua imaginação Mãe de Deus, tinha para lhe dizer. Resolveu sair da cidade na mesma hora em que a igreja se preparava para a missa, badalando o sino no campanário.

O som do sino nos ouvidos anunciava a nosso herói que seu destino estava prestes a mudar. Nada seria como antes depois desse dia.

Pegou a rua vizinha da principal e foi indo em direção ao início da cidade com o marco do Rotary Club apontando. Não tinha vontade nenhuma de parar para descansar ou beber água. Seu coração estava disparado, na expectativa de falar com a voz. Ainda inquiria a si mesmo: não estava ficando louco? Mas a pergunta adquiriu um gosto de mera verificação. Fazia para ver se estava mesmo com a cabeça certa e percebendo todas as possibilidades.

O barraco ficava no meio do nada e quando o viajante chegou, examinou-o bem e concluiu que o casebre era ainda menor do que tinha percebido anteriormente. Era feito de restos de madeira e de material plástico e a custo ficava de pé; principalmente com a ventania daquela hora. Dentro, viu dois cômodos e, como o fedor de mofo fosse insuportável, Nonato não quis ir ao fundo onde entendeu haver outro compartimento.

Pôs-se de joelhos porque isso pareceu conveniente. Repetiu a súplica que havia decorado e depois orou.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo,

Nossa Senhora das Candeias,

Mãezinha, Nossa mãe

Que a tua luz possa trazer a certeza num futuro melhor

Que a tua luz possa distribuir esperança para todos

Amém.

Súbito uma luz invadiu o pequeno cômodo resplandecendo em todo o barraco. Uma sensação de paz e beatitude tomou conta de Nonato. No meio daquela luz toda, ele pôde definir uma figura feminina com uma vestimenta antiga, uma to -

ga. Pensou logo em Nossa Senhora e que, portanto, aquilo havia de ser um milagre. Como não soubesse o que fazer, passou a rezar fervorosamente. A figura passou a cintilar mais e de repente uma voz se fez ouvir:

“Encontre a espada da justiça e você encontrará a verdadeira paz.”

Era a mesma voz que o homem tinha ouvido na igreja durante a visitação do Santíssimo. A voz terminava com um “Deus te abençoe” e Nonato soube que estava diante de Maria, Rainha dos Anjos.

A figura de luz à sua frente foi-se desvanecendo e, quando aumentou a atenção, viu que já desaparecera. Nonato experimentou uma tristeza muito grande. Queria pedir conselhos, agradecer, mas não houve tempo para nada.

Depois de alguns instantes de hesitação, o caminhante pensou que poderia rezar de novo e conseguir que Ela aparecesse uma outra vez, mas desistiu da ideia de pronto. Seria abusar da Rainha do Céu. Além do mais, quem garantia que Nossa Senhora iria aparecer três vezes no mesmo dia para a sua pequena pessoa? Tudo era meio nebuloso nesse sentido e Nonato resolveu não tentar e arriscar entristecer o coração de Jesus com tamanha insolência.

Passou longas horas dentro do cubículo pensando naquela mensagem. O caminhante havia ouvido nas missas e nos terços, Maria, espelho da justiça... Havia lido que uma espada havia transpassado sua alma como dizia na Bíblia. Enfim, sabia que a espada da justiça era o sustentáculo do cristianismo, mas onde e como ele iria encontrar essa espada? Seria uma linguagem de figuração? Ela quereria dizer que as ações do cristão deveriam ser como que movidas pela justiça? Ele não sabia. Sua formação católica era regular, mas não o suficiente para lhe deixar em boa posi -

ção para exegese de uma mensagem divina provinda, como acreditava, de um milagre.

Pensou em falar com um dos padres na igreja, mas depois voltou atrás. Certamente seria ridicularizado. Uma mensagem de Maria seria dada na igreja, diriam os sacerdotes e não num barraco no meio da estrada. Além do mais, o que eles iriam fazer? Mandar um batalhão de pesquisadores do Vaticano para Juazeiro do Norte por causa de um Zê ninguém como Nonato? Se não deram caso nem do Padim Cisso... Pois bem, eles que ficassem com suas convicções de batina enquanto Nonato ficaria com as surradas e esfarrapadas dele próprio. Agora o homem tinha uma direção clara a seguir à sua frente.

Caminhou para fora do barraco e ainda sem costume dessas coisas de milgre, surpreendeu-se com o desmoronamento do casebre com a ventania. Achou aquela a simultaneidade dos eventos bastante significativa para ser só uma coincidência. Talvez fosse o complemento da mensagem de Maria para Nonato e só para ele. Para ninguém mais servia a mensagem e por isso o barraco despencava.

Achou depois que estivesse exagerando e que fora apenas sorte de sair do barraco antes que caísse e que nada mais fora do que isso: apenas sorte. Mas seu ceticismo não ia tão longe mais tempo. Logo Nonato voltava atrás e refletia a respeito do acontecido.

O viajante ficou acororado na frente dos restos de madeira e plástico esperando por uma resposta dos seus questionamentos. Porque logo Nonato tinha de ser o escolhido? Porque não outra pessoa mais preparada? Mas Deus não escolhe os preparados, prepara os escolhidos, ouvira certa vez de um pastor. Assim ele tinha aprendido. Assim era. Agora o nosso herói tinha como meta

encontrar a espada da justiça e não descansaria enquanto não a encontrasse.

Parecia infantil essa determinação de Nonato frente aos problemas que o ele mesmo enfrentava na vida mais real do dia a dia. Mas temos que lembrar que o homem é um religioso e não um religioso qualquer, não é conformista, é um rebelde. Tipos assim, mais cedo ou mais tarde chegam a um termo de ruptura na vida. O de Nonato chegava agora e com esse espanto, nem mesmo o caminhante sabia aonde iria chegar. Mas sabia que agora era um homem abençoado.



Capítulo III
A imperatriz

Nonato e Clarisse se falam por telefone depois de dois anos. A mulher deveria perdoar o marido? Esse é o dilema em que se encontra Clarisse possuindo como único contato uma breve carta do esposo após dois longos anos. É o desfecho dessa ausência ou o começo de uma novo retiro de Nonato? É o que veremos a seguir com pinceladas dignas de um retrato romântico.

Chegando na cidade pela segunda vez, Nonato vem agora com a mensagem de Nossa Senhora. O homem deseja que sua conduta de vida seja reta daqui por diante, afinal não é qualquer um que recebe atenção da Mãe de Deus. Acha aquilo uma concessão especial por ter sido sincero com suas intenções e acredita piamente que sua vida vai mudar.

Vai até a igreja e planeja rezar mais um pouco, afastar maus pensamentos e agradecer a benção concedida. Com a determinação de romeiro viajante, Nonato vai esperar para entrar na igreja, tarefa trabalhosa, com toda aquela gente dentro do templo. Entra, reza e sai com o coração dividido: como pode Nos-sa Senhora esquecer-se de todos aqueles romeiros e lembrar só dele? É especial, Nonato, é especial, é o que diz para si mesmo o caminhante enquanto se aproxima de uma quermesse ao lado da igreja. Considerando toda a sua vida, ele nada fez para merecer aquela benção, a não ser como já disse, a sua sinceridade de intenções. Bom, de um jeito ou de outro, a graça já foi concedida e o viajante já está sabendo que a espada da justiça deve ser encontrada.

Desse modo, Nonato chega até a quermesse e vê que uma das vendedoras não lhe é estranha. É sua mainha, Dona Regina que toma conta de uma das barracas de doces. A sorte vai sorrir pa

ra o homem mais uma vez. Bem que Nonato precisa de um rosto amigo, de um afago carinhoso e sobretudo, de uma guarida, enquanto em Juazeiro.

-- Dona Regina. É a senhora?

-- Nonato. É você mesmo?

-- Sou eu, mainha.

Os dois se abraçam e ficam longo tempo conversando. O tempo não separou esses dois do convívio, afinal, encontraram-se de novo, em circunstâncias deveras peculiares. Nonato vem de uma caminhada, justo para chegarà romaria de Nossa Senhora das Candeias. E Dona Regina vem da sua atividade caridosa habitual, com as vendas de doces revertidas para a igreja. Os dois estão esperando a festa de meia-noite com as velas e experimentam, na presença um do outro, suas expectativas, em parte, preenchidas.

Nonato quer contar das andanças, quer contar de Nossa Senhora e atropela os relatos, cansado e atrapalhado que se encontra. A mainha ouve com o coração aberto, sabe que seu afilhado está ali e não está... Suas perspectivas são outras, espera a festa para ir se encontrar com a família de novo em Exu. Espera a festa para ir cuidar da sua vida. Assim ela pensa. Mas Nonato tem objetivos próprios, pertinaz, está próximo de conseguir viver a sua fé em plenitude e é isso que o move.

A mainha, já com seus 69 anos, não entende essa fé de Nonato, esse caminhar que o leva a se perder no mundo. Mas não recrimina o afilhado, que seja feliz e realize seus sonhos sejam eles quais forem... Não dá atenção ao encontro de Nonato com Nossa Senhora. Dona Regina sabe da pureza de intenções dele, mas seu coração já está calejado com as histórias dos romeiros nesses anos que passou em Juazeiro. Já escutou mais histórias do que pode con

tar e em muitas Nossa Senhora está lá. Mas não fala nada disso para Nonato, deixa que o menino-- para Dona Regina sempre será um menino -- tenha suas ilusões.

Agora vão até a casa dela para que Nonato tome um banho e troque as roupas, está maltrapilho. O viajante fala de Clarisse e que tem que telefonar para a mulher. Dona Regina prontamente coloca o telefone à disposição de Nonato para que fale com a esposa.

-- Está chamando... -- diz Nonato ao ligar, a emoção à flor da pele.-- Alô, Dona Eleonora. É o Nonato.

-- Nonato meu filho, não temu notícia tua há um tempão... Rapaz, tu desaparecesse. O que cê tá fazendo?

-- Eu tô numa romaria, Dona Eleonora. Pode chamar Clarisse na outra casa?

-- Vou chamá, vou chamá. Peraí...

Dona Eleonora não é uma mulher de meias conversas, a sogra de Nonato vai direto ao ponto, quando tem que ir. Seguindo pela rua na casa do outro lado, a senhora pensa que a filha tem que dar um basta definitivo nessa história do marido ir viver como romeiro. Ou bem o homem se emenda ou bem os dois se separam... É isso que pensa e é isso que vai falar para a filha.

Clarisse recebe a notícia do telefonema de Nonato e não sabe o que faz. Depois de tanto tempo, o marido liga assim de uma hora para outra. Acaba vindo com Eleonora, até o telefone da casa da mãe. Não sabe o que dizer, se atrapalha.

-- Nonatooooooooo!!! Homem de Deus, onde você tá?!?!?

-- Eu tô bem, Clarisse. Num se preocupa comigo não... Eu tô em Juazeiro. -- diz Nonato entre engulhos. -- Recebesse minha carta?

-- Recebi, Nonato, recebi. A única notícia tua que eu tive... esse tempo todo...

-- Olhe, fique assim não... Eu vou esperar só a festa da Nossa Senhora das Candeia e já vô voltá.

-- Vô esperá Nonato, vô esperá.

Conversaram muito ainda pelo telefone e o homem chegou a trocar juras de amor com sua esposa. Nesses dois anos foram leais um ao outro até agora e Clarisse chorou ao ouvir a voz do marido tão perto e tão longe... A vida tem sido dura para Clarisse, a mulher tem sustentado o filho Felipe, sozinha e tem cuidado das contas da casa também sozinha. De modo que a conversa de Nonato de esperar a festa das Candeias não a convence de nada.

Quando findou o diálogo, a mulher de Nonato ainda falou com a sua mainha. Dona Regina tentou tranquilizar Clarisse e recomendou-lhe paciência. Clarisse achou que Nonato estava bem, mas não tinha motivos para acreditar que o marido voltaria depois da festa. Todos aqueles acontecimentos, com Nonato indo viver como caminhante... Aquilo indicava uma mudança muito grande no homem. Mudança essa que Clarisse sabia, era permanente.

Nonato tinha a perspectiva de voltar, mas não era clara essa decisão na sua mente. Era clara sim, a sua fé. E a vontade de vivê-la com intensidade o fazia correr riscos como viajar com poucos recursos para Juazeiro. Essa determinação era como uma âncora que o segurava no mundo divino, do mesmo modo que a palavra sagrada na oração centrante, por exemplo, representava a firme disposição do fiel de permanecer no Senhor. Também, nele, a palavra do Senhor representava a sua firmeza em estar vivendo como devoto. Sem isso, o viandante seria menos que humano. É...

como dizem, os animais não carregam talismãs. Ele carregava o crucifixo, era diferente de um animal. Mas o mundo não suportava aquela fé exacerbada e já começavam as pressões para que Nonato voltasse ao seu cotidiano normal.

Nonato recuperou-se da conversa telefônica, tomou banho e encarou uma boa refeição, coisas que não fazia há muito tempo. A mãe de criação sabia tomar conta dele. Dona Regina não esquecera os anos com Nonato pequeno, quando a mãe dele saía para trabalhar e deixava o menino com a mainha. Aquela época ainda estava viva na memória dela. O garoto segurando de traquinagem a vassoura com que Dona Regina queria varrer a casa era uma das lembranças que mais guardava. Ou aquela vez em que o menino furou o saco de lixo e foi aquela sujeirada pela casa.

Depois que Nonato comeu, Dona Regina entendeu que o viajante precisava de um momento solitário com um teto sob a cabeça. Deixou-o só então. Nonato estava, pela primeira vez em dois anos, num quarto de domicílio. Pensou em rezar. Mas a aridez com que se apresentou sua disposição para a oração, o surpreendeu. Ele tinha lido sobre a secura na oração de Madre Teresa de Calcutá e como a santa tinha suportado com altivez aquela condição durante toda a sua vida. Depois do chamado dentro do chamado que teve, a experiência com o Senhor, ela não teve mais gozo ao rezar. Será que estava acontecendo o mesmo com Nonato? Mas ele não deveria estar preocupado com isso, afinal, Deus não dá uma cruz maior do que podemos carregar. A nossa cruz é a nossa cruz. Nem maior nem menor do que tem que ser.

Ademais, Nonato tinha mais com o que se preocupar. Queria agora encontrar a espada da justiça como dito por Nossa

Senhora na aparição. E para isso, precisava primeiro saber do que se tratava e depois achá-la. Conversar com pessoas sábias que soubessem dizer ao caminhante o que ou como iria de encontro à espada. Essa era tarefa para os próximos meses e anos, senão para a vida inteira de Nonato. Sabia que não seria fácil, muitos o acusariam de louco ou vagabundo, mas isso não importava. O que importava era que já tinha falado com Clarisse e, pelo menos, por ora, a mulher não estava tão apreensiva consigo. Se Clarisse o perdoaria, Nonato não tinha certeza, mas agora estava mais livre para encarar seu destino de devoto.



Capítulo IV
O imperador

Quando somos instados a fazer valer a moral, de que lado ficamos? Da autoridade que busca a repressão ao criminoso ou nos compadecemos do meliante que, afinal, não fez coisa tão grave? Essa será a posição de Nonato nas próximas horas e o que o viajor decidir, determinará o futuro de uma criança.

Nonato pede a bênção a sua mainha, pede também uma bíblia para ler nos momentos em que não estiver fazendo nada e para fazer a leitura orante quando der. Despede-se dela com a promessa de voltar se precisar de alguma coisa enquanto estiver na cidade e de retornar para visitá-la em circunstâncias melhores. O caminhante vai agora com a certeza de que pode contar com a ajuda de Dona Regina e de que daqui por diante não está sozinho nesse mundão que é Juazeiro do Norte.

Agora o viajante pode se apresentar na igreja com maior dignidade. Está de banho tomado e tem as roupas emprestadas do marido de Dona Regina, não está maltrapilho. Dirigindo-se até a quermesse da igreja, Nonato observa o movimento dos passantes e lhe vem a cabeça que estava abusando da boa vontade da mainha. Pensamento que logo tira da cabeça, afinal, não tinha pedido dinheiro a ela, Dona Regina é que veio com o maço de dinheiro para o seu afilhado depois que se despediram. A senhora não podia ver Nonato como um vagabundo das estradas sem prestar um socorro, o mínimo que fosse e foi o que fez. Deu-lhe uma quantia que dava para passar alguns dias de modo digno. Nonato primeiro pensou em não aceitar, mas, depois, sua condição – deplorável – fez-lhe engolir o orgulho.

O homem estava assim confiante na sua apresentação como cidadão, quando veio ogaroto com a rapadura na mão, correndo por entre as barracas da quermesse. O menino correu e se escondeu debaixo de uma toalha de mesa de uma barraca de fo-

gos de artifício na qual o dono não estava olhando no momento. Era um garoto branco, dos cabelos encaracolados e teriacerca de 11 anos de idade.

Nonato achou que a criança estivesse brincando com outros meninos e não se deu conta do que ocorria. Um conjunto de pessoas se reuniu por perto, discutindo muito, o que também não lhe despertou a atenção.

Mas quando o policial apareceu perguntando ao homem por um menino com rapadura na mão, a coisa toda veio-lhe à cabeça. Num átimo de compreensão benevolente, Nonato disse que não tinha visto ninguém. Teve a preocupação de esconder bem a arma de fogo que guardava no matulão. Não teria como explicar a presença da pistola.

-- Tem certeza que não visse um garoto? -- perguntou o policial mais uma vez.

-- Tenho. Eu tava aqui por perto. Num apareceu ninhumminino. -- disse Nonato.

-- Tá certo. Vendo alguma coisa é só me chamá. Eu vô ficá ali com aquela gente reunida mais um tempo... -- retrucou o policial.

-- Sim senhô.

O policial se afastou e foi ao encontro das pessoas que estavam reunidos em frente às barracas. Nonato achou que era prudente falar com o garoto então.

-- Vem cá menino -- disse Nonato puxando a toalha da mesa onde se escondera o fedelho. -- Robasse a rapadura, não robasse?

--Amham. -- confirmou o garoto.

-- Coisa feia. Me dá ela aqui. Ainda tá na embalagem... Eu vô devolvê. E você, chispa daqui.

-- Eu num fiz por mal não...

-- Vai pra frente da igreja que eu pago um lanche pra você depois. Vai lá vai.

-- Tá bom. -- disse rindo-se todo o moleque.

Nonato chamou o policial e disse ter encontrado a rapadura roubada. O policial e as pessoas em volta prontamente deram atenção ao homem. Consultado, o comerciante que fora roubado confirmou que aquela era mesmo a rapadura. Nonato foi interpelado sobre se tinha visto o menino, ao que respondeu negativamente. A rapadura estava debaixo de uma toalha de mesa de uma barraca e só. Todos se dispersaram, afinal já tinha sido resolvida a contenda. Apenas o policial permanecia por perto e comentou com Nonato:

-- O menino deve ter abandonado a rapadura quando viu tamanho movimento. Não vejo necessidade de irna delegacia. O nosso amigo da barraca não quer dar queixa.

-- Esses minino num sabe nem o que fazem... -- respondeu Nonato.

-- É... deixa estar.

Nonato foi então até a igreja para encontrar o garoto. Enganar o policial não foi problema, visto que o homem da lei não sabia do encontro de Nonato com o trombadinha. O menino não tinha feito coisa tão grave e não merecia a punição. Além do mais, o viajante já estava farto de injustiças, a sua vida era uma injustiça só. Pelo menos o produto do roubo tinha sido devolvido e todos estavam contentes.

Nonato não esperava encontrar o menino, mas na frente da igreja lá estava ele, brincando com pedacinhos de pau. Pagou

um pão na chapa e um refrigerante para encher o bucho da criança e já ia se despedindo do moleque quando ele falou:

-- Graças a Deus o senhô não me entregô. Nossa Senhora é a mãe da justiça. Ela óia pela gente.

Nonato concordou com a sabedoria infantil e seguiu caminho. Achou engraçado as palavras do garoto. Mãe da justiça. Essas palavras na boca de uma criança soavam mais contundentes do que se estivessem na boca do viajante. E sendo a espada da justiça a busca de Nonato, aquilo tudo ficava mais engraçado ainda.

O caminhante se lembrou da sua infância e de um amigo daquela época, Fabrício. De como os dois tramavam traquinagens nos vizinhos da casa da mãe. Quando roubavam manguitos do pé de manga da casa ao lado e quando tocavam a campainha das casas das redondezas e depois fugiam. Eram coisas de criança. Tempo que não volta mais.

Do mesmo modo aquele moleque tinha se envolvido no roubo da rapadura. Nada de mais. Nada que fosse manchar o seu caráter, assim Nonato entendia.

Sentou-se perto da escada da igreja e pôs-se a ler a bíblia. Abriu em Mateus e leu uma passagem que dizia: "Não julgueis, e não sereis julgados." Pois bem, com a medida que usamos, seremos medidos. Então ficou pensando que não julgar o menino, pareceu-lhe a atitude correta naquele momento e que por mais que o garoto tivesse feito errado não justificava uma apreensão pela polícia.

Ficou mais um tempo ali rememorando seus tempos de criança e depois voltou a caminhar por entre as vielas de Juazeiro.



Capítulo V
O pontífice

Entre as coisas do céu e as coisas da terra, um padre é o guia condutor para Deus. Mas o que se dá quando o sacerdote está enredado nas coisas terrenas e esquece o caminho para o Todo-poderoso? É o que Nonato irá se perguntar agora que está prestes a ter encontro com um clérigo.

Nonato alcança a outra igreja, a de Nossa Senhora das Candeias. É lá que se dará a festa de hoje à noite. É lá que, logo na entrada do templo, o homem encontra o auxiliar do pároco no meio da confusão das pessoas que vêm para a festa. O coroinha lhe dirige a palavra nos seguintes termos:

-- Bom dia. Estou fazendo uma pesquisa de opinião para o pároco da Igreja. O senhô poderia arrespondê umas pergunta?

-- Posso. -- disse o viandante sem pensar.

-- Muito bem. Vamu começá. Qual qui é seu nome?

-- Eu me chamo Nonato Cardoso dos Santos.

-- Qual foi a maior graça que Nosso Senhor Jesus Cristo já concedeu a ôce, senhô Nonato?

-- Uma aparição de Nossa Senhora. Ela falou comigo.

-- Ochente, homi. Isso é muito sério.

Depois que Nonato disse aquilo, o homem de igreja se transformou. Fazia muitas exclamações que não davam conta da surpresa. E danou-se a dizer que aquilo tinha que ser visto de perto, que não podia ficar assim... Esqueceu até da pesquisa e foi logo oferecendo a Nonato um encontro com o padre para que ele falasse a respeito da visão de Nossa Senhora.

Nonato, a princípio, disse que não, que não queria falar com o padre, que não via necessidade, mas como o homem insistisse muito, o viajante acabou cedendo. E foi levado, às pressas, até a secretaria da igreja onde o padre estava. O auxiliar anunciou Nonato explicando do que se tratava e que era muito im

portante que o padre visse o caminhante. O padre Venceslau achou aquilo tudo um disparate, um descabro. Mas como já tinha chamado o homem até a secretaria, resolveu falar com Nonato.

Começou dizendo que o auxiliar era um novato e muito impressionável. Lamentou a vinda dele tão repentina e pediu desculpas pela estripulia do coroinha. Depois se apresentou e disse que não estava muito disposto, tinha uma dor nas costas que o impedia de locomover-se como gostaria.

Nonato explicou como tinha ocorrido a aparição de Nossa Senhora e reiterou que não via necessidade de dizer ao padre o que tinha acontecido.

Venceslau foi logo dizendo que nos registros de visões e revelações de Juazeiro muitas ocorriam da mesma forma: com uma aparição de Nossa Senhora. Mas poucas se confirmavam como visões beatíficas verdadeiras.

-- Porque há de concordar comigo, para se ter uma visão dessa é preciso ter uma firmeza de caráter e uma conduta de vida realmente santa, o que poucos têm. E ademais quem é que quer tê-la? As pessoas estão mais interessadas nos seus joguinhos de vida... Não as recrimino, afinal, o que fazer? Se Deus quer assim, que assim seja. A maioria só se preocupa com carnaval, futebol e mulher ou homem se for do sexo feminino, às vezes até se preocupa com o mesmo sexo, dependendo da tendência depravada de cada um. Veja só, como é possível para um padre fazer a sua parte na Igreja se os fiéis não são fiéis?

-- É difícil seu padre, é difícil... -- concordou Nonato, querendo argumentar, mas sem força para tanto.

-- O que vemos hoje em dia é o retrato do homem contemporâneo. Uma sociedade sem valores, sem freios, sem re -

gras. Por isso eu sempre digo, a pessoa tem que ir a missa pelo menos toda semana e se confessar de seis em seis meses, pelo menos. Você tem feito isso, meu filho?

-- Mais ou menos seu padre...

-- Mais ou menos não é resposta. Ou faz ou não faz. Como você espera que Nossa Senhora fale com você desse jeito? Não, não é possível. Deve ter sido uma ilusão sua, uma alucinação da sua parte, só pode ser. Você não viu Nossa Senhora, viu uma assombração ou coisa parecida...

-- Não sei padre... Era real prá mim...

-- Não! De forma alguma!

Nesse ponto o padre começou a dizer que não acreditava em Nonato. E desandou a falar que os santos tinham verdadeiras vigílias para ter as suas visões e as suas revelações, todas se davam dentro da igreja. Se Nonato estava distante da igreja, não poderia ter presenciado nenhuma dessas manifestações do Espírito Santo. Inclusive, penitências e mortificações eram hábito para esses santos.

-- Mas eu não recrimino você não, meu caro Nonato. Vejo que você tem boas intenções e não quer causar confusão. Só reitero que você tem que ir à missa e não deixe de se confessar.

Nonato achou aquilo tudo que o padre falava um tanto descabido, mas não disse nada na hora. Afinal, se Deus quisesse presentear um devoto, ele contaria quantas vezes esse devoto teria ido à missa? Havia de se Importar com coisas como a confissão regular a um padre? É difícil de crer isso e Nonato não acreditava nem que fosse necessário ser da igreja para poder ver uma aparição de Nossa Senhora. A mãe de Deus estendia seu amor indiscriminadamente e o homem sabia disso, qualquer um com o mínimo de fé sabia disso.

Poderia ter ido embora com as mãos abanando, como se tivessem surrupiado dele uma esperança, uma alegria. Ao invés disso, não tirava da cabeça que Nossa Senhora tinha vindo para lhe falar e isso ninguém poderia lhe tirar. Tinha a certeza na visão de Maria, que para o viajante parecia mais real quanto mais tempo se passava da aparição. O homem podia ver com detalhes, uma senhora vestida de branco, com uma coroa iluminada sobre a cabeça e como que andando no ar. Era real e ponto final.

Nonato tinha essa certeza e já ia indo embora, quando o auxiliar do pároco o parou na escadaria da igreja. Queria saber como tinha sido o encontro com o padre. O viajor já estava farto daquilo tudo e disse que não tinha nenhuma aparição, não tinha nenhuma visão. O coroinha ficou ali parado sem saber o que fazer, enquanto Nonato se afastava.

Foi caminhando por entre as pessoas num começo de festa que se anunciava. Não deveria ter negado a aparição, ficou um bom tempo pensando depois. Nossa Senhora não gostaria daquilo. Mas já tinha feito, já estava feito. Se para a igreja não existia a sua visão de Maria, pois muito bem, que não existisse, Nonato não faria questão de que reconhecessem. Mas que tinha acontecido, isso tinha. E se o padre não tinha tino para as coisas do céu como deveria ter, isso não era problema dele.

Dirigiu-se até uma venda de armarinho e comprou uma linha de remendo para fuxicar o matulão que já estava com alguns buracos. Depois ficou ali por perto na praça remendendo a bolsa enquanto via o tempo passar.



Capítulo VI
O enamorado

O que pode acontecer quando surge a oportunidade de um encontro sexual para Nonato? Sucumbir ao desejo sexual ou permanecer fiel ao pensamento das coisas puras? Entre uma coisa e outra, Nonato encontrará uma aventura que ele nunca imaginaria, a aventura de uma nova experiência espiritual.

Nonato estava na praça com o matulão fuxicado, esperando dar vontade de caminhar de novo. Sonhava acordado e pensava num tempo em que estaria de volta com Clarisse e Felipe, seu filho. Juntos, seriam felizes como nos tempos nos quais Clarisse reclamava que ele ia muito à Igreja. E romaneava esse tempo, achando que tudo entraria nos conformes se fosse igual àquela época.

O homem já tinha há muito cicatrizado a saudade da mulher com orações, mas naquele dia em especial o sentimento batia forte no seu coração. Foi quando apareceu para Nonato, como uma lufada de vento no rosto, Karen. Uma quenga é verdade, não passava disso. Mas a bem da verdade, não foi do modo de uma ventania que a prostituta veio, foi mais como um furacão que a mulher entrou na vida dele, no curto espaço de tempo em que esteve com o viajante.

A mulher chegou de mansinho, fazendo dengeo e choramingando suas dores no mesmo banco de praça onde estava Nonato.

-- Puxa vida, porque logo comigo? -- falava para si mesmo.

-- Que foi moça, posso ajudar? -- perguntou o viandante ingênuo.

-- Duvido que você possa me ajudar...mas de qualquer modo... se tiver um tempo...

A quenga contou então a história da vida dela. Sabe aquelas coisas que acontecem quando você encontra um estranho na rua e vai falando coisas que não diria para seu amigo mais chegado? Pois foi o que aconteceu. E Nonato foi um bom ouvinte, fechou a boca e escutou tudo.

Disse o nome dela, que vinha de Fortaleza e que estava em Juazeiro prostituindo-se. Nas palavras dela disse que não tinha opção, “vim sem um puto no bolso e acabei uma puta.” Sua mãe e seu pai tinham morrido e seus irmãos a rejeitavam, porque ela queria ser dançarina, diziam que aquilo não era profissão de gente direita.

Um dos clientes dela tinha dado o pé sem pagá-la e agora a quenga estava sem o que dar para o gigolô dela. Com isso, esse homem, muito truculento, até a ameaçou de morte se não pagasse o que devia.

A moça até que era bonita e se não tivesse os trejeitos da profissão, daria um bom partido, pensou Nonato, enquanto ela falava. O viajante aconselhou a dar parte à polícia, afinal uma ameaça de morte é muito grave. Ela rejeitou a ideia, dizendo que “os poliça não se incomoda com a gente”

Nonato teve a presença de espírito de sugerir à moça que pagaria a parte do ladrão, já que tinha um dinheirinho de sobra. O que ela aceitou, rindo e batendo palmas como uma criancinha...

-- Nossa, moço, não tenho como agradecer... -- disse a moça.

-- Deixe disso, não carece não.

-- Vem comigo até em casa. Quero mostrar meu apartamento a você.

-- Não, eu tenho que ir...

-- Ah, vem sim moço. Não faça desfeita.

-- Tá bom, tá bom.

E foi assim que Nonato entrou nessa experiência mística. E antes que o leitor proteste, me perguntando o que de espiritual tinha nisso, eu digo: teve a solidariedade de Nonato para com a prostituta que estava numa situação difícil e a empatia que ambos sentiram de imediato um pelo outro.

Ele a seguiu até um prédio próximo da praça e mal entraram, ela explicou que não achava justo o homem pagar sem ter nada em troca. Beijou-o e foi logo tirando a roupa. Nonato apressou-se em dizer que não queria, que tinha que ir embora, mas a quenga não se fez de rogada. Disse que se não fosse assim não ficaria de bem com Deus. O viajante parou a mulher enquanto ela se jogava para cima dele, mas seu membro já estava rijo. Como uma mulher sempre consegue o que quer, o homem esqueceu-se da aparição de Nossa Senhora, de Clarisse, da moral e dos bons costumes e cometeu o ato sexual profundamente. Foi de tal natureza o sexo, que o homem esqueceu do tempo e teve uma experiência espiritual. Seria um transe místico o que aconteceu com Nonato? Quando acabou estavam ambos sem fôlego.

Ficaram se olhando por um breve momento, procurando explicação para o que tinham vivido há pouco. Depois ela se levantou da cama, deu as costas e ficou olhando pela janela nua em pelo. Disse que faria um desconto para o homem se ele quisesse repetir.

Nonato achou aquilo estranho, sentiu uma vontade grande de ficar em silêncio, tinha entrado numa nova dimensão espiritual e não sabia como sair. Falou que não queria fazer outra vez. Balbuciava palavras que ele ouvia sair da boca com toda a atenção que já tivera em toda a sua vida. Estava realmente alerta.

Pagou a Karen, que já vestida, fazia um dengo no seu es-

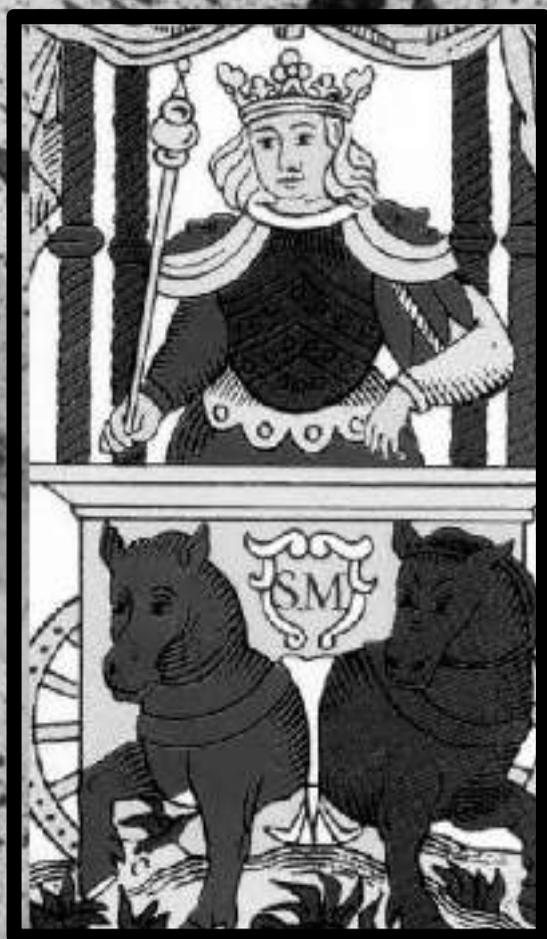
tilo, temendo pela despedida. Tinha dado a ela uma quantia dupla. Pelo ladrão que não a pagara e pela trepada que tiveram, que a bem da verdade, fora mais uma entrega espiritual do que uma trepada.

Saiu do apartamento dela e com um beijo de despedida, foi embora. Quando já estava na porta da rua do condomínio, viu a mulher correndo em sua direção toda esbaforida.

-- Toma, leve esse terço. É um presente meu. Vai com Deus. -- disse a prostituta entregando o artefato religioso em madeira de boa qualidade.

Nonato agradeceu e foi na direção da praça, voltando-se algumas vezes para trás, despedindo-se da mulher. O homem estava agora num patamar próximo da beatitude, depois da experiência com Karen. Embora os religiosos de muitas crenças torcessem o nariz para qualquer acepção de que com o sexo se tem algum ganho em matéria de espiritualidade, a verdade é que se pode sim alcançar níveis maiores. E Nonato já estava predisposto a isso quando surgiu a oportunidade.

O viajante aproveitou para rezar o terço que ganhara. Completou a oração e verificou como maior a aspereza na súplica do que nas vezes anteriores. Parecia um beato, pensou o homem. Agora Nonato já podia procurar pela espada da justiça com mais afinco, tinha motivo para buscá-la. Quem sabe, quando a encontrasse, a secura na oração passaria? Só o tempo iria dizer.



Capítulo VII
A carruagem

É quando Nonato pratica uma boa ação e ganha o direito de uma recompensa. Ficaré o homem com o dinheiro? Ou vai apenas aceitar a convocação para a festa do Boi Surubim? A festa é fora de época mas o convite chega em boa hora. O viajante já estava esperando por uma festança.

Nonato estava indo em direção às casas que patrocinam a festa do Boi Surubim fora de época, subindo uma ladeira toda arborizada. Encontra uma grande concentração de pessoas perto de uma casa com portão de madeira bem trabalhada e grandes janelas também de madeira no segundo andar. Pareciam todos muito preocupados e o clima não era de festa, definitivamente. Quando Nonato chegou perto, perguntou se a festa do Boi-de-reis ia começar, o que estava acontecendo. Um dos participantes disse a ele que a filhinha de 7 anos da dona da casa tinha se perdido e por isso a festa ameaçava ser cancelada. Ficou sabendo que a menininha era branca, tinha um vestidinho amarelo, tranças no cabelo castanho e seu nome é Lúcia.

Afastou-se do lugar lamentando ter se perdido a mocinha. Seguiu caminho até um grupo de casas ainda mais luxuosas do que a casa da festa. A rua era tranqüila e parecia um grande condomínio fechado no meio da cidade. Caminhou mais um pouco e chegou até uma padaria. Pediu um café e foi atendido. Lembrava-se do encontro com Karen. A prostituta tinha se esmerado em fazer bonito, é verdade... Mas Nonato tinha aproveitado para fazer mais do que sexo. Tinha feito uma verdadeira investigação espiritual com a mulher. Embora não tivesse sido um primor de cavalheiro, tinha ao menos se despedido dela com um beijo, o que era mais do que já tinha feito com putas.

E havia ganho um presente, um terço. Realmente fora um grande encontro, pena ter acabado. Bom, melhor assim, agora o

homem podia voltar à sua realidade de devoto. Sentou-se numa das mesas da lanchonete da padaria para tomar o café. Foi quando um homenzarrão o interpelou. O homem corpulento e alto estava sentado numa mesa próxima a dele e buscava amizade ao que parecia.

-- O senhor vê como são as coisas... Os jovens de hoje em dia só querem saber do próprio umbigo... Não querem ver os pais, nem os avós, nada. É um estorvo para eles. -- considerou o homem.

-- É... os tempos estão mudados. -- disse Nonato.

Contou que estava vindo de uma festa do Boi Surubim fora de época e que a filhinha da dona da casa que patrocinava a festa tinha sumido. E eles estavam todos procurando pela menina. E emendou dizendo que as crianças são o tesouro dos pais quando são pequenas mas quando crescem e os pais estão velhos, não querem tomar conta dos pais em troca. A menininha tinha se perdido e agora era a preocupação maior dos seus pais. Mas onde estavam eles quando a garotinha se perdeu? Mesmo os pais de hoje já não são tão cuidadosos quanto os pais de antigamente. Tudo está mudado mesmo.

O homenzarrão disse então que tinha visto uma garotinha passando por ali perto há poucas horas atrás. Falou que tinha estranhado a menina tão pequena sozinha mas que estava entretido com a cerveja. E quando foi ver o que estava acontecendo ou onde estariam os seus pais, a garotinha já tinha sumido. Contou então que se chamava Augusto e que conhecia a casa que realizava a festa fora de época do Boi-de-reis. Os dois combinaram que Augusto iria até a casa da festa para avisar do avistamento da menina e ele, Nonato iria procurar a menina na direção que o homem indicava que ela tinha provavelmente se

afastado. Dispuseram-se assim e lá foram os dois saindo da padaria, cada um com um intento.

Nonato foi até uma pequena praça perto dali e pensou que a menina não podia ter ido muito longe. Provavelmente ainda estava próximo daquelas redondezas. Era melhor esperar para ver se ela aparecia. Resolveu sentar-se num banco e rezar o terço novamente. Atrapalhou-se todo dessa vez. As palavras vinham picadas, não sabia a ordem direito delas, enfim, o silêncio imperou e o homem desistiu momentaneamente de continuar a oração. Perguntava-se como podia ter esquecido de uma reza que fazia desde que se conhecia como gente... Resolveu insistir... As palavras vinham enroladas, sem nexos de novo. De repente como continuasse a falar desmedidamente, uma glossolalia começou a ter lugar e ele falava línguas estranhas, sem saber o que dizia. Achou muito estranho. Prática que só tinha feito uma vez, nos grupos de oração, voltar agora, espontaneamente. Antigo costume cristão das primeiras comunidades, a glossolalia consistia em falar diversas palavras numa língua que não se conhece ou numa língua imaginária com a intenção de limpar a mente e afinar-se com o Espírito Santo para a verdadeira palavra de Deus. O viajante desistiu de vez de rezar o terço e passou a fazer a glossolalia, esperando que assim, se resolvesse seu dilema com a espada da justiça prometida por Nossa Senhora na sua visão.

Estava assim, fazendo a prática das línguas estranhas, quando viu uma menininha de vestido amarelo, tranças e cabelo castanho se aproximar da praça. Só podia ser ela, disse ele para si mesmo. Aproximou-se e perguntou onde estavam os pais dela. Ao que ela disse que estava perdida já há umas duas horas. Nonato perguntou o nome dela e confirmou que era a Lúcia mesmo. Então disse que podia levá-la para sua casa que sabia onde era.

A menina ficou desconfiada no começo e não queria acompanhar o homem até que ele comentou da festa do Boi Surubim e a garotinha concordou.

Voltaram, os dois, pelo caminho que Nonato tinha feito até deixar a casa. No caminho a menina contou que tinha ido brincar com colegas do bairro numa casa abandonada por perto, mas quando saíram do lugar, eles todos saíram primeiro e ela ficou para trás. Não acertando o caminho de volta para casa, a menina ficou vagando pelo bairro à procura dos pais. Quando chegaram em casa não foi pequena a alegria pela volta da menina.

-- Minha fiiiiiiiiilha!!! Onde você estava?????

-- Encontrei ela no parque depois da padaria. -- disse Nonato à mãe da menina. -- Da próxima vez tenham mais cuidado.

-- Não, todo cuidado é pouco, meu Deus!!!! -- emendou a mulher abraçando a filha.

Todos estavam felizes e aliviados depois de encontrada a Lúcia. Foi oferecida uma quantia em dinheiro para Nonato pelo seu gesto, mas ele recusou, aceitando apenas ficar na festa como recompensa. A festa foi retomada e o Boi Surubim pode enfim subir por entre a rua. Nonato tomou muita pinga e festejou muito. Augusto estava por lá também.

-- É um Boi de Reis prá não deixar nada a dever... -- disse o homenzarrão no meio da aglomeração.

-- É... Muito bom. -- confirmou Nonato.

As pessoas aproveitaram ao máximo a festança. Estavam realmente radiantes e redimidas por ter se encontrado a mocinha. Nonato, o grande herói, estava também muito feliz. Descortinavam-se melhores momentos e, com esperança no futuro, o homem aguardou um pouco, na rua da festa, para depois seguir viagem.



Capítulo VIII
A justiça

É o relato de como Nonato encontra a espada da justiça. Também ocorre uma nova aparição de Nossa Senhora que fala ao viajante como da primeira vez. E enfim é revelado ao homem o que fazer com a espada, o que o leva a fazer uma promessa, jurando cumpri-la.

Nonato está acompanhando uma parte da festa do Boi-de-reis quando ouve a história do bruxo de Juazeiro. No início, o homem não se interessa muito, mas há um detalhe que vai intrigá-lo de um modo especial.

-- Foi numa noite chuvosa de setembro de 1946 que nasceu Maximiliano. -- começou Lopes, um negro de boné e bermuda que estava na festa também. -- Seus pais eram de uma família muito rica e já circulavam pela Maçonaria, pela Rosa Cruz e por Irmandades de magia antes dele nascer. O menino cresceu ouvindo histórias de alquimia e magia. Passava o tempo deslizando os olhos por livros estranhos e ocultos dos pais. Quando já era homem, enveredou pelo caminho da magia e se tornou bruxo. Queria transformar metal comum em ouro, como os alquimistas. E dizem que conseguiu. Maximiliano mesmo forjou uma espada com cabo de ouro, ouro que era ferro e se transformou em metal precioso pela sua mão. Nos últimos anos da vida, ficou louco e danou-se a enterrar coisas no grande jardim da mansão. A espada, já disseram, está na casa abandonada, enterrada perto de um pé de juá. Como não dão muito crédito à história, não apareceu nenhum ladrão. Ainda.

Nonato quis saber onde era a tal casa abandonada, interessado que estava na espada. Mais por conta da aparição de Nossa Senhora e da espada da justiça do que pela preciosidade do objeto. Ao que, Lopes respondeu:

-- É a mesma casa que a menina Lúcia estava brincando e depois se perdeu.

Nonato agradeceu a informação a Lopes e saiu da festa, se dirigindo até a casa abandonada. Estava decidido a tirar a limpo a notícia de que havia uma espada enterrada no jardim da mansão. Essa podia ser a tão querida espada da justiça que Nossa Senhora havia dito. Como Nonato era um homem que acreditava que nada é por acaso, o viajante achou por bem confirmar a história, afinal Lopes podia ter contado a história para qualquer um, mas veio contar logo para ele, Nonato. Havia uma razão nisso e o homem não descansaria enquanto não verificasse.

Chegou na grande murada que fazia frente à casa abandonada e foi buscar logo a “entrada secreta” como chamava Lúcia e os meninos que frequentavam a casa para brincar. A tal “entrada secreta”, como pode constatar Nonato, era um buraco no muro alto no qual só crianças ou um anão poderiam passar.

Como não podia entrar por ali, procurou outra ideia. Foi andando pela murada que dava a volta no quarteirão e encontrou uma grande amendoeira que se espichava pelo muro e além. Subiu na árvore concentrando-se em não ser surpreendido por um galho podre e conseguiu chegar até a divisa do topo do muro. A distância da amendoeira para a murada era grande e além disso, haviam ferros pontiagudos no topo do muro, o que inviabilizava um pulo para lá. Ele teria que subir mais para cima da amendoeira e se jogar para frente, rezando para cair no jardim. Foi o que fez. Subiu mais alguns galhos, tomou impulso e se jogou no ar. Chegou são e salvo no chão do jardim, mas quase torceu o pé.

Recuperou-se do susto e olhou bem para o que tinha a frente. Era uma verdadeira mansão, com 3 andares. Havia o gran-

de casarão bem centralizado no terreno e duas pequenas casas ao fundo, “que deviam servir como acomodação para os empregados” disse a si mesmo Nonato. Havia também um estábulo e muitas garagens, tudo muito abandonado. Um jardim enorme separava o homem da casa. O jardim tinha um gramado já há muito não aparado, grandes pés de abacate e amendoeira e lá no fundo, uma árvore que parecia um juazeiro. “Deve ser o juazeiro que marca a espada enterrada” pensou o viajante. Ao lado dessa árvore, havia uma bica que parecia ter água, mas estava seca. “Pena. Queria me lavar.” Concluiu Nonato depois de atravessar todo o jardim para chegar até o pé de juá.

Parecia que não tinha ninguém mesmo dentro da mansão e Nonato aproveitou-se desse fato para vasculhar o terreno. Encontrou um depósito com várias ferramentas enferrujadas, próximo a uma das garagens. Lá achou uma pá muita velha, mas que servia ainda e podia ser útil caso ele fosse, como tinha intenção até ali, de cavar para encontrar a espada. Foi o que fez. Começou o trabalho escolhendo um lugar onde cavaria primeiro bem perto do juazeiro, esperando encontrar o que procurava.

O trabalho era árduo e Nonato pensou em desistir mais de uma vez. No entanto, resolveu engolir o que restava de saliva e continuar cavando. Fez mais de dez buracos em frente, do lado e atrás do juazeiro, mas não achou nada. Por fim, parou para descansar, sentando na grama alta, em frente à buaqueira que tinha deixado. Estava assim, pensando no que estava fazendo, “essa loucura não vai me levar a lugar nenhum”, dizia o homem para si mesmo, enquanto tomava fôlego.

Só havia um lugar onde não cavara. E era embaixo do próprio juazeiro. Não podia derrubar a árvore, porque não tinha as ferramentas para isso, mas podia aproveitar um dos buracos

que tinha feito e aprofundá-lo até chegar as raízes da planta para ver se encontrava alguma coisa. Recomeçou por um dos buracos em frente ao pé de juá. Não teve que aprofundar muito. Logo encontrou um pedaço de madeira. Parecia uma caixa de madeira e o viajante puxou o objeto para si com toda força depois de cavar mais um bocado.

A caixa era grande e retangular. Bem poderia ser uma espada dentro dela. A espada de Maximiliano. Nonato tentou abri-la com as mãos depois de limpar um pouco da terra que estava por toda ela. Como não conseguira, voltou ao depósito, onde encontrou uma faca bem antiga como a pá. Dessa vez conseguiu abrir a madeira da caixa, forçando por entre os pregos. Quando tirou toda a madeira, viu uma manta muito especial, de seda, cobrindo... uma espada! E o cabo era dourado e brilhante, parecia mesmo de ouro. Num primeiro impulso, Nonato escondeu a espada com a manta, temendo por algum ladrão. Seria um presente e tanto para a igreja, “para a caridade”, pensou ele. Seria justo que algo voltado para a magia, para a bruxaria, acabasse na mão da igreja para fazer aos necessitados o que o governo e o destino não fazem. “O bem que vem do mal.”, falou alto.

Naquele mesmo momento, uma luz muito brilhante preencheu a copa do juazeiro. Nonato olhou para cima e viu primeiro um grande clarão. Ficou assustado. Depois escutou uma voz, a mesma voz que tinha escutado na igreja e no casebre de manhã. Era uma voz feminina e muito suave. Ela dizia: “Não tenha medo. Não tenha medo.”

Foi quando o clarão foi arrefecendo e o homem viu entre o brilho, uma senhora coberta por um manto azul. Era Nossa Senhora, Maria e ela pedia a Nonato: “Entregue a espada na pro -

cissão de Candeias.” O viajante rezou fervorosamente as 3 orações católicas e o Credo e quando acabaram, recomeçou. Uma grande paz invadiu o coração do homem e Nonato sentiu-se como que abençoado por aquela aparição.

Súbito a luz foi apagando e Maria desapareceu. Sem dúvida Nonato estava sendo visitado pela Mãe de Deus e estava servindo como um canal entre o céu e a Terra. Sua missão agora seria devotada a entregar aquela espada à igreja na festa das Candeias à noite. Jurou depositar a espada nas oferendas para a caridade e fazendo o sinal da cruz três vezes, começou a rezar de novo. Passou uns vinte minutos assim, em oração.

Quando terminou recolheu a espada enrolada na manta e se dirigiu ao depósito de ferramentas. Havia lá um pé de cabra que o homem pegou e usou para quebrar a fechadura do portão na frente do jardim. Saiu do terreno, carregando a espada e com uma promessa a ser cumprida.



Capítulo IX
O eremita

O que se poderá esperar do caminho de um profeta? Revelações, predições e mística? A busca de Nonato chega a um ponto em que o nosso herói encontra um legítimo profeta dos sertões. O que acontecerá a partir desse contato é tema do nosso próximo capítulo.

Nonato está próximo de uma grande feira ao ar livre, a maior de Juazeiro. Jabuticaba, juá, umbu, caju, melão, caqui, abacaxi, manga, tamarindo, todas as variedades de frutas, muita rapadura, angu doce e angu à baiana, carne de sol, feijão branco, feijão de corda e todos os tipos de comida típica eram oferecidos por lá. O homem estava com fome e aquela abundância toda de alimentos só aumentava seu apetite. Comprou uma tapioca e foi comendo enquanto avançava por dentro da feira.

Quando estava já acabando de comer a sua tapioca, chegou numa parte da feira mais atípica, fora das barracas. Havia um grupo de pessoas ao redor de um velho barbudo com uma bata branca suja e esfarrapada e um bastão com uma bandeira onde se via pintada uma cruz. O senhor idoso exortava as pessoas a pedirem perdão a Deus por seus pecados. Clamava por salvação a Jesus Cristo e à toda falange de anjos e arcanjos.

-- Deus protegi quem anda no caminhu rétu. Porque é de Jesus Cristo a nossa salvação, aquele ungidu, aquele batizadu por João Batista -- dizia o homem em altos brados.

Muitos incitavam a vaia, alguns xingavam. Outros, esses a maioria, concordavam e queriam que ele falasse mais. Mal sabiam eles que em breve uma grande confusão ia tomar conta de todos ali presentes. Um desses que vaiava, começou a balbúrdia toda. Iniciou uma discussão com um dos que queria ouvir, nesses termos:

-- Se ele sabe de tudo porque é que não é da Igreja? Porque ele não é padre ou bispo? Ou pastor?

-- Sai prá lá... Vc não pode falar assim não... -- empurrou o homem que defendia o profeta.

-- É...Porque que ele fica perambulando por aí com essa roupa esmulambada?... -- outro, com uma vara na mão, tomou as dores do que atacava.

-- Num empurra não... -- avisou o primeiro já de punhos em riste.

O que tinha empurrado insistiu na sua posição e empurrou, também, aquele que defendia o primeiro. Foi o bastante para outras pessoas se enfezarem e algumas ficarem contra. Estava iniciada uma briga generalizada e quem não queria tomar parte já estava apanhando.

Nonato viu aquilo e, num átimo de reação, pensou em salvar o ancião com sua bandeira com uma cruz pintada. Foi o que fez. No meio de toda perturbação, gritaria e luta, foi passando por entre as pessoas, empurrando e fazendo caminho até o senhor idoso. Tinha cuidado para não revelar o cabo de ouro da espada, que estava enrolada na manta. O que seria péssimo, naquela confusão.

Quando chegou, tratou de puxar o profeta para fora da pancadaria, protegendo-o dos pontapés e socos que todos estavam desferindo.

Quando finalmente estavam fora de perigo, longe da briga, Nonato perguntou:

-- Está tudo bem, meu sinhô?

-- Por enquanto está, meu fio. Eu só não quero que eles nos alcancem.

-- Fique tranquilo. Eles estão distantes.

-- Sabi, eu não gosto quando essas coisas aconteci... --
disse o senhor idoso -- A minha mensagem é de paiz, não gosto disso.

-- Eu sei, eu sei. – concordou Nonato, balançando a cabeça.

-- Mas eu quero lhe contar uma história, já que vosmicê foi tão bondoso comigo.

-- Não carece de se apoquentá não.

-- Não é nenhum aponquentamento não, meu fio. Quando a genti fica veio, gosta de contar as coisas... Tem gente, incrusive, que tem que verbalizar todo passo que dá, tem que falá tudo que vai fazê, mesmo quando não tem ninguém por perto. É como se apegando no verbo, num sabe? O verbo é de Deus, nosso Senhor.

Disse que se chamava Abelardo. E contou a Nonato quase toda a sua vida. Descreveu a casa dos pais em Itabuna, na Bahia, com detalhes. Disse que passou a infância e a juventude lá. Quando seu pai morreu, os seus irmãos mais velhos, o levaram para Ilhéus e de lá para Salvador, onde ele trabalhou em vários biscates. Como engraxate, pedreiro, ajudante de lava-carros e até como entregador de pizza, numa época em que esse serviço era raro de se encontrar no Brasil. “Era uma época boa para trabalhar se você não tivesse medo de pôr a mão na massa”, dizia o velho.

Depois de algum tempo, ele e um irmão foram para São Paulo, onde ele se encantou “com aquele mundão de edificios e carros” Penou muito e passou miséria na cidade paulista, inclusive, morando na rua alguns meses. Até que arranjou um emprego de ajudante de pedreiro na construção civil. Foi por esses tempos que encontrou Isabela, o grande amor da sua vida. Ela era doméstica em casa de família. Não casaram, o dinheiro não chega-

va para isso, mas construíram uma vida juntos, 20 anos e dois filhos.

Depois desse tempo todo juntos, Isabela veio a falecer e Abelardo ficou doente, tinha “aquela doença” como chamavam. Tinha câncer e o tratamento era muito caro, não dava para pagar. Foi aí que Nosso Senhor entrou na vida dele “com toda a sua benção”. Um belo dia, quando o homem ia fazer uma bateria de exames para confirmar o diagnóstico, veio a surpresa das surpresas: Abelardo estava curado! “O tumor tinha recuado e não se apresentava mais no sistema” Era assim que falavam os médicos, mas Abelardo sabia que era mais do que isso. Era religioso e viu aquilo como um sinal de Deus, para que se convertesse. E assim foi. A partir daí, passou a rezar fervorosamente e decidiu abandonar São Paulo, ia voltar para a terrinha, para evangelizar as pessoas em nome de Jesus Cristo... Os filhos ficaram em São Paulo e só Deus sabe como estão agora. O homem perdeu contato com eles e com toda a sua vida anterior. Passou a se vestir de forma simples, com uma bata, apenas e montou um estandarte com uma cruz pintada encima para pregar a palavra de Nosso Senhor. Andou muito pelas cidades da Bahia evangelizando o quanto podia. Mas também ficou bastante tempo sozinho, meditando sobre a vida e os seus percalços. Depois de um tempo, decidiu viajar até o Ceará para Juazeiro do Norte a fim de participar da festa das Candeias, de Nossa Senhora das Candeias. E ali estava ele, pregando de novo, quando aconteceu aquilo.

Quando acabou de falar, Nonato, bem comovido com o relato, disse que Deus iria olhar por Abelardo e por todos nós, que somos seus filhos e Ele não iria abandonar. O velho concordou e acrescentou que “os caminhos do Altíssimo são ortos mas não

falham”. Logo depois, um garoto se aproximou dos dois e se dirigiu ao ancião:

-- Sua benção meu senhô. -- disse o menino beijando a mão de Abelardo.

-- Deus te abençoe, meu fio. -- cumprimentou Abelardo.

-- Meu senhor, estou aqui porque uns policiá estão vindo. Eles acham que o senhô foi o culpado pela confusão da briga. Eles querem prender o senhô. Foge, meu senhô. -- brandiu o menino, quase gritando.

Ouvindo aquilo, Nonato se afastou do garoto e do ancião, temeroso que estava da possibilidade de ser revistado pela polícia. “Eles podiam encontrar a espada com cabo de ouro e aí tudo estaria perdido” pensou o viajante. E não foi sem razão. Momentos após o moleque dar aquele aviso e sair correndo, dois brutamontes policiais chegaram perto de Abelardo e o algemaram. Foi em vão que ele protestou perguntando porque o estavam levando. “O senhor vai saber na delegacia” diziam eles.

--- Me deixem, me deixem, em nome de Jesus cristo. -- bradava em gritos Abelardo.

Vendo aquilo, parte da multidão, que tinha participado da briga, veio estender solidariedade ao ancião.

-- Solta ele. -- diziam uns. -- Ele não fez nada de errado. -- diziam outros.

E se juntaram fazendo um círculo de gente ao redor dos policiais.

-- Calma, para trás, calma... não vamos permitir... que se interponham... -- falavam os policiais sem saber o que fazer.

A situação estava se agravando e o senhor idoso estava sentindo dores no coração com aquela agitação toda. Pedia, em

vão, que o deixassem ir, tentando se livrar das algemas, o que só fazia com que apertassem mais no seu pulso.

Foi aí que um dos que cercavam os policiais, avançou puxando Abelardo para longe dos policiais.

-- Ehhh Ehhh -- gritou a multidão.

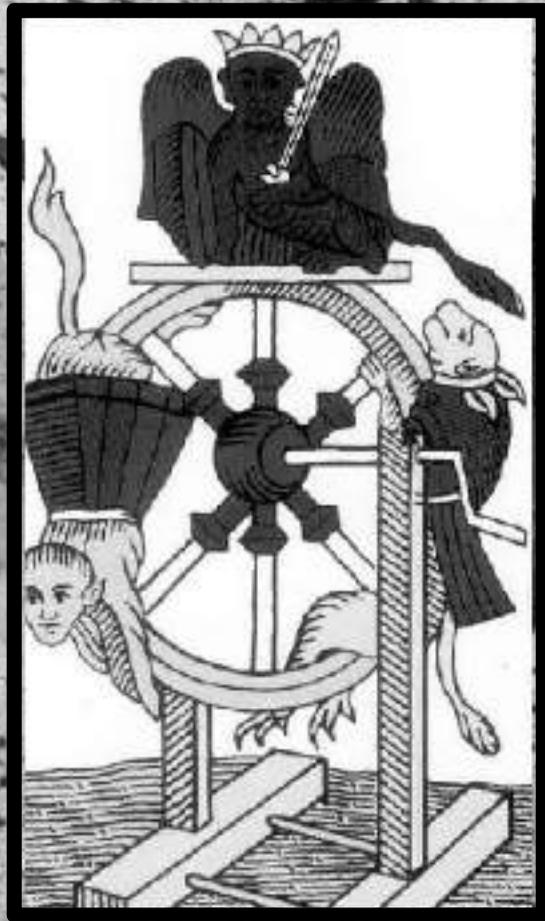
-- Se afastem. -- vociferou um dos policiais, sacou a arma de fogo e atirou para cima, dispersando a multidão e trazendo o profeta de volta.

O velho que já estava transtornado, ouvindo o barulho do tiro bem perto dos tímpanos, súbito teve um ataque do coração e caiu no chão.

--- Jesus, Nosso Senhor...--- balbuciava Abelardo, quase inaudivelmente, sem voz que estava, com as mãos no peito.

Foi chamada uma ambulância, mas já era tarde. “Levaram o cadáver do velho” diziam alguns, que chegaram perto para ver. Nonato que assistia tudo a uma distância segura, pensou que não tinha necessidade daquilo tudo. Não tinha necessidade daquela briga ter acontecido, em primeiro lugar. Não tinha necessidade de prenderem um senhor idoso, não tinha necessidade da confusão com os policiais. Enfim, tudo fora um desperdício. Desperdício da vida de um profeta.

Saiu da feira, certo de que, nesse mundo, aqueles que tencionam viver com devoção acabam pagando um preço caro pela escolha desse caminho. E de que, ele também, teria que pagar esse preço quando chegasse o momento.



Capítulo X
A roda do
destino

Nonato encontrar-se-á com um repentista que está atrás de uma história para sua cantoria. Terá sua vida de devoto decorada pelo violeiro que pretende cantá-la em verso e prosa. E precisará se esconder da polícia que procura quem roubou a espada da mansão de Maximiliano. Como o homem reagirá a essa notoriedade e essa necessidade de fuga, ambas relativas e inesperadas ao mesmo tempo?

Dai-nos a benção ó Mãe querida
Nossa Senhora Aparecida!
Guardai-nos sempre
no amor de Deus!
Eu me consagro ao vosso amor,
ó Mãe querida, do Salvador!
Sois nossa vida, sois nossa luz,
ó Mãe querida, do meu Jesus!

Esse cântico foi a primeira coisa que Nonato ouviu quando adentrou o bar para beber, coisa que tinha feito há 3 horas atrás na festa do Boi Surubim. Há muito tinha se livrado do vício do álcool. Mas naquele dia a ânsia por uma pinga batia forte com a saudade da mulher que tinha falado por telefone na casa da mainha.

O homem que cantava a exortação à Nossa Senhora era um repentista e essa foi uma das poucas cantorias que restavam na sua mente nesse dia. Encontrava-se numa “seca” de inspiração e por isso fora beber. Haveria uma festa logo ao final da tarde e um desafio de repentista e o violeiro buscava no final das suas forças, um alento para continuar.

“Como vou fazer minha música agora?” Pensava o cantor de repente. “De que modo vou continuar?” “Como?” Prosseguia, bebendo como nunca.

Nonato não estava ciente desses detalhes todos, nem poderia estar, já que não conhecia ninguém no bar. E se eu conto essa profusão de pensamentos do repentista, é que preciso, antes de mais nada, apresentá-lo ao leitor.

Luz da Conceição, como o chamavam e como, aliás, era o seu nome verdadeiro, tinha viajado muito pelos interiores de Pernambuco. Agora, descobria o Ceará, vindo parar em Juazeiro do Norte “por obra e graça de Nosso Senhor” como o homem dizia. O seu nome significava que estava sempre em comunhão com Deus por via do Imaculado Coração de Nossa Senhora? Ele não sabia. Tudo o que Luz sabia era que com esse nome mesmo, conquistara fama como repentista em quase todos os lugares.

O encontro entre Nonato e Luz da Conceição se deu de modo fortuito, ou não, fora o destino mesmo, isso não importa. O que importa é que Luz que já estava pra lá de bêbado, convidou o viajante para uma rodada de pinga.

-- Obrigado, amigo -- disse Nonato ajeitando-se na cadeira do bar.

-- Estava eu aqui pensando com meus botões, de que modo continuar com minhas cantorias... estou sem inspiração...

-- Se quiser eu lhe conto uma história de arrepiar — a história da minha vida — disse Nonato -- mas não é para colocar no repente não.

-- Juro de pé junto que não coloco nada na viola. -- disse o bêbado.

O viajante se preparou tomando um gole de pinga. Como acontece, às vezes, nos sentimos mais à vontade para desabafar com um estranho do que com nossos melhores amigos. Foi o que aconteceu a Nonato. Resumiu o que tinha ocorrido desde que tinha chegado a Juazeiro do Norte naquele mesmo dia. E contou

da voz que o chamou para o barraco isolado, das aparições de Nossa Senhora lá e em outros lugares. Da desconfiança em torno da veracidade das aparições pelo padre. Da espada da justiça e de como foi achá-la e mesmo da sua intenção de deixar a espada com cabo de ouro para a caridade na festa de logo mais de Nossa Senhora das Candeias.

Luz ficou verdadeiramente impressionado com a história. Tanto que nem se deu conta quando um rádio no bar, que estava ligado numa sintonia de Juazeiro do Norte, deu a notícia de que a mansão de Maximiliano tinha sido arrombada e que procuravam pelo ladrão. Diziam que um objeto de ouro tinha sido roubado. O violeiro não ligou uma coisa à outra. Mas Nonato estava atento e tratou de dar no pé, antes que descobrissem que era ele mesmo que estava com a espada da justiça por achá-la na mansão. Sim, achá-la, não fora mais nem menos do que isso. E talvez, (quem diria que não!), fosse essa a vontade de Maximiliano, a de que alguém encontrasse a sua espada com o cabo de ouro e a entregasse à Igreja, para a caridade? Alguém honrado, alguém de coração bom, digno dessa façanha.

Mas é claro que o sistema não pensava desse modo. E tratariam de caçá-lo como um criminoso qualquer, pelo visto mais cedo do que o viajante imaginava. Menos de duas horas se passaram desde que Nonato havia encontrado a espada e já havia comunicado na imprensa. Surpreendente mesmo seria quando o homem deixasse a espada nas doações para a caridade na festa de Nossa Senhora das Candeias. Como faria para não ser preso? Eis uma pergunta que não sabia responder. Teria que ser muito rápido. Deixar e sair, imiscuir-se na multidão dos fiéis na mesma hora. Esses pensamentos não passavam claramente na sua mente agora, porque estava concentrado em não servisto por policiais

com algo parecido com uma espada, coisa que não havia sido falada no rádio, mas que certamente era do conhecimento das autoridades.

Deslizou para fora do bar sem se despedir de Luz nem de ninguém lá dentro. Foi até uma farmácia e comprou um comprimido para a dor de cabeça que ameaçava se instalar na sua cabeça. Engoliu o medicamento com a água do cantil que havia enchido na casa da mainha. E ficou perto de uma venda, sentado na calçada, decidido a permanecer por lá até a meia-noite quando da celebração máxima de Nossa Senhora das Candeias.

Luz que estava totalmente bêbado quando Nonato o encontrou, achou por bem, se lembrar da história de Nonato tim-tim por tim-tim justamente para não repeti-la no repente. Já tinha narrado aventuras e desventuras em verso e prosa e sabia, como os doutores, que não haviam histórias novas. O que havia, isso sim, eram modos diferentes de contá-las. No entanto, papo vai, papo vem, o violeiro se esqueceu da promessa, tão rápido quanto esqueceu do novo amigo que havia desaparecido do bar. Afinal, o homem disse a si mesmo: “a inspiração está de volta” e ele tinha com o que desafiar seu oponente na cantoria.



Capítulo XI
A força

Nosso herói estará frente a frente com um cachorro muito brabo, com a doença da raiva, pronto para atacá-lo. Como sairá desse confronto vai determinar bem mais do que uma simples forma de desvencilhar-se de um perigo passageiro. Porque os filhos de Maximiliano contrataram um investigador particular para o caso da espada com o cabo de ouro. E esse detetive averigua todas as pistas. Inclusive a de uma certa cova rasa improvisada.

Nonato andava pelas ruas de Juazeiro, tentando esquecer que provavelmente era um fugitivo da polícia. E tudo por causa de uma espada com cabo de ouro... Logo Nonato, que não ligava para coisas materiais, como isso era possível, como fora acontecer? A cabeça girava e a dor não passara. O homem resolveu parar num beco para dar uma olhada na espada. Escolhera uma viela deserta entre uma fábrica abandonada e uma construção parada, distante dos transeuntes.

Ali procurou esquecer todos os problemas. Pôs-se a fechar os olhos numa oração centrante. Apenas com uma palavra sagrada que lhe servia de âncora para a presença do Senhor. Reviveu então os percalços que passara para chegar até onde estava. As negativas de sua mulher, Clarisse, em relação ao projeto de se tornar um caminhante, a luta interior para conseguir vencer a letargia de permanecer em casa, a jornada propriamente dita, de Exu até Juazeiro...

Tudo aquilo, passando pela sua mente em flashes, lhe mostrava que não tinha sido em vão tamanho esforço. Tinha um sentido, afinal, estava com a espada da justiça nas mãos a fim de fazer uma doação para a Igreja. Quem sabe quantos orfanatos, hospitais e capelas seriam ajudados com aquela oferenda? E o fato dele ter achado a espada na mansão não significava que estava

roubando. Tinha apenas trazido à vida uma lenda que circulava à boca pequena em Juazeiro do Norte. E ademais, Nossa Senhora, em suas visões, tinha o alertado precisamente sobre uma espada, a espada da justiça. Não podia ser outra.

Nonato tirou a espada do manto que a cobria e passou a admirá-la... Como era bonita. Ele poderia... não, isso seria ruim... Mas porque não? O homem poderia levantar um bom dinheiro com ela, poderia dar um futuro para Felipe, seu filho e comprar um casarão para Clarisse. Seria bom, mas não seria correto. Poderia inclusive, ajudar a igreja com pequenas doações o resto da vida... ao invés de apenas uma doação assim, sem pé nem cabeça. Mas o que estava pensando? A ganância havia tomado conta do homem e feito morada. Arre!!! Não!!! Tinha que fazer a doação da espada como estava, do jeito que estava. Seria assim, ou nada. Nossa Senhora tinha falado com o viajante.

Ficou de pé, segurando a espada em riste, em gesto de combate. Sentia-se um guerreiro. Era um guerreiro! Um guerreiro de Deus, afinal. Foi quando ouviu um barulho vindo dos restos de lixo que estavam no beco. Um cachorro com visível aparência de doente, babando muito, saiu de trás dos entulhos e latindo alto, aproximava-se feroz contra Nonato. O cão era mediano, nem muito grande nem muito pequeno, com uma cor preta de pelo curto e as orelhas caídas, parecia um vira-lata. Mas o homem não teve tempo de tecer essas considerações, porque no instante seguinte o cachorro já estava quase encima dele.

Não havendo alternativas, a única opção é defender-se. E foi o que Nonato fez. Aproveitou que estava com a espada e por um movimento largo da arma branca, rasgou o cachorro de fora a fora. Não queria tê-lo feito, mas quando viu, já era tarde. Seria aquilo ou amargar uma mordida. O cão chorou um bocado e caiu

perto do homem, correndo para longe, logo em seguida. Não demorou muito, caía estrebuchado no chão, no final do beco. Ainda vivo, mas com muito sangue nas costelas.

Nonato aproximou-se com cuidado e virou o cachorro com as mãos. O bicho ainda gania e chorava, mas logo a respiração parou e o viajante viu que estava acabado. Não tinha mais nada a fazer. Que tristeza! Não queria ter matado o cachorro, mas enfim, do jeito que o cão estava, doente, tinha sido até um gesto de misericórdia...

Decidiu fazer uma pequena cova para o cachorro. Pelo menos o bichinho seria enterrado com alguma dignidade, ainda que tardia. Era difícil remover a terra do chão, sem uma pá, mas Nonato não desistiu. Utilizou a espada, a mesma com que rasgara as costelas do animal, para tirar a terra do chão. Conseguiu, enfim, uma cova rasa muito improvisada e colocou o cão lá, fazendo uma oração rápida depois que já tinha coberto com terra.

-- Descanse em paz, amigo... -- disse Nonato após a oração.

Afastou-se do local, esperando que ninguém tivesse visto o ocorrido. Mas não era bem isso que iria acontecer. Porque perto dali, encontramos outro participante dessa trama que está em busca justamente do ladrão da espada. Cássio tinha sido contratado pela família - os filhos, Alex Louredano e Lúcia Louredano - de Maximiliano para encontrar e prender quem tinha desenterrado e roubado a espada com cabo de ouro. Tão decantado, o gládio, se encontrava no testamento do mago; cuja vontade era de que fosse desenterrado doze anos após a sua morte para se tornar peça de museu. Dois anos tinham passado desde que Maximiliano tinha morrido e ainda restavam dez anos. Mas o destino quis que a espada fosse parar nas mãos de Nonato.

Cássio era um detetive particular que já fora da polícia e agora trabalhava por conta própria. Nos seus tempos de policial civil, chegou a ser delegado e ganhou fama de mau com os criminosos. Não era violento, mas quando encasquetava com um caso, não havia coisa que o demovesse de solucioná-lo. Por causa de desavenças com certos juízes do alto escalão, fora afastado e depois resolvera sair da polícia. Desde então, trabalhava com pequenos casos de infidelidade conjugal e segurança de prédios. Era muito amigo da família de Maximiliano de quem já havia conseguido favores e não podia escusar-se a prestar o serviço, mesmo sendo algo que ele não costuma fazer. Há 3 horas atrás tinham invadido a mansão e roubado a espada e agora já estava ele na cola do ladrão. Por um lado era bom, se desse sorte, toparia com ele hoje ainda. Devia estar em Juazeiro do Norte. Alguma coisa dizia isso a Cássio, embora o investigador achasse aquilo absurdo. Afinal, um criminoso profissional já teria picado a mula da cidade há muito tempo. Três horas eram mais do que suficientes para isso. Porém a ideia de que esse ladrão era muito peculiar e, continuava na cidade, persistia na sua cabeça por algum motivo que o homem absolutamente não sabia explicar.

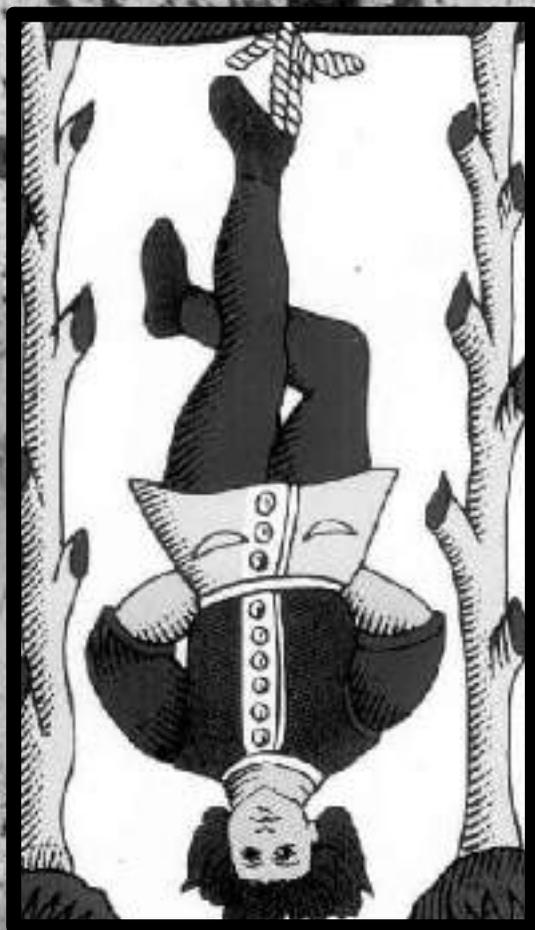
Quando entrou na viela abandonada, o detetive não esperava encontrar grande coisa com relação ao caso. Mas por uma desses desvios do destino, topou com a cova rasa que há poucos minutos tinha sido deixada por Nonato. Achou estranho aquele montinho de terra na estrada de chão batido e pôs-se a desenterrar fosse o que fosse. Quem diria que não seria a própria espada o que ele encontraria ali? O criminoso poderia ter, simplesmente, desistido de sair da cidade com a espada, já que os filhos de Maximiliano tinham agido tão rápido e posto uma mensagem até na rádio local sobre o roubo.

Mas não foi nenhum tesouro o que ele encontrou, mas sim o corpo de um animal, um cachorro... Desenterrou o corpo e notou detalhes significativos...

-- Hummmm... Muito estranho. -- pensou alto, Cássio.

Pela forma como o bicho estava, alguma arma grande, cortante tinha sido utilizada, porque todas as costelas estavam cortadas de fora a fora. Não seria a própria espada? Será que o ladrão não estaria envolvido com magia negra ou candomblé? Maximiliano tinha sido bruxo, portanto era de se esperar que alguém desse grupo de pessoas soubesse da arma branca enterrada na sua mansão.

Pelo sim, pelo não, Cássio manteria os olhos abertos. Afinal, a vida estaria mostrando ao investigador que os artefatos mágicos utilizados em vida por um bruxo, acabam voltando para os seus “donos” da mesma egrégora. Caberia ao detetive fazer valer a lei dos homens contra essa outra lei, espiritual. Mal sabia o ex-policia que isso estaria bem perto da verdade. Porque nas próximas horas, a espada quase cairá nas mãos de um adepto do candomblé.



Capítulo XII
O suspenso

Nosso viajante tentará se livrar da espada com cabo de ouro por não saber lidar com a pressão da polícia atrás de si. O que acontecerá após essa atitude de Nonato poderá fazer uma diferença enorme na concepção da sua situação. Como devoto, o homem já é, alguém que acredita, mais do que nunca, numa missão. Porém, a partir daí, o romeiro irá obter a confirmação de seu crescimento espiritual e irá gostar disso.

Nonato encontra-se na grande rodoviária de Juazeiro do Norte. Seus pensamentos estão cheios de nuvens e o homem não saberia dizer, com certeza, o que tinha ido fazer lá. Após enterrar o cachorro, o viajante dirigiu-se ao ponto de ônibus decidido a fazer algo por si mesmo. Deixar para trás essa história de devoto, espada da justiça e aparições de Nossa Senhora. Voltar para sua família em Exu, quem sabe? Mas não sabia bem aonde iria levar aquele sentimento. Pensava em sair da cidade antes da festa de Nossa Senhora das Candeias, mas esse pensamento ia e vinha. O homem não sabia o que fazer. A morte do cachorro tinha despertado nele, num estalo, uma consciência de que estava se transformando num foragido da polícia. E isso, o viandante não suportava. Algo tinha que mudar e teria que ser logo.

Era por volta das 18:40 da tarde. O dia já se findava com um pôr do sol que só não podia ser visto, na sua totalidade, por causa dos edifícios. O devoto estava na rodoviária, como eu já disse. Mas estava e não estava. Sua cabeça dava saltos. Ele planejava uma fuga, mas sabia que não ia embora de verdade. Não era do seu feitio, desaparecer assim, depois de tudo que tinha acontecido.

Observava o ir e vir das pessoas, pensando, muito a contragosto, em ir-se embora da cidade. Pensava no que fazer com a espada... Pensava em tudo, menos em coisas concretas.

A sua mente dava voltas e embora a dor de cabeça tivesse passado, ela tinha deixado, como herança, um sentimento confuso que o homem não sabia mesmo definir.

Foi quando uma mulher morena, vestida com um longo vestido branco, grandes argolas de brinco e muitas pulseiras aproximou-se do homem. A moça lhe entregou um panfleto. Dizia em grandes letras:

FAÇO AMARRAÇÃO... TRABALHO DE TODO TIPO...
FAÇO VOLTAR À PESSOA AMADA...NÃO FALHA...
VENHA HOJE MESMO E IRÁ TER SUCESSO...
MÃE DONDINHA ATENDE
RUA SÃO PEDRO, 123 ROMEIRÃO . JUAZEIRO DO
NORTE
PRÓXIMO À LOTÉERICA TREZE DE MAIO

Nonato nunca fora afeito aos trabalhos de candomblé, à umbanda, nem ao espiritismo de uma forma geral. Mas de alguma forma, aquele panfleto tinha dado-lhe um descortinar de mundos. De repente o homem vira a solução para o problema da espada. Não que aquilo que o nosso herói estivesse pensando, fosse um supra sumo de pensamento. Não era na verdade grandes coisas como ideia. Mas quando não temos nenhuma à disposição, aquela que aparece, assim de mão beijada, fica parecendo a melhor de todas.

Faria uma oferenda à Iemanjá. Deixaria a espada na porta do terreiro. E a coisa como ideia tinha tomado tanto conta de Nonato que o homem tomaria uma atitude diferente. Pegaria um ônibus, contrariando toda a sua jornada que tinha sido a pé, até aquele momento e se dirigindo ao cobrador, pedira para avisá-lo quando chegasse ao bairro no panfleto. Não demorou muito e lá estava o viajante no endereço indicado.

Foi relativamente fácil achar o lugar. Difícil seria executar o plano. O homem tinha dúvidas se estava fazendo a coisa certa, mas mesmo assim, chegou no terreiro. Havia um grande letreiro com letras garrafais, indicando a dona: MÃE DONDINHA e, ao lado, a lotérica que já estava fechada. Num raio de alguns metros poucas pessoas transitavam. Era o que Nonato queria. Poucas pessoas. Não queria que alguém visse a espada antes dos habitués do terreiro ou da própria Mãe Dondinha. Seria perder a oferenda da espada por desleixo. Nonato não acreditava em Iemanjá, em Exú, Oxumaré, nem em nenhuma das entidades do candomblé. Sua intenção era fazer a espada de Maximiliano voltar a seu lugar, lugar da magia, do oculto e aquele era o mais próximo que o homem alcançava. Todo o sentido que o viajante podia ver, no que estava fazendo, residia naquela ideia: a de que a espada não pertencia ao mundo sacro da igreja e que deveria retornar donde veio.

Estava o viajante bem de frente para a entrada do lugar. Seria simples, bastaria encostar a manta que enrolava a espada na porta e sair. Mas Nonato se demorava, tomando precauções. Olhava para um lado, olhava para outro e nada de andar. Tanto olhou que não percebeu que do outro lado da rua, um homem negro, vestido com roupas brancas, o fitava com curiosidade. O homem era um dos responsáveis pelo terreiro e esperava dar a hora de abrir.

Nonato não o tinha visto e se preparava para sair deixando a manta. O momento era aquele. Saiu em disparada, como quem tinha esquecido a coisa. O homem negro imediatamente se aproximou de Nonato lhe dizendo:

-- Ei moço!!! Esqueceu seu guarda-chuva!!!

Nonato virou-se não acreditando no azar ou na sorte.

--- Opa! Não é que eu esqueci mesmo. Obrigado, amigo.
-- disse o viandante meio que surpreso, voltando-se e recuperando o objeto que mais parecia um guarda-chuva mesmo, enrolado naquela manta.

-- O senhô num é daqui de Juazeiro não, é? Meu nome é Gabriel. -- perguntou o negro, apresentando-se.

-- Não, amigo, sou de Exu. Vim para a festa de Nossa Senhora das Candeias.

-- Ah, sim, é muito bonita. O senhô vai gostá. Eu sou amigo da Dona Dondinha, aqui do centro de candomblé. Ela faz de um tudo... qualquer trabalho, qualquer tipo de trabalho... O senhô tá precisando de alguma coisa?

-- Não, por ora não. Muito obrigado. -- desconversou Nonato. -- Eu... eu estava fazendo hora para esperar um amigo que eu ia encontrar aqui, mas parece que ele não vem não.

-- Ah sim... moço não se avexe não, mas eu queria lhe dizer uma coisa.

-- O que é? -- perguntou Nonato notando que o negro o olhava muito diretamente.

-- A sua aura...

-- A minha o que?

-- A sua aura, moço, é branquinha... Chega a brilhar como amarelo ouro...

-- Isso é bom ou é ruim? -- questionou Nonato rindo-se.

-- É muito bom, moço... O senhô é puro di coração...

-- Obrigado Gabriel. Eu... eu não sabia...

-- É sim...

Os dois conversaram por mais alguns minutos. Gabriel explicou que desde que era criança tinha a faculdade de ver, o que chamava, primeiro, de uma visagem em volta das pessoas. Com as

mais diversas cores, desde o branco até o escuro negro, essa última, poucas vezes tinha visto, indicava que a pessoa era muito perversa, muito má. Depois quando cresceu estudou com uma namorada sobre a aura das pessoas e encontrou explicação para a sua mediunidade no espiritismo e no candomblé.

Desde que tinha sido apresentado a Dona Dondinha, Gabriel havia trabalhado para ela nas mesas mediúnicas, informando sobre as cores das auras das pessoas. Alertando-a sobre possíveis perigos quando necessário e reconhecendo grandes entidades benéficas quando fosse o caso. Gabriel contou-lhe também que era descendente de uma família de negros escravos, do tempo da Escravatura no Brasil.

Nonato ouviu com atenção toda a história do homem e depois de algum tempo, despediu-se. Dirigindo-se de volta ao centro de Juazeiro, o homem pensava sozinho e tomava conclusões do que tinha acontecido. Estava claro agora para ele que Nossa Senhora e todos os anjos e arcanjos estavam olhando pelo viajante. Era sua missão entregar a espada da justiça às benfeitorias da igreja católica apostólica romana e em nenhum outro lugar. Isso aliás, ele tinha decidido, de novo, no momento mesmo que Gabriel o chamara no episódio do pseudo-esquecimento do guarda-chuva. “Se Deus assim queria, assim seria”, ruminava ele.

Estava certo, também, agora, de que a jornada de devoto, havia deixado para o homem bem mais do que calos nos pés. O romeiro tinha a aura de um homem puro, como dizia Gabriel. E isso não era coisa de se jogar fora. Fazia planos pensando naquilo. Talvez quando voltasse para Clarisse, entraria na igreja definitivamente, como leigo consagrado, quem sabe? Tudo isso vinha à sua cabeça e o fazia imaginar coisas boas. O homem estava

em estado de graça, poderia, sem dúvida, comungar. E, é certo, poderia realizar seu objetivo de devoto, mesmo frente a todas as dificuldades e percalços que tinha experimentado até aqui.



Capítulo XIII
O ceifador

Nonato defrontar-se-á com uma escolha. Um morador de rua será enterrado como indigente. E a funcionária de uma Ong de direitos humanos fará uma proposta que poderá mudar o rumo dos acontecimentos para a vida ou a “morte” de Nonato. Se o viajante aceitar, poderá resolver seus problemas com a polícia por um bom tempo.

Nosso herói estava no Romeirão, dirigindo-se de volta ao centro de Juazeiro do Norte. Já passava das 19 horas e estava escuro. Nonato confiava agora numa intercessão divina para resolver seu problema com as autoridades. Que Deus iria dar-lhe uma solução, ele já desconfiava e poderia dizer até que já sabia. Mas não tinha ideia de que seria tão rápido...

A solução, na verdade, não se parecia muito com uma, parecia mais com um problema; no entanto, Nonato irá enxergar nela uma oportunidade... Vejamos como vai ocorrer isso. Nosso viajante está passando, na sua caminhada de volta, por vários bairros pobres, além do próprio Romeirão. E neles muito lixo, mendigos e moradores de rua.

Quando estava num lugar adjacente ao centro, perto de uma das muitas igrejas, avistou uma mulher vestida de branco, tentando levar um corpo para uma Kombi branca. A moça chamava-se Clara e era funcionária de uma Ong de direitos humanos de Juazeiro do Norte. O corpo era de um morador de rua que acabara de falecer por doenças crônicas. A mulher fez sinal para Nonato vir ajudá-la e se apresentou quando o viandante prontamente atendeu o chamado. Os dois colocaram o corpo dentro do carro e começaram a entabular uma conversa.

-- Ai, que bom, encontrar você aqui moço. Eu num teria forças para carregar sozinha não. -- disse Clara agradecida.

-- Não há de que. -- respondeu o viajante.

-- Desses morrem todo dia muitos, num sabe? Não tem família, não tem ninguém. A nossa Ong tenta ajudar, mas sabe como é qui é... eles muitas vezes não querem ajuda..

-- É, eu sei.

-- Ai, moço, tem tantos problemas que a gente não pode arresolvê, num sabe?

-- Nem me diga... Maior problema que o meu, ocê num tem, Clara.

-- Por que hõmi, o que se passa?

-- Até a polícia tá atrás de mim, mas eu não fiz nada. Num me pergunte mais, eu não posso falar... - balbuciou Nonato, deixando escapar o que lhe doía a cabeça.

-- É mesmo moço? Olha, desculpe eu me metê, mas o patrão aqui da Ong faz uma lista dos que necessitam; talvez ele possa te ajudar.

--- De que se trata essa lista?

-- Olha, eu não sei explicar direito, mas é uma coisa assim; ocê cede a sua identidade, o seu registro civil e a gente garante que não achem você.

-- Como assim?

-- Converse com ele, o nome dele é Mário Vasconcelos. Estou indo agora para a Ong, se quiser vir comigo... ele pode te explicar melhor.

Nonato concordou com a mulher. Aquietou-se no interior da Kombi, enquanto Clara dirigia o veículo. Qualquer ajuda é bem vinda quando se está em desespero. Mas ele não estava mais... Apenas uma consciência de que era foragido o acompanhava, mas o desespero já tinha passado. Mesmo assim, a força do seu caráter, que sempre o manteve muito correto ao longo da vida, o fazia procurar algo que pudesse solucionar a sua

situação. Mesmo que essa solução fosse mais um problema? Um erro não conserta o outro, dizia sua mãe... Mesmo assim. Mesmo que fosse mais um problema. Ele tinha que tentar alguma coisa.

Foi com esses pensamentos que Nonato chegou à Ong, depois da viagem na Kombi. O lugar era uma casarão, na verdade, a própria casa de Mário Vasconcelos, como explicou Clara depois. Grandes carrancas baianas na porta de entrada. “O homem tinha alguma promessa a ser cumprida com carrancas” pensou Nonato. Elas estavam em todas as partes da casa. Enquanto esperava ser atendido, também lhe chamou a atenção quadros de marinas que haviam também em profusão já dentro do domicílio. Os móveis eram todos de último tipo. Poucas vezes na sua vida estivera num ambiente tão bem mobiliado.

Nonato foi chamado para uma sala por Clara, uns seis minutos depois. Era a biblioteca. Uma sala luxuosamente atapetada, repleta de livros nas grandes estantes e uma escrivaninha no final, onde estava Mário. Vendo que Nonato estacara na entrada, ele fez sinal para que entrasse. Mário era um homem de meia idade, branco, com bigode e grossas sobranceiras. Vestia-se de modo informal, nem muito elegante nem displicentemente.

Diante do homem de negócios, Nonato parecia acanhado e não sabia bem o que esperar daquela conversa, mas Mário começou o diálogo e foi logo abrindo o jogo:

-- Meu caro amigo, vi que você falou com a Clara. Tenho sim algo a lhe propor que vai interessar. Como sabemos a nossa justiça é muita lenta e, pior do que isso, muito falha. E só falha para os necessitados, os desvalidos. Nós aqui na Ong tentamos fazer nosso trabalho, mas, como sabemos, muitas vezes ficamos emperrados em problemas com o governo, com os impostos e tu -

do isso. Tanto é que tive que elaborar umas saídas para essa situação. Uma delas é essa. Uma lista com nomes de pessoas que desejam uma nova vida. Eu posso fazer de você uma pessoa nova, com uma nova identidade, novos documentos. Basta você querer; você quer?

-- Seria uma boa... -- começou a falar Nonato quando foi logo interrompido.

-- Claro, claro, você quer. Veja, como eu disse, eu tenho uma lista na qual você entra e passa a ter um novo nome. No lugar da pessoa que faleceu hoje, que Deus o tenha, fica a sua identidade. E arrumamos uma nova para você. Que tal? Vou fazer os preparativos. Deixe a sua identidade e volte aqui amanhã, quando tudo estará pronto.

Nonato não estava realmente certo de que aquilo seria uma boa ideia, na realidade. Mas mesmo assim, concordou. Deixou a identidade com Mário e engoliu, em seco, perguntas que queria fazer ao empresário.

Mário pegou a identidade do viajante e, satisfeito da vida, acompanhou-o até a porta da saída. Depois que Nonato saiu, Mário foi fazer “os preparativos”. Telefonou logo para o impressor, era assim que chamavam o falsificador de identidades.

-- Alô.

-- Alô, impressor. Sou eu Mário. Mais um para fazer identidade.

-- É para quando?

-- O mais rápido possível, meu caro amigo.

Estava assim decretada a sorte do homem. Ele seria mais um dos inúmeros “laranjas” do projeto de Mário Vasconcelos. De acordo com o “negócio”, contas seriam abertas em seu nome, mas o homem não ficaria sabendo, porque a identidade seria usada em

paraísos fiscais. A partir de agora a polícia procuraria um indigente morto no Brasil e um milionário podre de rico nas Ilhas Caymã. Ou seja, a pista estaria perdida para sempre.

Nonato seguira seu caminho até o Centro do município para as festividades de Nossa Senhora das Candeias. Pôde ver com os próprios olhos o que o progresso fazia com os moradores de rua. Em nome desse tão propalado progresso valia tudo. Até a morte de pessoas. Como a morte da floresta em Juazeiro marcara o início de um novo progresso para Juazeiro do Norte; floresta que agora só existia no Crato, assim também, a morte do indigente dava contornos de uma nova vida para o nosso herói.



Capítulo XIV
A temperança

Nonato encontrará na caridade um ponto chave para a sua nova vida como romeiro. Descobrirá como uma cozinheira pode disfarçar o sabor de uma comida salgada demais. E verá, com um mendigo, como símbolos do espírito e da carne, do consciente e do inconsciente, estão mais unidos do que supomos à primeira vista.

O viajante tinha saído da mansão de Mário um pouco desnordeado. Entendia que agora teria uma nova identidade e voltaria ali para pegá-la, mas não entendia como “aquele sistema” funcionava. Sabia de muitas falcatruas nesse Brasil afora, que a gente escutava falar e que via nos noticiários da TV e do rádio. Nunca pensou que se envolveria com uma delas, mas agora estava feito. E afinal de contas, já se encontrava, antes disso, metido em confusão por causa da espada da justiça. Mais uma confusão, menos uma confusão, não faria diferença.

Antes de sair do casarão, Clara dissera-lhe que fosse a um certo endereço no centro, assim que pudesse. É que uma cozinheira da Ong estava tendo problemas e ele poderia ajudar. O caso era que Marta, essa cozinheira estava preparando a pequizada para a festa de meia noite de Nossa Senhora das Candeias. Mas tinha errado a mão no sal do panelaço e a comida tinha ficado salgada demais. Para não perder tudo, ela colocara mais água para disfarçar o sabor e planejava dar o pa-nelaço para os mendigos da cidade que ficassem ali por perto. Mas não tinha gente suficiente para servi-los, por isso preci-sava de ajuda. Nonato achou boa a ideia e dirigiu-se pra lá.

Quando chegou ao endereço, avistou uma pequena fila de mendigos perto do portão. Enxergou também o mesmo letreiro da Ong do outro bairro. “A coisa era grande”, pensou com seus botões. Achou que Mario, o gerente da organização, era muito es-

perto e só fazia essa filantropia para escapar dos impostos do governo. Ele dissera que a justiça era muito lenta e falha, mas só para os desvalidos. Mas o que ele estava escondendo debaixo dessa fachada de Ong, ninguém sabia. Devia lucrar muito com isso, sem que ninguém nem desconfiasse... Negócios escusos para todo lado. Será que algo de bom sai disso? “Veremos agora“ matutou consigo mesmo, de novo, ao entrar na Ong e apresentar-se como enviado da Clara e do Mario para ajudar na distribuição dos pratos da pequizada.

Um senhor idoso de compleição bondosa e de nome Edvaldo o recebeu no portão e apresentou o viajante a Cristina e a Marta assim que chegou. Entrou na grande cozinha onde Marta preparava o panelaço e ficou surpreso com o fogão industrial e a grande quantidade de panelas espalhadas. Enquanto esperava instruções de Marta, sentiu um calor enorme e perguntou a Cristina, que estava por perto, se o fogão estava ligado. Ela disse que não. Nonato sentia-se quente e não sabia de onde vinha o calor. O dia fora bem calorento em Juazeiro, mas a noite enquanto andava para chegar ao Centro não sentia aquele calor que agora o incomodava.

O homem logo esqueceu do calor porque Marta já preparava os pratos e a fila de mendigos que se formava lá fora da Ong tinha quadruplicado de tamanho. O trabalho começara e consistia em levar os pratos de laminado com tampa de papel e a colher de plástico para a fila lá fora. Distribuir era relativamente fácil e, por vezes, as pessoas necessitadas entabulavam uma conversa com os que estavam ajudando, Nonato, Cristina e Edvaldo.

Muitos não tinham mesmo para onde ir. Mas alguns tinham abandonado a família voluntariamente e, mesmo quando

solicitados a voltar, não queriam mais; desejam ficar nas ruas. Seu Edvaldo carregava os pratos da cozinha para uma entradinha da Ong, donde Nonato e Cristina davam a pequizada para os que estavam na fila.

Um deles, de apelido Ruivo, entabulou uma conversa com o peregrino. Dissera que estava ali porque seus filhos tinham se casado e tiveram filhos, seus netos. E a casa ficara muito pequena para todos. Desse modo, ele resolvera ir embora e morar nas ruas.

-- Nossa Senhora, tá muito bom esse pequi. Pode butar mais um tiquinho? -- perguntou Ruivo.

-- No final, a gente vai colocar para quem quer repetir. -- disse Cristina.

-- Não seja tão arraigada às normas -- disse Edvaldo de onde estava colocando os pratos. -- Dê outro prato prá ele.

-- Deixa que dou. -- Disse Nonato adiantando-se.

-- Obrigado meu irmão. -- disse Ruivo. -- Ôce trabaíia aqui também, irmão?

-- Não, amigo. Estou só ajudando. -- respondeu o viandante.

-- Que Deus lhe pague. -- falou Ruivo e atacou o prato de pequi com voracidade.

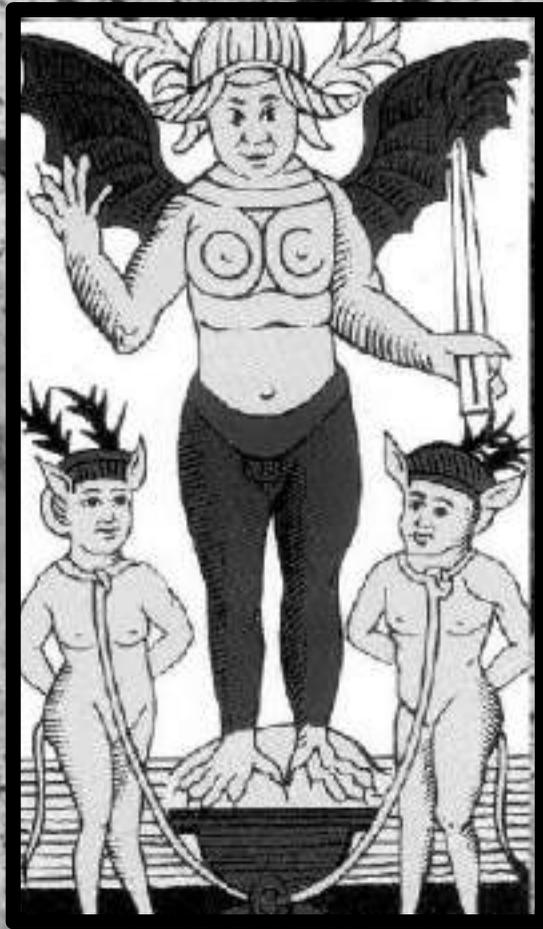
Depois que acabou, Ruivo contou que carregava um crucifixo de madeira e um dente de leite de um dos seus netos num cordão que trazia no pescoço. E os mostrou. Nunca se separava desse cordão, nem quando ia tomar banho no chafariz da praça. Nonato achou por bem não questionar o mendigo sobre a sua fé ou suas crenças. Se ele acreditava tanto assim no poder ou na sorte de um dente de leite ao lado de um crucifixo, não seria o viajante que iria discordar, afinal de contas.

O homem ficara com a história de Ruivo na cabeça. O que seria dele daqui há alguns anos? Certamente ficaria mais velho do que agora, se sobrevivesse. E seus netos? Não encontrariam um lugar para ele? Talvez Ruivo mesmo não quisesse. Triste como o pouco que podemos fazer pelos despossuídos torna-se ainda menos quando vemos o tamanho das dificuldades deles. Mesmo com todas as falcatruas de Mario nessa Ong, talvez ele tivesse feito alguma coisa de bom, mas isso importava mesmo? Tinha mudado significativamente a vida daquelas pessoas? Não, tinha sido apenas um paliativo, um empurrar com a barriga. Nada tinha mudado.

Quando terminaram finalmente de servir os pratos, Nonato voltou a sentir o mesmo calor de antes e que não sabia de onde vinha. Despediu-se de Edvaldo, Cristina, Marta e tomou seu caminho. Enquanto estava dirigindo-se para a igreja, resolveu tomar um gole de água na sua moringa que tinha enchido na Ong. Qual não foi a sua surpresa quando viu que a água estava morna. Como poderia ter esquentado essa água? Tinha tirada direto de um bebedouro da cozinha. Estava fresca há pouco tempo atrás.

Procurou ver o que estava perto da moringa. Era o matulão e a espada na manta. Não carregava mais nada, além da pistola, bem escondida. Não achando o que era a origem daquele calor, voltou a andar em direção à igreja. No meio do caminho segurou por um acaso a manta da espada com sua mão e viu que ela estava realmente quente. Não sabia o que era, mas agora tinha certeza de que o calor vinha da espada. Mas não podia tirar a manta no meio daquela gente toda da rua, muito menos na igreja. Tinha que encontrar um lugar ermo para só então ver o que acontecia com a espada do cabo de ouro.

Deu meia volta e procurou um descampado que os meninos usavam para jogar bola ali perto. Fosse o que fosse, descobriria logo o que estava acontecendo com a espada da justiça.



Capítulo XV
O diabo

Nonato descobrirá que a espada da justiça está sofrendo um efeito particularmente intrigante nas horas que acabaram de passar. Nosso herói também participará de um sorteio numa inauguração de obra da cidade. E verá como as falsidades de políticos e poderosos da região os levam a uma desenfreada hipocrisia em nome do dinheiro e do poder.

Nonato estava dirigindo-se a um descampado próximo da Ong para verificar a espada. O calor que vinha dela tinha que ter uma explicação. Certificou-se de que ninguém estava por perto e, só então, foi desenrolando a manta da espada. Ao fazê-lo surpreendeu-se com as manchas pretas e esfumaçadas em todo o pano. O que poderia ter causado aquilo? A resposta era simples, mas difícil de aceitar na sua simplicidade absurda... A espada estava quente, pelando fogo, como se tivesse saído de um forno. Mas como? O que poderia ter causado esse repentino calor? Teria sido enfeitiçada por Maximiliano? Nonato não acreditava em magia, mas era óbvio que algum fenômeno místico estava se desenrolando ali.

Nas suas andanças, em todos os lugares que esteve, tinha ouvido falar de Padre Cícero, o padim Cisso, que muito ajudara a crescer à devoção a Jesus Cristo. Havia ouvido falar de Madre Tereza de Calcutá e de suas grandes obras em prol da igreja e da santidade. Do padre italiano, Padre Pio que tinha as chagas de Jesus nas mãos, Nonato já ouvira falar. E afinal, da medalha milagrosa de Nossa Senhora das Graças que tantos milagres havia feito. E de objetos como o Santo Graal, fruto de lendas ou verdade? O homem não sabia. Enfim, aquilo estava acontecendo com a espada... mas talvez essa coisa não fosse de Deus.

No meio de toda a sua insegurança, Nonato orou fervorosamente e pediu a Deus uma elucidação do que estava aconte-

cendo. Depois de rezar três Credos e várias Ave-Marias, o homem recebeu um alento. Nossa Senhora estava claramente falando com o romeiro, mas por meio da espada, dessa vez. Maria, mãe de Deus estava enviando um recado. Essa espada deveria trazer justiça ao povo injustiçado. Nonato não sabia ainda como isso se daria, no entanto, quando chegasse o momento haveria de sabê-lo.

Depois da constatação de que o calor vinha mesmo do gládio, parecia agora não estar mais quente como que por encantamento. Como se o fato do viajante estar plenamente cômico do que estava acontecendo tivesse quebrado o feitiço de alguma forma. Nonato envolveu-a na manta novamente e saiu do descampado. Teria que arranjar outro pano para enrolá-la, pois aquele estava cheio de manchas escuras a ponto de se rasgarem, resultado do calor extremo vindo da arma branca.

Foi até um armarinho que estava ainda aberto à noite. O estabelecimento atendia os últimos clientes que procuravam apetrechos para a festa de logo mais. Comprou um pano, o maior e o mais grosso que encontrou com a intenção de voltar para o descampado e enrolar a espada com o tecido. Foi o que fez.

Retornou depois para locais mais freqüentados. Agradeceu a Deus e ao Padre Cícero por nada de mal ter acontecido enquanto estava num lugar ermo, ajeitando a espada. Já passava das nove horas da noite e talvez fosse perigoso estar sozinho num campo assim, durante muito tempo. Se bem que a cidade estava toda tomada por romeiros e viajantes, nenhum criminoso com bom senso se atreveria a agir desse modo, logo hoje.

Foi esse pensamento que o levou a relembrar que o procuravam na polícia, segundo a notícia da rádio. A lembrança veio acompanhada de um frio na barriga. O que poderia significar aquilo? Algum policial estaria por perto? Não teve tempo para des-

cobri-lo porque enquanto andava, percebeu uma pequena multidão que se acotovelava para entrar num pátio, todo cercado, próximo dali. De onde ele estava, não dava para ver muita coisa. Mas aquilo aguçara a sua curiosidade e o pensamento sobre “o roubo da espada”, que era fugidio, se desfez.

Aproximou-se da grande aglomeração de gente e perguntou a um dos homens que estavam no que parecia ser uma fila enorme para entrar num cercado. O rapaz tirou o cigarro da boca e disse que era uma festa de reinauguração da praça.

-- Calhou de ser no mesmo dia da celebração de Nossa Senhora das Candeias. Entra na fila que ocê recebe um número pra concorrer a uma cesta básica. -- emendou o fumante, não dando muita atenção a Nonato, que logo se afastou também.

Nonato não estava com nenhuma vontade de concorrer a nenhuma cesta básica -- ainda tinha algum dinheiro dado pela mainha -- mas mesmo assim entrou na fila. Queria ver a nova praça. Pegou o bilhete do sorteio e dirigiu-se ao centro do lugar. Parecia ser um bom momento para imiscuir-se na multidão e apenas ver o que acontecia em Juazeiro. Se estava mesmo decidido a continuar como romeiro, teria que ser esperto para essas coisas de aglomeração de pessoas. Porque sempre poderia sair uma boa esmola. Apesar de não precisar no momento, era uma boa oportunidade de “farejar” essas oportunidades no meio do povo. Talvez o resto da sua vida fosse vivida assim, de esmola em esmola. Talvez o viajante nunca voltasse para casa, talvez permanecesse na cidade do Padre Cícero para sempre ou seguisse caminho por esse Brasil a fora. Clarisse se arrumaria com Felipe, não precisavam dele lá. Seria até melhor para os dois.

Sentia-se assim desgarrado de tudo e de todos, quando ouviu alguém falando no microfone. Era o prefeito que começava a discursar.

-- Povo de Juazeiro do Norte. É com muita alegria e satisfação no coração que venho anunciar a reinauguração da nossa praça Pe. Cícero. -- e continuou -- Quero agradecer especialmente ao nosso secretário de obras Dr. Edvaldo França Dornelles que tanto nos honra na nossa administração. É com sentimentos de muita estima e consideração que anuncio o Dr. Dornelles que vai falar agora.

O palanque estava apinhado de políticos, todos muito garbosos, esperando uma deixa para aparecer e angariar futuros eleitores. Nonato que estava quase que no meio da multidão, olhou para o lado e viu um homem magro, aparentando uns 50 anos, bem vestido, um pouco mais alto do que o viajante e com a barba por fazer. Esse senhor parecia querer falar alguma coisa e esperava os momentos em que o microfone não era usado para fazer isso. Nonato notou o gesto e deu-lhe atenção.

-- Nenhum desses que está aí vale um tostão furado. -- disse o senhor, olhando fixamente para Nonato. -- São todos ladrões do dinheiro público. -- emendou. -- Esse senhor que vai falar agora, o Dornelles, superfaturou essa obra o mais que pôde. Eu sei por que trabalhava com ele. -- Fui despedido porque não concordava com o que acontecia.

Nonato balançava a cabeça, concordando com o que o senhor falava e achando que aquilo bem seria possível mesmo. Com tanta corrupção que assolava o país hoje em dia, porque seria diferente na terra do Padre Cícero?

-- Povo de Juazeiro -- começou o secretário de obras que, certamente se candidataria a um cargo logo, logo – A obra da rei-

nauguração da praça vem nos trazer um novo alento para continuarmos a nossa jornada de revitalização do centro da cidade. O que, outrora estava abandonado, agora, estamos reconstruindo.

-- Continua tudo abandonado. – dizia o homem a Nonato numa deixa do microfone. -- A diferença é que agora eles estão com os bolsos mais cheios do que antes. -- completou o senhor idoso.

-- Como sempre, só quem ganha são eles. – disse Nonato, confirmando a fala do inusitado colega.

-- É. E eles conseguem se reeleger ainda. A massa é idiota e engole tudo. -- falou o senhor.

-- Hoje, Juazeiro vive um novo tempo de paz e prosperidade. Trabalhamos duro para que chegássemos a esse momento. -- Completou a sua fala, o secretário de obras.

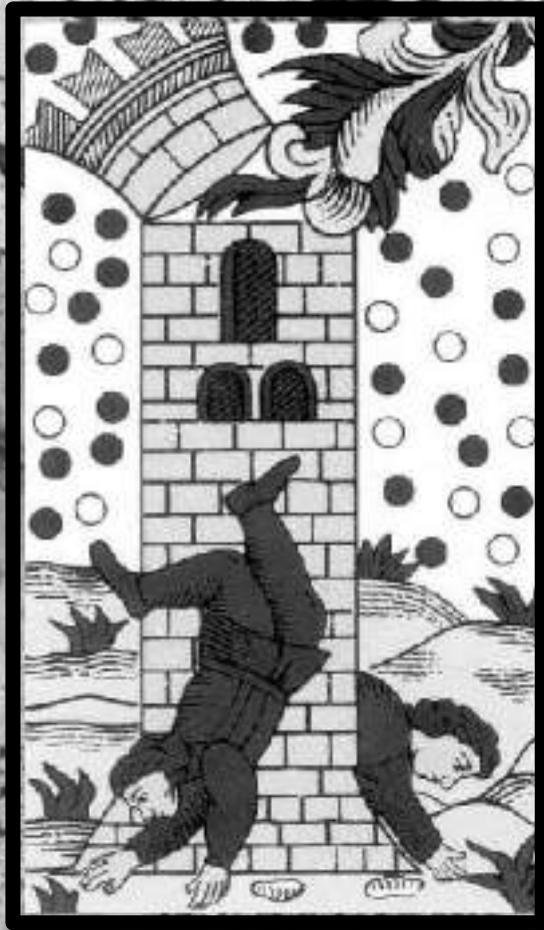
-- Só se for na cabeça dele. -- vociferou o senhor finalmente e se afastou de Nonato.

O secretário de obras concluiu sua fala ratificando que aquela reinauguração seria um marco para a cidade de Juazeiro e que a partir daquele momento, tudo seria diferente. Logo depois, falaram mais dois “futuros candidatos” enaltecendo a obra e o prefeito. Quando terminaram, começou o sorteio das cestas básicas. Qual não foi a surpresa de Nonato quando anunciaram, em um dos números, o seu número.

Não sabia se era contraproducente, dadas as suas condições de foragido da polícia, ir até lá e pegar a cesta, por isso rezou um pouco antes para pedir esclarecimento a Jesus. Depois da oração, concluiu: não poderiam identificá-lo por um número da-do numa festa, isso seria impossível. E por fim dediduiu-se: iria lá receber a comida toda. Entregaria as bolsas à Mainha, na ca-

sa dela. Seria uma boa paga pelo dinheiro que a mãe de criação tinha dado ao romeiro.

Afinal, da festa de reinauguração, Nonato conseguira algo. Triste era o amigo que tinha sido despedido por não concordar com as falcatruas dos políticos. E triste do povo que vivia sob o mando desses facínoras. Mas a hora deles chegará também. No dia do julgamento, da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, como descrito no Apocalipse, tudo isso irá mudar, pensava Nonato, enquanto se afastava do lugar, já com a cesta nas mãos.



Capítulo XVI
A torre

Nonato descobrirá que um investigador está no seu encaço e que essa autoridade se encontra mais próxima do que o viajante imaginava. O homem também se encontrará com Natalino, amigo de longa data de sua mainha, um ex-padre que perdeu a fé em Jesus Cristo e na igreja. E experimentará uma mudança na sua perspectiva de vida.

O nosso viajante dirigia-se para a casa da sua mainha com a cesta básica. Os pensamentos iam e vinha numa revoada enquanto ele caminhava. As imagens de Clarisse, sua esposa e Felipe, seu filho, constantemente traziam angústia como nunca antes tinha ocorrido na sua vida. Parecia que algo de ruim estava para acontecer, assim o homem pensava, e isso envolveria diretamente sua família.

Quando chegou na casa de Dona Regina, encontrou-a no portão, conversando com uma vizinha. A lembrança da sua família desaparecera por completo e a alegria tomou conta do homem e da sua mainha. Os dois se cumprimentaram efusivamente, como se não tivessem visto um ao outro no mesmo dia, pela manhã. A senhora recebeu a cesta básica, agradeceu e apresentou a vizinha, mas logo a moça da casa ao lado se despediu porque percebeu que Regina queria tratar de um assunto, talvez sério, com Nonato. A vizinha captou pelo seu jeito de falar, que Dona Regina queria privacidade, mas como soubesse que dentro de casa tinha visita, achou por bem se retirar rapidamente para que o romeiro e a senhora pudessem trocar um dedo de prosa melhor sem ouvidos por perto. A visita era Natalino, um amigo de Regina que na juventude e na maturidade fora padre, mas que deixou a batina quando já de idade.

Sem demora e sem muitos preâmbulos, Regina disse que um investigador de nome Cássio, ex-policial civil, tinha estado na

sua casa procurando por um homem que talvez ela conhecesse, alguém de fora da cidade que vinha como os muitos romeiros para a festa de Nossa Senhora das Candeias. Esse homem nada mais era do que o próprio Nonato.

Cássio tinha descoberto o nome de Regina porque conhecia todo o esquema de Mário Vasconcelos, o dono da Ong para as pessoas tirarem falsos documentos e desaparecessem. Como sabia desse processo todo, na cidade -- e fazia vista grossa, como a maioria das autoridades -- fora consultar a nova lista de Mário e logo descobriu que havia esse novo envolvido, no dia de hoje, o Nonato. Mas isso, Dona Regina não sabia. Nonato rapidamente revisou toda a sua vinda para Juazeiro, mentalmente, até aquele momento e lembrou-se que o único lugar que deixara o seu nome e sua identidade fora na Ong. E que tinha contado muito da sua vida, inclusive sobre a mainha para Luz da Conceição, o repentista, num bar. Esse investigador só poderia ter sabido dele e da mainha através desses dois lugares.

O encontro entre Regina e Cássio tinha se sucedido mais ou menos, assim:

-- Boa noite, minha senhora. -- disse Mário, esbaforido, com o calor que estava fazendo e apresentando-se de modo elegante e com o máximo de discrição após ter batido na porta, mas com autoridade de quem já fazia aquilo há muito tempo.

-- Boa noite.

-- Eu gostaria de falar com a Dona Regina, a dona da casa. É a senhora?

-- Sou eu mesma.

-- Dona Regina, eu sou detetive particular, investigador e estou procurando uma pessoa, um homem. Ele veio de fora da cidade junto com os romeiros para a festa de logo mais à noite.

-- Sim.

-- Seu nome é Nonato Cardoso dos Santos e ele é suspeito de ter roubado uma peça de ouro valiosíssima da mansão da família de Maximiliano Espiridião Gomes das Chagas.

Dona Regina engoliu em seco a informação, o que Cássio não notara, por estar cansado e estressado do dia de trabalho e num repente de lucidez materna, disse que não conhecia, que não sabia quem era. Como o homem não explicara como tinha chegado a esse nome como suspeito, ela não quis perguntar também, para não despertar suspeitas no detetive.

-- Essa peça de ouro é uma espada, Dona Regina. Uma espada com cabo de ouro. Mas a polícia está mantendo esse detalhe em sigilo, por enquanto. De qualquer forma, deixo aqui o meu cartão de visita com a senhora para qualquer informação que possa ter. -- continuou Cássio e agradeceu a acolhida, tomou um copo de água e se foi, frustrado. Essa última frase sobre a espada ele tinha deixado escapar de propósito, porque percebera certa apreensão no rosto de Dona Regina, embora não tenha entendido o porquê, já que não tinha visto sua reação inicial quando do anúncio do nome de Nonato.

-- Minha Nossa Senhora!! Minha Nossa Senhora!! -- repetia Dona Regina para si mesma depois que o homem tinha ido embora. -- Valei-me Jesus Cristo!! -- dizia a senhora. Como vou encontrar Nonato agora? -- e ficou o restinho da noite lamentando-se e angustiada porque tinha combinado com Nonato, apenas muito vagamente, de encontrarem-se na festa de logo mais à noite de Nossa Senhora das Candeias. Só havia melhorado a apreensão quando recebeu a visita de Natalino que estava até agora na casa dela. Por isso tudo, tinha considerado uma verdadeira benção a vinda do seu afilhado naquele momento.

Pelo menos Nonato estava sabendo o que estava acontecendo. Mas a bem da verdade, a sua apreensão não tinha diminuído por que Nonato não desmentira nem confirmara o que o policial tinha dito. Muito pelo contrário tinha se fechado e respondia as perguntas só com evasivas. Dona Regina desconfiava que tudo aquilo era verdade e Nonato queria guardar segredo. O homem, no entanto, acabou por revelar alguma coisa.

-- Minha mainha, não fique preocupada. Tudo vai se resolver, mais cedo ou mais tarde.

-- Como assim, Nonato? Ocê não pegou essa espada não, pegou?

-- Não fique preocupada. Nossa Senhora confiou a mim uma missão. Isso vai passar, se Deus quiser.

-- Tá bom. Vamos entrar. Converse um pouco com o Seu Natalino enquanto eu passo um café prá gente. Nonato, esse é Natalino. Natalino, esse é Nonato, meu afilhado.

-- Brigado mainha. Boa noite seu Natalino.

--Eu dar-lhe-ia uma boa noite se hoje fosse uma boa noite, meu amigo. Mas prevejo que o mundo vai acabar, em chamas, hoje ainda. -- disse retumbante e surpreendendo Nonato, o velhinho que se sentava na poltrona da casa de Dona Regina de um modo altamente digno, diria até, principesco.

-- Ai meu Deus! Será que é algum raio? -- interrompeu a mainha aflita -- Um raio que vai bater em algum lugar e incendiar tudo? Mas nem está para chover. Sabiam que o Brasil é o país que mais caem raios no mundo? Vou ver no celular, o serviço que informa de clima que eu fiz, se vai chover -- continuou Dona Regina falando pelos cotovelos -- Tomara que não seja nada, queira Deus, seu Natalino. Fiquem à vontade. -- e saiu, finalmente, para a cozinha.

-- Não se assuste, meu amigo. Desejo-lhe tudo de bom nessa noite, apenas disse aquilo que meu coração mandou dizer quando avistei seu semblante. Tem algo de luminoso no seu rosto.

-- Já me disseram isso hoje, ou coisa bem parecida. Estou já me acostumando com essa idéia. -- agradeceu e riu Nonato com o pensamento.

-- Disseram o que? Que o mundo vai se acabar em chamas ou que o seu semblante é luminoso? -- perguntou o idoso agora num tom menos dramático.

-- Disseram-me que eu tinha uma aura muito clara.

-- Sim, isso é verdade. Nota-se logo. Mas sabe, o que é importante é que você saiba que na devoção mariana do Imaculado Coração de Maria, o Coração da Nossa Mãe tem o título de “o incêndio de amor divino”, por isso eu disse das chamas.

-- Incêndio, chamas... O que o senhor quer dizer? Isso me interessa por um motivo especial -- deixou escapar Nonato -- mas não posso lhe dizer por que.

-- Tudo bem, amigo. Me chame de você. Minha devoção hoje, na verdade resume-se ao Coração Imaculado de Maria, a Jesus e a Deus. Todo o mais me foi extirpado do meu ser.

-- É mesmo? Mainha me disse que você foi padre.

-- Sim. Fui. Por uma infelicidade do destino eu fui padre. Mas graças ao bom Deus não permaneci na igreja.

-- Mas por que essa apostasia toda, hÔmi?

-- Não se trata disso, caro amigo. Vi muito nesses anos em que passei dentro da igreja e posso dizer que não vale a pena participar dela. Aliás, a fé deve ser individual, não coletiva, não

compartilhada. E mesmo essa fé, individual, me é hoje mais do que escassa.

-- Você parece muito bem...

-- Obrigado. Embora você me veja bem, agora; eu já estive perto de uma depressão.

-- A fé é importante...

-- Sim, muito importante.

E Natalino foi desfiando o nó da sua vida de modo rápido para Nonato. Antes de ir para o seminário, ainda jovem, buscou Deus nas coisas simples como no sol, nas plantas, nos animais. E essa fé o acompanhou durante todo o processo de tornar-se padre. Depois esqueceu um pouco daquilo, com toda a teologia católica na cabeça. Foi ordenado religioso e durante algum tempo, tudo correu bem. Mas com o tempo, percebeu certas coisas. Por exemplo, que as convenções da liturgia mais atrapalhavam do que ajudavam os fiéis e, que a maioria só permanecia pela fascinação do mistério. De coisas que não entendia direito e, nem fazia muito esforço mesmo para entender. Percebeu também, que as religiosas e religiosos, muitas vezes, não serviam a Deus, mas se serviam da igreja. Daí sua fé modificou-se por completo e o homem achou por bem terminar com aquela coisa toda de uma vez por todas. Nunca mais voltou a pisar numa igreja desde que recusou a batina. Completou alguns cursos de doutorado e pós-doutorado e tornou-se professor da Universidade Estadual de Juazeiro do Norte, coordenando alunos de pós-graduação em história e filosofia.

Nonato compreendeu que as razões do ancião e não o recriminou em nada, mesmo por que, ele mesmo, tinha certas reticências com relação à igreja. Coisas que estavam se aprofundando dentro dele, como o viajante estava observando. Uma

nova etapa na sua vida estava começando agora. A partir desse momento o homem era oficialmente um foragido da polícia, coisa que nosso herói não podia ignorar, haja vista que nunca pensara que, um dia, isso iria acontecer.

Tomaram o café passado por Dona Regina e conversaram mais um pouco. Logo depois, Nonato despediu-se de Natalino e foi acompanhado da mainha até a porta. Combinou com a senhora que não se encontrariam na festa de Nossa Senhora das Candeias para não despertar suspeitas.

O viajante saiu da casa de Dona Regina e tomou seu rumo pela Juazeiro cheia de romeiros, esperanças e muita dor. Uma dor estagnada que vinha dos corações. Por tudo e por todos...



Capítulo XVII
A estrela

O viajante terá um encontro inusitado com uma moça chamada Adália. A sua história de vida e o que ela faz, mostrarão a Nonato o ocaso da nossa vida nessa terra de meu Deus. O inconsciente e a consciência humana individual do nosso herói estarão em sintonia com essa moça, em meditação. E o homem poderá ver-se amadurecido.

Nonato caminhava com grande contrição no coração. Seus passos eram pesados e não raro ele topava nas pedras do asfalto, distraído que estava com as preocupações. A escuridão da noite e o afastamento voluntário das aglomerações de pessoas, também contribuíam para a sua distração, mas não eram os fatores determinantes. Não sabia o que viria a seguir na sua vida. Sobretudo, o que mais martelava a sua cabeça era uma frase: “sou um foragido da justiça.”

Mas a justiça não estava do seu lado? A justiça de Nossa Senhora, nossa mãe, mãe de todos, mãe de Deus. Sabia que a justiça dos homens contradizia, muitas vezes, a justiça do Altíssimo. Mas por que logo o viajante teria que pagar esse preço? Não, isso não estava certo.

Suas preocupações eram muitas, como ficaria Clarisse e Felipe, depois que ele fosse preso? A vergonha seria grande, mas o pior não era isso, o pior era o exemplo, ou melhor, a falta de exemplo que ele daria para o filho. E se ele não fosse preso, mas fosse eternamente foragido? Pior ainda.

Apesar de tudo isso, não desistira de modo nenhum do que precisava fazer. Que era entregar a espada à igreja como caridade. Melhor seria se concentrar nesse objetivo. E afinal, tinha problemas mais imediatos para resolver. Havia percebido, desde que estava por sair da casa de sua mainha, que a espada estava esquentando novamente, por isso pedira a Dona Regina um pano

bem grosso que ela pudesse ceder. Agora, caminhava até um lugar ermo para poder desembrulhar o gládio do pano em que estava, que já deveria estar cheio de chumaços queimados e enrolar no novo pano.

Andou um bocado pelas ruas, sempre evitando os lugares cheios de gente, o que impossibilitava a manobra que tinha que fazer. Mas não encontrara nenhum lugar realmente deserto. Até que avistou um grande canal meio que distante dos transeuntes porque dava para um estacionamento de um lado e de outro para uma corrente de água que se mistura com esgoto perto de um matagal. Há muito as autoridades não se preocupavam em cuidar daquele lugar, pensou Nonato.

Desenrolou o pano da espada, com manchas pretas e já com cheiro de queimado. Enrolou no novo tecido retirado do matulão e, enquanto fazia isso, pensava que aquilo era estranho demais para ser verdade. Uma espada que irradia calor... Enfim, fosse o que fosse, seu coração estava com Jesus Cristo e Nossa Senhora e eles o protegeriam. Quando terminou de cobrir a arma branca, notou algo diferente. Dentro d'água, que seguia no canal, dezenas de barquinhos de papel singravam pela correnteza, todos saindo de um ponto em comum de um lado do matagal.

Desceu até a corredeira no matagal e catou um pedaço de galho longo. Com o galho como alavanca, puxou um dos barquinhos até a margem. Para sua surpresa, no papel do barquinho, já muito molhado, pôde perceber várias linhas escritas à caneta. Diria que se tratava do papel de uma carta, mas estava escuro e o viajante não arriscava dizer isso.

Foi seguindo o ponto comum de onde saíam os barquinhos e para a sua surpresa, encontrou uma moça. A senhorita tinha uma pilha de papéis do lado e um monte de barquinhos de

papel de outro e colocava-os na água fazendo uma reverência. Até aí, não notara que tinha mais alguém ali, mas um passo em falso num galho seco, revelou a presença de Nonato.

-- Quem está aí? – perguntou, gritando, já assustada.

-- Calma, moça. Eu estou em paz. Só vim seguindo os barquinhos. – disse Nonato, apressando-se em desfazer o susto dela.

A moça calou-se e pareceu ter acreditado no que Nonato tinha dito. Por incrível que possa parecer, o viajante sentou-se no gramado, como estava a senhorita e ambos ficaram ali durante uns 4 a 5 minutos olhando os barquinhos se afastarem da margem sem se falarem. O silêncio não parecia pesado, o que era mais incrível ainda, mas foi assim que aconteceu.

-- Porque está fazendo esses barquinhos? – disse finalmente Nonato.

-- A história é longa... e amarga. Quer mesmo saber?— respondeu a jovem sem virar o olhar para o homem.

-- Sou todo ouvidos.

A mulher contou então a sua história. Primeiro se apresentou como Adália e disse que há uns cinco anos atrás havia conhecido um homem de Fortaleza, um escritor que estava em começo de carreira. Seu nome era Lúcio. Já tinha até publicado livros, mas não tivera muito sucesso. O escritor estava mudando-se para Juazeiro e planejava continuar seus escritos apesar disso.

Os dois se apaixonaram de imediato, passaram muito tempo juntos e ficaram noivos. Mas o homem teve que voltar à Fortaleza para ver pendências do seu antigo emprego. Teve que ficar em Fortaleza durante muito mais tempo do que previra. E como a sua estadia na antiga cidade se alongava demais, resolveu escrever cartas para Adália, além dos telefonemas habituais.

Finalmente o dia tão esperado da sua volta a Juazeiro do Norte chegara. Porém nessa viagem foi que aconteceu toda a tragédia. O ônibus em que ele estava tombou numa dessas estradas mal cuidadas da vida. Muitos se feriram, quatro morreram, dentre os mortos estava Lúcio.

As cartas que o noivo mandava para ela eram os papéis dos barquinhos que a moça fazia agora. Gostaria que o amor dos dois fosse eterno e não acabasse como a luz das estrelas. A jovem gostaria também de ter tantas cartas quantos as estrelas do céu para poder fazer barcos de papel pelo resto da vida.

Nonato ficou algum tempo, observando as estrelas no céu. Não dava para ver muitas, porque Juazeiro é cidade grande, mas algumas luziam no firmamento escuro da noite. Pensou que a moça estava realmente purgando suas dores com os barquinhos e fazia bem, porque ler as cartas de novo deveria trazer lembranças e daí viriam as lágrimas inevitáveis. Assim, se desfazia delas de uma maneira libertária e até poética.

Despediu-se da jovem, não sem antes aconselhar que não ficasse por muito mais tempo naquele lugar isolado. “Afinal, se eu cheguei até você, outro com más intenções, pode muito bem chegar também”, disse o viajante. Ela concordou e disse que iria fazer as últimas cartas em barquinhos e iria embora. O homem resolveu então esperar que ela acabasse.

Depois que ela os fez e os colocou no canal, ficaram os dois observando, durante longo tempo, os barcos se afastando. Após isso, saíram do canal e ganharam a rua novamente.

-- Bom te conhecer moço. – disse Adália acenando para ir embora.

-- De cá um abraço. – falou Nonato.

E se abraçaram longamente. A ternura daquele momento pôde dissipar as sombras do que ambos estavam sofrendo, ao menos momentaneamente. Mostraram um para o outro que a vida continua apesar dos percalços e das jornadas difíceis.

Não muito longe dali o investigador Cássio buscava incessantemente por pistas que pudessem lhe levar a Nonato, seu principal suspeito. A polícia era lenta demais, o homem sabia disso, já havia estado na civil como delegado, inclusive. E havia alguma coisa que o levava a pensar na possibilidade do ladrão da mansão ainda estar em Juazeiro. Aquilo não fazia sentido nenhum. Qualquer um que tivesse roubado um objeto de ouro daqueles já deveria estar longe, tentando um lugar para repassar no câmbio negro. Mas apesar desse pensamento racional, Cássio aprendera a não fazer pouco caso das suas impressões. Foi pensando assim que se dirigiu até a igreja para conversar com o padre Venceslau. Afinal, não fora uma mera impressão que o levava a questionar um violeiro sobre a história que ele estava cantando sobre alguém que encontra uma espada de ouro? E o cantador dera com a língua nos dentes direitinho, dizendo que encontrara um viajante romeiro que contara toda a história da vida dele enquanto bebiam num bar? Enfim, não fora a partir dali que o detetive chegara até o esquema da Ong e descobrira a identidade de Nonato?

-- Sim, padre qualquer coisa que tenha acontecido no dia de hoje. Qualquer coisa diferente.

-- Hômi, não estou me lembrando de nada diferente não. A não ser...

-- Sim, diga.

-- A não ser que o meu auxiliar para uma pesquisa da paróquia veio me apresentar um moço hoje que dizia ter visto Nossa Senhora numa aparição.

-- Um romeiro?

-- Sim, um romeiro, mas caminhante, não era desses que vem de ônibus nem de carro não.

-- Sim.

Os dois se alongaram nos detalhes e finalmente quando Cássio mostrou a foto na identidade, o sacerdote o reconheceu imediatamente.

Então Cássio estava certo. O ladrão não era um criminoso comum. Era um homem de fé que tinha fraquejado e roubado a espada levado, talvez, até por uma boa intenção. Fosse o que fosse, seria correto afirmar que Nonato estaria na festa de Nossa Senhora das Candeias, que não havia deixado a cidade. Enfim, uma pista concreta.

A esteira dos acontecimentos estava mais perto ainda do que o viandante esperava. E o cerco se fechava em torno de nosso herói.



Capítulo XVIII
A lua

Nonato experimentará sua Noite Escura da Alma. Ficará desacordado durante um bom tempo e será ajudado -- mais uma vez -- por alguém que conheceu naquele dia mesmo numa de suas andanças em Juazeiro. A reflexão que resultará desse episódio irá impactar profundamente na consciência do nosso herói que, a partir de agora, terá entrado, definitivamente, no caminho da santidade.

O encontro com Adália havia feito muito bem a Nonato. Enquanto estavam juntos, o universo parecia até harmonioso, com os seus barquinhos de papel de carta. Apesar disso, naquela hora, nosso viajante não estava mais se sentindo tão leve quanto durante o encontro. As apreensões e preocupações haviam voltado e, dessa vez, com carga total.

Tentou rezar, recurso que tanto tinha o ajudado em outros tempos, naquele momento, não passava de um triste deslindar de palavras sem nexos. A secura na oração, que o acompanhara desde a aparição de Nossa Senhora, continuava mais firme do que nunca.

Teve tonturas, como as que sentia quando era adolescente. Quando era jovem, sua mãe, o havia levado ao médico que limitara-se a dizer que “na adolescência são comuns essas tonturas, é da hipotensão.” Uma queda de pressão, deve ser isso, nada grave. Mas as tonturas não passavam e o homem já não podia andar sem cambalear. Sentou-se numa beirada de calçada e procurou no matulão a moringa de água. Bebeu um gole do líquido, o que o fez recuperar parte do domínio de si mesmo.

Olhou em volta. Poucas pessoas passavam em volta e a maioria bem distante donde ele estava. Mas sentia-se cada vez pior. Se fosse para pedir ajuda, teria que ser logo.

Não teve tempo de fazer mais nada, porque logo depois a

cabeça pesou enormemente e caiu desacordado no chão. No céu estrelado, com o brilho da lua como testemunha, caiu Nonato inconsciente na calçada.

Mas o destino -- sempre ele -- prega peças e separa as pessoas, na mesma proporção que une corações do bem e arma encontros. Há algumas quadras dali, Gabriel, Costa e Dona Mãe Dondinha dirigiam-se para o local da festa de nossa Senhora das Candeias com o velho Chevette da casa de candomblé da senhora negra Mãe de santo. O nosso herói que já tinha encontrado Gabriel, o ajudante de Mãe Dondinha, no começo da noite, agora estava novamente nas mãos do negro médium. O homem avistou Nonato caído na calçada da janela do carona onde estava no carro. Imediatamente fez sinal para que Costa, um mulato também participante da casa de candomblé, que estava ao volante, parasse o automóvel, ao que não foi atendido.

-- Para aí!!! Para aí!!!

-- O que foi?!? -- Perguntou aturdido Costa.

-- Um amigo no chão precisando de ajuda!

-- Que é isso? Você conhece ele?

-- Conheço. Encontrei esse moço hoje na porta da nossa Casa de cura.

-- O que fazemos mãe Dondinha? -- perguntou finalmente o motorista.

-- Pare o carro. Vamos ajudar o moço. -- disse a Mãe de santo.

Costa obedeceu imediatamente e deslizou o carro para cima da calçada logo adiante de Nonato. Gabriel foi o primeiro a chegar onde estava o devoto desacordado.

-- Vamos levá-lo para o hospital. -- disse Costa ao chegar depois.

-- O mal do hõmi é espiritual. -- afirmou Mãe Dondinha ao se aproximar dos dois. -- Os médicos vão olhá, olhá e num vão achá nadinha de nada.

-- E o que vamos fazer? -- perguntou Costa, o menos espiritualizado dos três e que estava acompanhando Mãe Dondinha porque tinha muita boa vontade, mas pouca inclinação para o trabalho espiritual.

-- Coloca ele no carro. -- ordenou Mãe Dondinha. -- Os curioso passanti vão começá a se aglomerá em volta se o hõmi ficá aqui.

Costa e Gabriel levaram então o viajante para o assento de trás do carro. Mas o mais importante de toda essa contenda estava acontecendo no interior do nosso herói e não no nosso mundo. Porque nesse meio tempo em que estava desacordado, Nonato viajou por terras distantes. Esteve na presença de entidades tão arquetípicas e universais quanto com figuras participantes do imaginário pessoal e íntimo do próprio romeiro.

Viu-se em meio a uma grande escuridão, uma escuridão aterradora, embora estivesse leve, muito leve, com tão pouco peso que seus pés não tocavam o chão. Nonato flutuava. Havia apenas uma pequena luz no horizonte a partir da qual, percebia um grande corredor todo escuro. Demorou uma eternidade para atravessar o corredor, mas quando finalmente chegou perto da luz, viu que não era apenas iluminação, mas a figura de Nossa Senhora da Rosa Mística. O viajante sabia disso porque a mulher tinha três rosas no peito como na imagem da igreja: Uma, branca, simbolizando a oração. Outra, vermelha, para marcar o sacrifício. E a terceira, amarela, para a penitência. A Senhora, toda iluminada, acenava a fim de que o homem chegasse perto.

Nonato aproximou-se e de repente a luz preencheu todo o espaço; tudo ficou claro. Viu que estava num lugar paradisíaco, um verdadeiro céu, cheio de querubins e anjos. No centro todo iluminado estavam Deus, nosso Pai Celestial sentado numa cadeira como que de ouro e, à sua direita, Jesus Cristo, nosso Senhor, também numa cadeira resplandecente.

Passaram-se morosos momentos, até que Jesus levantou-se e um coro de querubins e anjos começou a cantar. O ar de repente ficou como de montanha, muito limpo e puro. Cristo que vestia uma longa bata branca com um faixa vermelha, fez o sinal da cruz no ar em direção a Nonato. Depois virou-se, deu as costas e desapareceu entre às nuvens. Os anjos e querubins também se foram.

Deus, o pai celeste, com uma grande barba branca, continuou sentado em sua cadeira brilhante. Mas estava e não estava, parecia dormindo ou simplesmente cabisbaixo e alheio ao que acontecia. Até que a luz do paraíso foi cedendo lugar a uma nova escuridão e Nonato sentiu seus pés no chão e não mais flutuando.

O homem voltou à consciência nessa hora e não sabia o que tinha acontecido anteriormente, de modo que surpreendeu-se de estar no banco de trás de um carro. Alguns minutos antes, Mãe Dondinha tinha saudado o Orixá dos Orixás, Oxalá, com a expressão: Epa babá! E, logo depois, havia praticado a imposição de mãos na frente do homem com a qual o viajante tinha reagido, quase instantaneamente, acordando.

Gabriel apressou-se em contar que ocorrera e Nonato reconheceu o negro imediatamente. Agradeceu e precipitou-se para fora do Chevette.

-- Calma, amigo. Descanse um pouco. -- disse o ajudante

de Mãe de Santo. Percebendo que Nonato estava incomodado com os olhares curiosos de Mãe Dondinha e Costa, pôs-se a apresentar os dois, ao que o homem aquiesceu, com um leve movimento de cabeça. Costa levantou a hipótese de que o viandante tivesse bebido e o homem afirmou categoricamente que fazia mais de 5 horas que não bebia, de modo que não se tratava disso.

Após isso, os três resolveram afastar-se um pouco do carro, enquanto Nonato recuperava-se tentando concatenar os pensamentos confusos. Falavam sobre um tema que Costa tinha começado: o que acontecia no mundo com os desvalidos. Gente de bem que de repente se vê sem família, sem casa, sem um abrigo e torna-se pedinte nas ruas, na melhor das hipóteses.

-- O mundo de hoje está assim, vira e mexe alguém é penalizado com a sarjeta. – disse Gabriel.

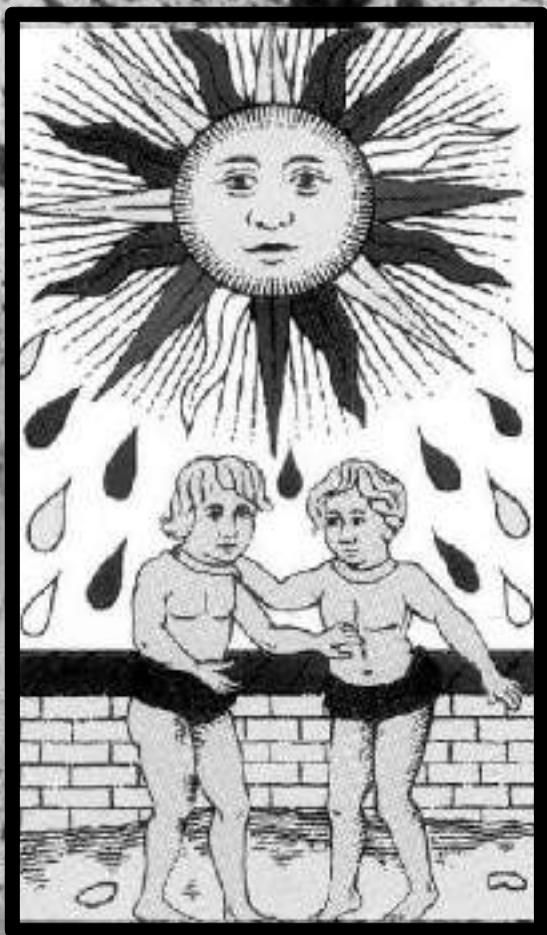
-- É o capitalismo. – emendou Costa.

-- Talvez seja pior do que isso, num sabe? Talvez seja um mau próprio da alma do hõmi. Desdi o começinho dos tempos. -- comentou finalmente Dona Dondinha, virando-se para o carro e não avistando Nonato. -- Eita! Para onde foi o moço?

Um minuto que ficaram sem olhar para o Chevete, entretidos com o assunto, foi o bastante para Nonato abrir a outra porta do carro, a que dava para o asfalto. E sem maiores explicações nem porquês, evadir-se dali.

O viandante estava já no outro quarteirão quando lembrou que deveria ter agradecido. Mas enfim, resolvera seguir seu caminho sem muitos contatos com aquelas pessoas e nem com Gabriel. Afinal, a espada poderia estar queimando o pano onde a tinha envolvido e aí sim o viajante teria muita coisa a falar. Verificou o pano e, por sorte, nada havia acontecido.

O nosso herói tinha agora a exata certeza de que algo muito diferente acontecia consigo. Sentia seu corpo todo pulsando e a realidade concretamente, como se até o ar pudesse ser palpável. Teria São João da Cruz sentido isso em algum momento de sua santa vida? Seria sinal de algum nível de espiritualidade? Ou simplesmente era um sintoma de alguma doença? Todas essas perguntas circulavam por sua cabeça enquanto andava apressado para se afastar daquele local.



Capítulo XIX
O sol

Nonato encontra-se no limiar de uma nova vida. A existência abrirá, em breve, uma porta inesperada e divina para o devoto. O homem vai se defrontar com o espírito de uma figura mítica de Juazeiro do Norte e da fé cristã, não só dessa cidade, mas de todo o nordeste e do Brasil também.

O romeiro estava se afastando do local onde tinha caído e sido ajudado por Gabriel, Costa e Mãe Dondinha. Sentia seu corpo fulgurante. Um formigamento enorme, arrepios no couro cabeludo e uma pressão no centro da sua cabeça, como se alguém pressionasse com o dedo aquela região. Além disso, ondas de um puxão violento lhe acoassavam a coluna e as costas, como uma energia vindo de baixo para cima e de cima para baixo. Mas apesar de tudo não sentia-se diferente como seria de esperar. Deus conta que aquelas sensações o acompanhavam, num nível menor, desde que decidira viajar em busca da sua fé ainda em Exu, onde morava com sua esposa. Porém nas suas andanças desde a terra natal de Luís Gonzaga até Juazeiro do Norte havia acostumado-se a reprimir essas e outras sensações de desconforto a fim de melhor suportar as agruras da viagem a pé.

De repente uma fome pavorosa o invadiu. Também isso o homem já tinha sentido, agora apenas constatava mudanças de muito tempo. O único lugar onde poderia comer naquele momento que estivesse aberto seria o bar da rodoviária. Foi para lá que Nonato dirigiu-se disposto a devorar o que tivesse lá. Provavelmente, um sanduíche de mortadela ou um salgadinho dormido.

Caminhou até a grande rodoviária de Juazeiro. E quando finalmente deu a primeira dentada no pão com ovo que comprara lembrou-se de Gabriel e seus amigos que o auxiliaram. Sentiu-se culpado por tê-los deixados sem nenhuma explicação. Mas, enfim,

não poderia fazer de outro modo porque certamente atrairia à atenção de outras pessoas e o perigo de ser revelada a sua identidade para o investigador que estava em seu encalço era enorme. Acabou de abocanhar o sanduíche e verificou a espada da justiça discretamente. Estava quente o pano que a envolvia, mas não tinha nem sinal de queimaduras. “Graças a Deus” Assim poderia seguir caminho sem maiores problemas.

Quando terminou de comer, a pressão na região da cabeça diminuiu um pouco e as outras sensações também. Porém passou a ouvir uma voz delicada e aveludada. A voz que parecia ser de mulher o impelia a ir até uma área abandonada próximo da rodoviária. E dizia: “O padre tem uma mensagem para você”.

O homem já tinha se acostumado com coisas e acontecimentos estranhos desde que decidira tornar-se umromeiro caminhante e aquilo era só mais uma dessas estranhezas. Por isso, não discutiu com a sua intuição ou com a voz de Nossa Senhora – seria Nossa Senhora novamente? – que indicava aquele caminho. Verificou o lugar antes de entrar para não ser surpreendido por criminosos e quando viu que não havia ninguém lá, sentou-se no chão e pôs-se a orar de olhos fechados. Um matagal com cercas em volta destruídas e algumas carcaças de carros e ônibus antigos nos fundos era onde Nonato havia chegado. Nada indicava que o local guardava qualquer relação com fenômenos místicos ou espirituais, mas a sua “sintonia fina com o divino” dizia que era ali onde o viajante devia estar.

Deixou que a letargia e a morosidade oriunda da ladainha o envolvesse totalmente e, mesmo quando se movia para afastar algum mosquito ou formiga, o fazia com movimentos lentos e suaves.

Ficou assim por alguns minutos até que passou a visualizar uma figura de um homem branco com uma bata preta, um chapéu igualmente preto e um cajado aproximando-se dele com movimentos lentos, mas decididos, extremamente determinados. Vindo por de trás dele, havia uma grande luz que cegava um pouco quando olhada diretamente. O homem abriu a boca e pronunciou uma frase, pausadamente:

“QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS.”

Nonato reconheceu a frase como uma das que o Padre Cícero havia utilizado quando do contato com os cangaceiros em distantes anos atrás. E a aparição realmente tinha muita semelhança com o Padim Cisso. O homem imediatamente fez o sinal da cruz e passou a orar mais fervorosamente. Após alguns minutos de silêncio, de novo a voz vinda da visão falou de novo:

“QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS.”

Nonato agora lembrava-se que tinha achado a espada da justiça na mansão de Maximiliano e agora estava encrencado com investigações da polícia. Na prática, ele tinha surrupiado um objeto valioso. Nem devoto ele era. Ele era um ladrão, nada mais do que isso.

“QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS.”

A visão proferiu novamente a frase lapidar do religioso e fez Nonato sentir calafrios. Lembrou-se que Juazeiro tinha mais ou menos 100 anos de idade e perguntou-se esse tempo era suficiente para ser mal-assombrado...

“QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS.”

Pela quarta vez veio a frase e o viajante notou que o espírito falava mais depressa e com mais ênfase a cada vez que dizia. Parecia uma acusação a Nonato.

“QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS. QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS.”

Da quinta vez a frase veio duplicada, ainda com mais ênfase e o homem sentiu um formigamento nas mãos e uma pressão na cabeça, sensações que o fizeram ajoelhar-se perante a figura de luz que estava na sua frente.

“QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS. QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS. QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS.”

Depois a frase veio triplicada e Nonato estava chorando por sua sorte. O pior de todos os choros, o da pena de si mesmo.

“QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS. QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS. QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS. QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS. QUEM MATOU NÃO MATE MAIS, QUEM ROUBOU NÃO ROUBE MAIS.”

Desta feita a frase transformou-se numa ladainha ininterrupta muito enfática e fazia o homem querer tampar os ouvidos para não ouvi-la. Quando o viajante o fez, a voz aumentou ainda mais a sua intensidade e duração e logo após esse

esses poderes existiam, bem como possessões demoníacas e exorcismos. Não cria que isso fosse o que estava acontecendo e sim que estivesse próximo da santidade, apesar de não se sentir digno dessa designação.

Tirou os pedaços do pano queimado e usou um pedaço de pano velho que tinha sobressalente para enrolar mais uma vez a espada. Enquanto o fazia lembrava que, como era dito na oração centrante, todos temos uma pequena fagulha, uma pequena luz de Deus em nós mesmos. Ele podia sentir essa pequena luz, esse pequeno pedaço de nada agora. Sentia que uma grande etapa do seu caminho findava naquele momento e tudo que havia acontecido o tinha trazido para um momento de encontro legítimo com Deus.



Capítulo XX
O julgamento

Revivido da aparição do Padre Cícero, Nonato deve agora pagar um preço pelo resgate da sua alma. O preço é a responsabilidade para com os seus irmãos de fé. É assim que o homem entenderá esse renascimento divino. Os desdobramentos dessa compreensão deixarão uma profunda marca na sua vida e na vida de muitas pessoas. Mas antes o devoto precisa tomar ciência de que a sua nova realidade expandiu-se a aprofundou-se em todos os níveis de existência.

Há muito Nonato tinha saído da zona de conforto. Desde que chegara a Juazeiro do Norte. Talvez desde que deixara sua família em Exu para começar sua jornada de romeiro. A culminância desse processo estava agora em curso, fazendo-o sentir-se um homem novo. A aparição de Nossa Senhora logo depois que o homem chegara à cidade, deixou-o em prontidão. A certeza de que algo grande e maravilhoso estava para acontecer como premissa básica.

E mesmo que a aparição tenha sido fruto da imaginação do devoto, mesmo que tudo não passasse de ilusão, uma alucinação, ainda assim nada estaria perdido. Valeria à pena lutar por Nossa Senhora, lutar por Jesus, lutar por Deus, nosso Senhor. E a visão do Padre Cícero só confirmava essa certeza, certeza de que Deus tem planos para Nonato, sejam essas aparições verdadeiras ou não.

Mentalmente o caminhante rememorou seu dia desde que pôs os pés na cidade de Juazeiro até aqui. A voz de Nossa Senhora na igreja e depois a Mãe de Deus mesmo fazendo contato com o homem no cubículo abandonado. O primeiro encontro com a sua mainha, Regina; a felicidade que sentiu ao revê-la. O telefonema para Clarisse, a primeira vez que falavam depois de dois anos e apenas uma carta do homem para a esposa; a emoção

que o invadiu. O menino que fugia do policial na feira pelo roubo da rapadura; o seu compadecimento para com o garoto.

O encontro com o padre Venceslau arrumado pelo coroinha. O sacerdote insistiu sobre ter que ir à missa e se confessar, no mínimo, para que Nossa Senhora aparecesse a alguém. Depois, o relacionamento sexual com Karen, a quenga que devia dinheiro. A bem da verdade, tinha sido para Nonato, muito mais do que uma trepada. Na verdade, começara aí, talvez, o aprofundamento da sua jornada espiritual.

O boi de reis na casa da menina que havia se perdido. A festança fora boa e Nonato era o herói porque havia achado a garota. A história contada por Lopes sobre Maximiliano e a ida de Nonato até a mansão abandonada do mago. Lá o homem descobrira a espada da justiça como dissera Nossa Senhora.

O profeta de bata branca esfarrapada e bastão com uma bandeira. Nonato o salvara da confusão com os brigões na feira. E a sua provável morte por ataque cardíaco quando ia ser preso. O repentista frustrado que não tinha mais inspiração e a quem o romeiro contara parte da sua história. Um erro que lhe custaria o encalço por um investigador no futuro.

O encontro com Gabriel na entrada da casa de Mãe Dondinha onde quase Nonato deixara o seu "guarda-chuva", na verdade, a espada da justiça. A Ong de Mário Vasconcelos onde Nonato encomendara uma nova identidade. Um negócio sujo, sem dúvida. Agora revendo, o homem sentia-se mal com a lembrança.

Marta, a cozinheira, disfarçava o sabor salgado demais que ela errara o ponto no panelaço com mais água. A história de Ruivo, o morador de rua que recebera um prato na distribuição da pequizada. A descoberta do estranho calor que irradia da espa -

da. O que poderia estar causando isso? E a reinauguração da praça.

O segundo encontro com a mainha quando ficou sabendo que o procuravam como suspeito de um crime. A conversa com o ex-padre Natalino, que tanto o fez refletir sobre o papel triste e até negativo da igreja, hoje em dia, no cotidiano das pessoas.

A história de Adália que purgava suas dores em barquinhos de papel feitos com cartas do namorado falecido. As tonturas e o mal-estar logo depois de deixar Adália que o levaram a desmaiar na rua. E a ajuda inesperada de Gabriel, Costa e Mãe Dondinha. Como o caminhante teve que praticamente fugir quando acordara para não despertar atenções sobre si. E por fim, a aparição do espírito determinado do Padre Cícero que trouxe uma mensagem já conhecida, mas muito importante.

Tudo o que experimentara naquele dia parecia um sonho ou um pesadelo dependendo do ponto de vista. Mas uma coisa era certa, nunca havia vivido tão intensamente um dia antes em sua existência. “A arte é como a vida” lembrou os dizeres do cordelista que há muito tempo dialogara com o homem, ainda em Exu. “Se você deixar que a arte venha, ela vem. Se você deixar que a vida venha, ela vem.”

Nonato caminhava agora em direção a um grupo de pessoas que rezava fervorosamente. O homem estava bem próximo de onde aconteceriam as festividades de Nossa Senhora das Candeias, numa rua fechada para o trânsito.

Uma das senhoras sorriu para o caminhante e fez sinal para que entrasse também na reza.

-- Que nessa oração, possamos experimentar todo o amor de Deus por nós. -- Começou um senhor já de idade avançada. --

Que possamos experimentar o amor de Deus que deu o seu Filho em sacrifício por amor a todos nós.

-- Virgem Santíssima das Candeias, vós que pelos merecimentos de vosso Filho Onipotente, tudo alcançais em benefício dos pecadores de quem sois igualmente Senhora e Mãe. -- começou o mesmo senhor que havia falado antes as intenções.

Nesse momento Nonato sentiu no seu peito uma leve pressão no coração.

-- Vós que não desprezais as súplicas humanas e nem a elas fechais o vosso coração compassivo e misericordioso. -- continuou o rezador.

O homem sentiu a pressão aumentar. E mais que isso, sentiu que o ritmo da oração era o mesmo compasso do seu coração.

-- Iluminai-me, eu vos peço, na estrada da vida, encorajai-me e encaminhai os meus passos e as minhas orações para o verdadeiro bem.

Dessa vez o ritmo era bem claro, fazia Tum , Tum, Tum. Assemelhava-se não só aos que estavam ali orando, mas também ao ritmo do que acontecia em Juazeiro: os preparativos para a festa de Nossa Senhora das Candeias.

-- Livrai-me de todos os perigos a que está exposta à minha fraqueza. Defendei-me de meus inimigos, como defendeste o vosso amado Filho das perseguições que sofreu sendo menino.

O compasso da romaria repercutia no bater do coração de Nonato e no coração da cidade de Juazeiro. Mesmo aqueles que professavam outro segmento de fé cristã, como os protestantes, evangélicos e espíritas guardavam relação com a festa de Nossa Senhora das Candeias. A negação ou a crítica já era em si uma

reação, também contada no tambor da cidade. Também os ateus e agnósticos que teoricamente nada teriam a ver com a festa, por sua vez, também faziam parte daquele ritmo das batidas. Os anjos em uníssono, juntavam-se aos romeiros. E tudo aquilo, Nonato sentia no âmago do seu ser.

-- Não consintais que eu seja atingido por ferro, fogo e nem por peste alguma, e depois de todos estes benefícios de vossa clemência nesta vida, conduzi a minha alma para a morada dos anjos, onde com Jesus Cristo, vosso Filho e Nosso Senhor, viveis e reinais, pelos séculos.

Nonato sentiu que fazia parte da vida de Juazeiro como participante ativo e que aquelas batidas, como batidas de tambor, -- Tum, Tum, Tum -- estendiam-se ao Brasil inteiro e ao mundo. Todo lugar guardava um ritmo próprio e antes de adentrar aquela determinada localidade era necessário entrar naquele ritmo. O homem sabia que era assim, mas não sabia explicar, simplesmente sabia.

-- Amém.

A oração terminou e as pessoas passaram a conversar umas com as outras. Nonato olhou em volta e não encontrou ninguém conhecido. Mas a senhora que sorriu para o homem antes de começar a reza, foi ao seu encontro.

-- O senhô não é daqui não, num é, moço?

-- Sou de Exu. Vim para a festa.

-- Ah, qui bom. Já vai começá, visse? Farta pouco.

Não se sabe se foi providência divina ou mero acaso, mas o que se deu logo a seguir salvou o devoto. O homem se despediu abruptamente da senhora como num passe de bailado muito bem ensaiado e a senhora sorriu para o homem também se afastando logo a seguir. O que Nonato não tinha consciência era que Cássio

o investigador havia o avistado e lutava para chegar até o suspeito, acotovelando-se com a multidão. Quando chegou finalmente no lugar onde a senhora e Nonato tinham conversado, viu que perdera o homem de vista.

-- Porra, como isso é possível. – praguejou o investigador, esbaforido.

Viu que a senhora que conversava ainda estava lá e foi interrogá-la. A idosa disse a verdade, que não conhecia o homem, mas que este dissera que vinha de Exu.

-- Muito obrigado. Ajudou muito.

“Então era Nonato. Finalmente! Prendê-lo seria questão de tempo.” Imaginou Cássio, olhando várias vezes em volta, sem sucesso.

Logo a contenda teria fim, vejamos o que nos aguarda no próximo capítulo.



Capítulo XXI
O mundo

Toda a aflição por estar tanto tempo longe da mulher e do filho, além de sendo procurado pela justiça, desaparecem por completo da mente de Nonato. O homem sente profundo contentamento -- sem motivo -- e passa a compreender todo o drama e tragédia humanas da vida. Porém, o investigador que o procura alcançará seu objetivo e o romeiro terá que saber viver perigosamente.

Depois da confirmação da presença de Nonato nas festividades, Cássio se viu frustrado em várias incursões ao longo das onze horas da noite. Mostrava a foto da identidade do romeiro a várias grupos de pessoas em volta da igreja, mas sem sucesso.

“Ele está por aqui. Ele está perto.” Pensava o investigador já cansado do longo dia em que tudo acontecera tão rápido quanto inesperadamente. Os parentes do falecido Maximiliano o contataram horas depois do ocorrido -- o roubo da espada do cabo de ouro -- e logo que se inteirou do caso, seguiu uma pista certa que o levou até a identidade na Ong e à mainha do suspeito. Agora estava prestes a efetuar a prisão. Raramente isso acontecia, porque a mente criminosa sempre está um pouco à frente do faro policial. Porém, é bem verdade que Nonato não era um criminoso comum. Talvez fosse apenas um romeiro exaltado. Talvez ele quisesse dar a espada de ouro como contribuição à igreja... “Sim, talvez fosse isso...” Conjecturava Cássio, porque se fosse um ladrão como outro qualquer à essa altura já estaria longe de Juazeiro do Norte, sem dúvida. “Mas alguma coisa o prende aqui e só pode ser a festa de Nossa Senhora das Candeias...” Concluía o ex-policial. “Mas se for assim, talvez o homem não bata muito bem da bola também não. Porque a igreja católica pode ter muitos defeitos, mas não aceitará uma contribuição desse tipo.” E mesmo sendo Cássio um pentecostal de longa data e com tradi -

ção na família, o detetive sabia disso e era justa a sua consideração com a instituição católica.

Não muito longe dali, Nonato experimentava novas e inusitadas sensações. Decididamente o homem estava feliz, muito feliz. Sorria com uma satisfação enorme e se estivesse conversando com alguém – sobre qualquer assunto – certamente estaria gargalhando efusivamente para dividir aquela felicidade. Não tinha, é verdade, motivo para isso, pelo contrário. Mas tal era o contentamento que esquecera todos os problemas.

Sua consciência era de uma inteireza completa e o homem sentia cada ato seu como caminhar, observar, respirar e piscar com extrema clareza. Pequenas coisas como um sorriso de uma moça, ao lado, quando começaram a estourar os fogos da festa de Nossa Senhora das Candeias, tinham um peso todo especial.

O choro de um bebê no colo da mãe, logo ali por perto, não era só um choro, era a vida irrompendo. A alegria do padre que aspergia a água benta em gotas às pessoas próximas da igreja, era a continuidade do legado de Cristo na Terra. Os romeiros que não paravam de chegar à praça, próxima à igreja, eram a pulsação da cidade que se revelava em Nossa Senhora. Os mendigos que buscavam abrigo e algum trocado no meio das festividades, apelando para a boa vontade dos fiéis, eram o retrato de que as coisas não eram, nem de longe, perfeitas, mas haveria esperança, com certeza.

O romeiro rejubilava-se num movimento de compreensão extrema de tudo o que o cercava quando começaram os preparativos finais. Grande parte das 300 mil pessoas presentes ficou em silêncio quando o padre iniciou o que seria o preâmbulo da oração à Nossa Senhora das Candeias:

-- “E disse-lhes: Vem, porventura, a candeia para ser posta debaixo do cesto ou debaixo da cama? Não vem, antes, para se colocar no velador, para que os que entram vejam a luz? Porque não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz. Vede, pois, como ouvis, porque a qualquer que tiver lhe será dado, e a qualquer que não tiver até o que parece ter lhe será tirado.” – Concluiu firmemente o religioso.

Enquanto os fiéis, por sua vez, entoavam, finalmente, a oração caminhando com as muitas lamparinas acesas e as imagens da santa. Com exceção dos postes de luz, todas as outras luzes foram apagadas e o efeito luminoso era de surpreender.

O povo fazia enfim a sua festa de devoção e a Senhora da Luz, Maria, ficaria realmente satisfeita de ver aquela gente que tanto sofre dedicando uma parte da vida a Jesus e ao Pai celestial. As orações atingiram seu ápice na reza dedicada à Virgem Santíssima das Candeias e os fiéis testavam os limites do corpo, cansados do longo dia que transcorreu até quase a meia-noite.

Nonato estava também orando, totalmente absorto em sua devoção, quando ouviu alguém chamando seu nome de muito longe.

-- Eh, Nonato! Nonato! Quero falar com você!

Num átimo de percepção, veio à mente do romeiro que aquilo representava perigo. Não sabia o porquê nem como, mas tinha certeza de que encontrar aquele homem era perigoso. Instintivamente correu em direção aos fundos da igreja, onde havia pouca gente, mas o sujeito era carne de peçoço e não desistia de chamá-lo e vir atrás dele.

“Deve ser o investigador que falou com mainha.” Pensou finalmente Nonato e na mesma hora em que teve esse pensamen -

to notou que a espada da justiça esquentara abruptamente e com muita intensidade por baixo do pano que estava enrolada.

O devoto sacou sua arma de fogo enquanto corria para fora da multidão. Quando viu que havia tomado um caminho errado, sem saída, pensou em se entregar. Foi então que ouviu os gritos de Cássio mais perto.

-- Nonato, eu não quero fazer mal a você!!! Espere!!!

Vindo de muito distante, os dois ouviam também a oração à Nossa Senhora das Candeias feita pelos romeiros.

-- Virgem Santíssima das Candeias, vós que pelos merecimentos de vosso Filho Onipotente, tudo alcançais em benefício dos pecadores de quem sois igualmente Senhora e Mãe.

Quando viu o investigador se aproximar e dizer o nome, identificando-se como detetive particular, Nonato largou o revólver no chão e disse que estava com a espada do cabo de ouro.

-- A espada está aqui pendurada ao lado do meu matulão. – afirmou o caminhante.

-- Isso mesmo Nonato. Boa atitude – disse finalmente Cássio chegando perto e abaixando sua arma também. – Eu sei que você não é ladrão. – completou o ex-delegado.

-- Vós que não desprezais as súplicas humanas e nem a elas fechais o vosso coração compassivo e misericordioso.

Os dois estavam nos fundos da igreja num beco sem saída que dava para um conjunto residencial em construção. Não havia meio de Nonato se evadir da situação e o homem explicou-se da melhor maneira que pôde.

-- Eu não espero que você entenda meus motivos. Mas a verdade é que Nossa Senhora falou comigo numa visão. Ela disse que eu teria que repatriar a espada da justiça. No fim, tudo se

resume a uma coisa: Eu tenho que fazer uma contribuição à igreja.

-- Eu já imaginava isso, Nonato. – falou Cássio. -- Deixa eu ver a espada.

-- Não. Vosmicê tem que me deixar ir embora.

-- Iluminai-me, eu vos peço, na estrada da vida, encorajai-me e encaminhai os meus passos e as minhas orações para o verdadeiro bem.

-- Isso não é possível, visse. Eu vou ter que prender você.

-- A única maneira que você tinha de encontrar minha identidade e meu nome completo como apresentou para a minha mainha era ter ligações com a Ong corrupta do Mário Vasconcelos.

-- Eu não sei do que você está falando...

-- Sabe sim. Aquela Ong desaparece com corpos de pessoas, indigentes. E prepara documentos falsos para quem quiser com os nomes dos cadáveres. Você tem conhecimento disso.

-- Livrai-me de todos os perigos a que está exposta à minha fraqueza. Defendei-me de meus inimigos, como defendeste o vosso amado Filho das perseguições que sofreu sendo menino.

-- Tem certeza? Eu poderia ter pesquisado nos arquivos da polícia.

-- Eu não tenho ficha na polícia. E como você teria conseguido meu R.G. com tanta rapidez?

-- Mas você foi quase um desaparecido durante um ano ou mais quando saiu de Exu. A sua própria esposa pode ter fornecido esses dados.

-- A minha esposa nunca fez isso, ela sabia que eu tinha ido encontrar a minha fé como caminhante devoto e eu mandei uma carta para ela, confirmando isso. É a minha palavra contra a sua.

-- Não consintais que eu seja atingido por ferro, fogo e nem por peste alguma,...

-- É... mas eu sou investigador e você é um ladrão de primeira viagem.

-- Então você confirma que tem ligações com a Ong de Mário Vasconcelos?

-- Digamos que sim, mas isso não vem ao caso.

-- ... e depois de todos estes benefícios de vossa clemência nesta vida, conduzi a minha alma para a morada dos anjos, onde com Jesus Cristo, vosso Filho e Nosso Senhor, viveis e reinais, pelos séculos.

-- Escuta: eu tenho, pelo menos, três pessoas que podem testemunhar a meu favor, a minha Mainha, uma ajudante da Ong e a minha esposa. E você?

-- Está certo, hōmi. Não é provável que eu fosse condenado, mas mesmo assim, não quero meu nome num processo judicial não. Vamos entrar num acordo. Você devolve a espada e eu digo que você fugiu.

-- Amém.

O beco dava para os fundos da igreja, nos quais haviam duas janelas com vitrais bem altas. Ninguém saberia dizer se foi providência divina ou maldição do diabo, mas assim que Nonato e Cássio se entenderam e o primeiro já ia entregar o gládio para o segundo, começou o fenômeno. Nem mesmo Nonato que já tinha visto o objeto queimar muitos panos, estava preparado para o que

viria a seguir. No momento mesmo em que o devoto passava a espada para as mãos do seu perseguidor, da ponta dela surgiram grandes rajadas de fogo que alcançaram o céu, sendo que duas atingiram, em cheio, as janelas de vitrais da igreja, quebrando-as imediatamente.

-- Meu Deus. – gritou Cássio. – A igreja católica.

-- Vá chamar os bombeiros. Eu vou entrar lá e tentar apagar o fogo que tiver.

O detetive concordou. Pegou a arma de fogo de Nonato que estava no chão e os dois se separaram.

Cássio já havia visto muita coisa estranha e inexplicável nos muitos anos como policial e delegado, mas aquilo passava de todos os limites. Como chamas poderiam sair de uma espada? Antes que o homem pudesse se perguntar mais profundamente as razões daquele mistério, percebeu que tinha pouco tempo. Era preciso vencer o medo e tocar a espada para levá-la consigo e avisar aos bombeiros do ocorrido. A arma estava ainda um pouco quente, mas logo esfriou-se nas mãos do detetive.

O homem interpelou um transeunte para chamar os homens da brigada do fogo com o celular deste, já que o seu, estranhamente, não funcionava. Mas quando acabou a ligação percebeu que pouco ou nada os bombeiros poderiam fazer para salvar a construção. As pessoas que estavam dentro do templo haviam saído, mas, mesmo assim, o pânico era geral e a igreja já ardia em chamas.



Capítulo XXII
O louco

Nonato está prestes a encontrar de novo, rapidamente, Luz da Conceição, o repentista que deu com a língua nos dentes para Cássio. Esse rápido encontro selará a sorte de Nonato como mais um santo anônimo e desconhecido pela igreja e pelos fiéis. E trará consequências para o martírio final do nosso herói.

-- “Incendiaram o templo, destruíram os muros de Jerusalém, entregaram às chamas seus palácios e todos os tesouros foram lançados à destruição.” Isso é da Bíblia. Crônicas 36,19 – disse o padre a Cássio, ao vislumbrar o alcance das chamas na igreja.

-- É... Vai destruir tudo, mesmo com os bombeiros tendo chegado já. – disse o investigador que tentava esconder que sabia o que e como tinha acontecido aquilo mas que, mesmo que quisesse, não encontraria palavras para descrever o acontecimento sobrenatural ao religioso. O padre e Cássio tinham se juntado a um grupo de pessoas olhando assustadas para o verdadeiro inferno que tinha se tornado o templo católico e comentavam o que viam entre si.

-- Vamos rezar uma Ave Maria juntos, amigo?

-- Eu não sou católico. Sou evangélico. – disse o detetive se afastando do local.

Cássio estava farto daquela história toda com a espada com cabo de ouro que estava nas suas mãos. Fora coisa demais para um dia só, mas enfim, conseguira o objeto valioso de volta. Enquanto caminhava para fora da multidão, ninguém notava ou estranhava o gládio dourado porque todos se preocupavam com o incêndio.

Não tinha a menor ideia de como aquilo tudo acontecera. Como uma espada poderia criar chamas, fogo? Para o investigador as chamas que saíram da ponta da espada em direção às

janelas da igreja tinham a ver com Nonato. Isso era ponto pacífico na sua cabeça. Porque a espada não tinha nada de incomum, a não ser o cabo de ouro, tudo o mais nela revelava uma arma branca como qualquer outra. Muito bem trabalhada e com o fio extremamente cortante, mas não passava disso. Além do mais, o celular tinha falhado. Isso também era “trabalho sobrenatural” que guardava relação com o foragido. Fosse o que fosse que tivesse acontecido era da vontade de Deus que o romeiro ladrão da “espada da justiça”, como o mesmo chamara, ficasse livre. Pelo menos era o que parecia, até aquele momento.

Minutos antes do que se sucedera com Cássio e o padre, não muito longe dali, Nonato vivia seus últimos momentos em Juazeiro. Tinha acabado de entrar pela porta dos fundos da igreja e avisara, gritando a todos para que saíssem do templo porque estava em chamas, como alguns já sabiam.

-- Saíam, saíam todos!!! É um incêndio!!!! -- esforçava-se Nonato por se fazer entendido, rapidamente, no que fora bem sucedido.

Não deixava de ser poético e até apropriado o desfecho de toda aquela contenda do viajante com a espada da justiça que causara o incêndio. Afinal, “os vendilhões do templo” foram expulsos e a igreja foi destruída. Igreja que tanto se posiciona contra seus próprios fiéis com hipocrisia de quem cobra fraternidade, contribuições, dizimo, mas é dona de uma fortuna em ouro e objetos valiosos no Vaticano. Se o tesouro em peças de arte, joias e objetos valiosos fossem empregadas em obras de caridade... “Bom, deixa para lá.” Essas coisas passavam pela cabeça do homem quando já estava vazio o lugar e fedendo muito à fumaça.

Depois que verificou que nada mais podia fazer o homem também saiu, lembrando logo de Clarisse e seu filho, Felipe. Muito tempo sem vê-los. Tempo demais. Agora poderia, enfim, voltar para casa.

Mas não teve tempo de elaborar esses pensamentos, porque avistou logo na porta dos fundos alguém conhecido. Quem mais do que Luz da Conceição, o repentista. Totalmente bêbado, a cantar bravatas, o músico reconheceu Nonato, apesar do estado em que estava.

-- Hômi, me adesculpe... Que bom encontrá-lo. Eu... tenho que te confessar. Conteí toda a sua história prum detetive, num sabe?

-- Não faz mal. Eu já desconfiava que você tinha feito isso. Tudo bem. Só não diga a ninguém que me viu aqui. -- respondeu Nonato evasivo.

-- E a espada da justiça? Entregasse para a igreja?

-- Não. Não pude. Está com o investigador agora. Melhor assim. Porque esse incêndio foi causado por chamas que saíram da ponta daquela arma branca.

-- É uma espada encantada? – perguntou estupefato Luz.

-- Talvez seja amaldiçoada. Mas isso não vem ao caso. Agora estou livre. Livre mesmo. De tudo. Deus está comigo porque eu sou santo. E Jesus é três vezes santo. Com o Senhor estamos em paz, visse?

-- Espera... – interrompeu o violeiro de repente. -- O que é isso? Está ouvindo, hômi? – perguntou o bêbado ao ouvir pedidos de socorro vindo de dentro da igreja. Nonato apurou os ouvidos e percebeu também gritos vindos dos fundos, mas precisamente do banheiro que ficava bem longe de onde estavam.

-- Vá avisar os bombeiros que ainda tem gente aqui den-

dentro. Eu vou lá ajudar. Vá! Rápido! -- ordenou o devoto a Luz e correu para a direção dos gritos de socorro.

Logo após alcançar a porta do banheiro e verificar que estava trancada e por isso alguém ficara preso lá; atrás de si, uma viga mestra de madeira desabou com a força das chamas que já consumiam quase tudo. A pessoa trancada era uma senhora que não parava de gritar. Separados assim pelo fogo, do resto da igreja, ficaram Nonato e a idosa.

O que se viu a seguir foi um verdadeiro inferno. Muitas partes da igreja que eram revestidas de madeira acabavam-se de todo. Tudo parecia perdido para Nonato e para a senhora que estivera presa no banheiro. A fumaça tornava a respiração quase impossível e o calor, insuportável.

Como num ato de heroísmo, o viajante arrombara a porta e indicara para a idosa uma pequena saída que ainda existia para o outro lado do templo, o da porta principal. Assim que a senhora passou por essa fresta, o caminho se fechou novamente por tocos de madeira incendiados que não paravam de cair do teto. Pouco depois a idosa saía de uma morte certa para a liberdade da vida. Seus familiares nem sabiam onde ela estava, porque tinha vindo sozinha à igreja. Mas o que viram o que se sucedeu, não paravam de dizer:

-- Um verdadeiro milagre! -- Espantando-se todos dela ter conseguido se salvar.

Algures, já bem afastado da multidão de curiosos que se aglomerava em volta do fogaréu, o nosso detetive Cássio empunhava a espada com cabo de ouro e murmurava frases desconexas, tentando trazer sentido ao acontecido. Quando avistou a mainha de Nonato, Dona Regina, os dois trocaram alguns olhares furtivos e após esses breves momentos, o

investigador acenou e recebeu um aceno de volta. Cúmplices e culpados, separados e inocentes, ao mesmo tempo, os dois descobriram um novo alento para suas vidas na figura de Nonato. Aquele homem havia posto a vida dos dois em contato, por meios estranhos e errados, é verdade, mas o encontro havia se dado por causa do viandante.

Sem dizer nenhuma palavra, Cássio entregou a identidade do viajante à sua mãe de criação, apenas acrescentando uma frase quando Dona Regina interpelou, “O que aconteceu, Seu Cássio?”

-- Algumas coisas são para serem esquecidas. – respondeu o detetive taciturno e misterioso como o deslindar do ocorrido.

Dizer que o sucedido fora obra de Deus não estava bem, mas tampouco podemos dizer que o diabo tinha deflagrado uma maldição; porque talvez o corpo de Nonato não fosse encontrado nunca mais e nem seu paradeiro fosse descoberto em tempo algum. Não sabemos, já que nossa narrativa se resume ao dia da celebração de Nossa Senhora das Candeias em Juazeiro do Norte. Mas o certo é que a santidade do viajante e a sua espada flamejante provavelmente inundariam de novas ideias para cantigas a imaginação de Luz da Conceição. E não tardaria muito, quem sabe, para que o violeiro colocasse em verso o relato do santo de Juazeiro.

“Nasceu: padeceu, morreu...

Sepultou-se: a terra come...

Isto é certo acontecer,

Seja muié, seja home;

Mas Serrador deixa a fama,

Sempre se fala no nome!...” (João Faustino)

Este romance participou do desafio “Romance Brasil . Pra mim basta um dia” do Desafios dos Escritores no Núcleo de Literatura da Câmara dos Deputados de Brasília com coordenação do professor Marco Antunes.

Sobre o autor:

Mauricio Duarte é natural de Niterói, RJ. Escritor, poeta , artista plástico e ilustrador, Mauricio é formado em Desenho Industrial – Programação Visual na Escola de Belas Artes da UFRJ. Formou-se também em Web Design no SENAC de Niterói . RJ.

Publicou sob demanda, em 2008, o livro Anti-arte . experimentos em artes visuais e poesia conspiracional. Fez parte do Catálogo Biennali Del Libro d´artista da LineaDarte em Nápoles, na Itália em 2009. Já participou de duas exposições virtuais coletivas na Galeria Monalisa: Talentos 2010 e Formas e Cores em 2011. Teve sua obra publicada no Catálogo Anuário Brasileiro de Artes Plásticas Consulte da Editora Roma, em São Paulo, 2011.

Teve sua biografia incluída no livro Perfis Biográficos de artistas gonçalenses pela São Gonçalo Letras e Prefeitura de São Gonçalo em 2011. Participou da exposição Livre para Criar, em 2011, da Nossa Galeria de Arte e da exposição virtual coletiva Legado da Arte no ano de 2013. Atualmente faz parte do catálogo online da Nossa Galeria de Arte.

O artista já foi colunista do site No Mundo e Nos Livros onde realizava contribuição bimestral para coluna sobre artes visuais e literatura e atualmente é colunista do site Divulga escritor numa coluna sobre artes visuais e literatura.

Mauricio mora em São Gonçalo e é conhecido como Anuragi, seu nome como neossanyasin.

Este livro foi composto no outono de março de 2015 nas tipologias Lucida Calligraphy e Imprint MT Shadow.